



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E  
DOCUMENTAÇÃO  
BIBLIOTECONOMIA

**A FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE BILITECONOMIA  
DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB: A LEITURA EM  
QUESTÃO**

**KELY VIANA DE OLIVEIRA**

Brasília - DF

2013

**KELY VIANA DE OLIVEIRA**

**A FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA  
DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB: A LEITURA EM  
QUESTÃO**

Monografia apresentada à Faculdade de  
Ciência da Informação da Universidade  
de Brasília, como requisito parcial para  
obtenção do grau de bacharel em  
Biblioteconomia.

Orientador (a): Dra. Kelley Cristine  
Gasque

Brasília - DF

2013

O48f Oliveira, Kely Viana de.

A formação dos estudantes de Biblioteconomia da  
Universidade de Brasília - UnB: a leitura em questão. Kely  
Viana de Oliveira. Brasília, 2013.

111 f.; 30 cm.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) -  
Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília,  
2013.

Orientação: Kelley Cristine Gasque

1. Formação do bibliotecário. 2. Leitura. 3.  
Biblioteconomia UnB (currículo graduação; leitura). I. Título.

CDU 02:037



**Título: A formação dos estudantes de biblioteconomia da Universidade de Brasília-UnB: a leitura em questão.**

**Aluna:** Kely Viana de Oliveira.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 10 de julho de 2013.

**Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque** – Orientadora  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Dulce Maria Baptista** - Membro  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Mariana Giuberti Guedes** – Membro externo  
Bibliotecária do IBICT  
Mestre em Ciência da Informação

*Dedico este trabalho aos meus pais,  
Diógenes e Lúcia, pelo amor incondicional  
e por terem ensinado tudo o que sou e o  
que ainda serei.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela constante presença em minha vida.

À minha Mãe, Lúcia, a quem devo simplesmente tudo o que sou, por ser tão Amorosa, Dedicada, Linda, Maravilhosa! Mãe, obrigada por tudo, sua força, seu apoio e seu Amor me fortalecem!

Ao meu Pai, Diógenes, por ser a pessoa mais serena e engraçada que eu conheço. Pai, obrigada pela alegria e por ser o meu Pai.

Ao meu irmãozinho, Wagner “cara de coruja”, pelo companheirismo, pela amizade e alegria... Irmão, Guitarrista, Rockeiro, Nerd e futuro Engenheiro da Maninha.

Aos meus Avós Faustina, Osório, Lormina, Raimundo e Joaquim (*in memorian*), pela grande e incrível família que construíram, da qual eu tenho muito orgulho de fazer parte.

À Luna, Neném canino, pelo amor e amizade.

Aos Tios e Tias, Primos e Primas em especial à minha Tia, Celeste “Diva”, pelo amor e carinho. À Madrinha Lúcia. Aos primos André, Bruninho, pela força e carinho. Às minhas Primas-Irmãs, Paty, Nanda, Karina e Aline, pela amizade, pelo amor e por tudo que vivemos juntas. Amo vocês para todo o sempre! Aos afilhados Mickael e Juliano “A Mads ama”.

Aos meus amigos, que de uma forma ou de outra me acompanharam até aqui: Rhona, futuro Dr. (Te adoro, Rhoninha, você acompanhou esse sonho desde que ele era uma ideia... consegui!), Rhodie (pelo carinho, consideração e pelas dicas de como começar a fazer uma monografia hihhi! Te Adoro, Rhodinho), Juliana, Fernando, Thaís, Zeca, Jú. Aos amigos da graduação em especial, à Marcella (M.), Tiago, Paula, Thayane, Sara Sarinha, Carolina, Rosane, Luiza, Bruninha, Carol, Willians, Livia, Gabi, Rebeca pela amizade e alegria durante esses longos e lindos anos. Eu quero para a vida toda!

Em especial à Ludmilla, pela força, alegria, comidas veganas, filmes, Pérola, Mãe, Te amo, amiga! Obrigada pelo apoio em todos os momentos, sem você tudo seria mais difícil.

Aos Professores da graduação, principalmente à Professora Kelley Cristine Gasque, pela orientação segura e carinhosa e pela confiança depositada em mim.

A todos o meu Amor.

*“Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma só coisa - a inteira - cujo significado e vislumbração dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver - e essa pauta cada um tem - mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo-o-mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado. Ah, porque aquela outra é a lei, escondida e vivível, mas não achável, do verdadeiro viver.”*

*João Guimarães Rosa  
Grande Sertão: Veredas*

## RESUMO

Analisa a leitura no âmbito da formação do estudante do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília UnB, bem como a percepção em relação ao contexto profissional. Caracteriza-se por ser um estudo de caso, com abordagem quali-quantitativa, com a utilização de análise documental e questionário para coleta de dados. Os resultados principais mostram que o currículo do curso de Biblioteconomia não possui disciplinas que abordam aspectos ligados ao aprendizado de técnicas para estimular e ensinar o hábito de leitura. Além disso, os estudantes declaram que o referido curso Biblioteconomia enfatiza os aspectos técnicos da profissão, conseqüentemente sentem-se despreparados para mediar e incentivar a leitura.

**Palavras-chave:** Leitura. Formação do Bibliotecário. Currículo de Biblioteconomia. Universidade de Brasília.



## **ABSTRACT**

It analyses reading in the scope of Librarianship undergraduates' studies at University of Brasília (UnB), as well as the perception of the professional context. It is characterized as a case study, with a qualitative-quantitative approach, by means of document analysis and questionnaire for data collection. The main results show that no subjects in the curriculum approach the learning techniques which stimulate and develop the reading habit. Moreover, students claim that the mentioned Librarianship course focuses on the technical aspects of the profession, so that they feel unable to mediate and foster reading.

**Keywords:** Reading. Librarian studies. Librarianship curriculum. University of Brasília.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Matérias do 1º Semestre de Biblioteconomia - UnB.....	54
Quadro 2 - Matérias do 2º Semestre de Biblioteconomia - UnB.....	54
Quadro 3 - Matérias do 3º Semestre de Biblioteconomia - UnB.....	54
Quadro 4 - Matérias do 4º Semestre de Biblioteconomia - UnB.....	55
Quadro 5 - Matérias do 5º Semestre de Biblioteconomia - UnB.....	55
Quadro 6 - Matérias do 6º Semestre de Biblioteconomia - UnB.....	55
Quadro 7 - Matérias do 7º Semestre de Biblioteconomia - UnB.....	55
Quadro 8 - Matérias do 8º Semestre de Biblioteconomia - UnB.....	56
Quadro 9 - Matérias Cadeia Seletiva 2 Biblioteconomia - UnB .....	56
Quadro 10 - Matérias Cadeia Seletiva 3 Biblioteconomia - UnB .....	56
Quadro 11 - Matérias Cadeia Seletiva 4 Biblioteconomia - UnB .....	56
Quadro 12 - Matérias optativas FCI - UnB .....	57

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero dos estudantes de Biblioteconomia da UnB .....	58
Gráfico 2 - Faixa etária estudantes de Biblioteconomia da UnB .....	59
Gráfico 3 - Predominância das disciplinas cursadas .....	60
Gráfico 4 - Local de moradia dos estudantes .....	60
Gráfico 5 - Renda mensal familiar dos estudantes .....	61
Gráfico 6 - Ensino fundamental .....	62
Gráfico 7 - Ensino médio .....	62
Gráfico 8 - Dificuldades de concentração .....	63
Gráfico 9 - Dificuldades de compreensão .....	64
Gráfico 10 - Disponibilidade de tempo para leitura .....	64
Gráfico 11 - Interesse pela leitura .....	65
Gráfico 12 - Conhecimento de estratégias de leitura .....	65
Gráfico 13 - Paciência para leitura .....	66
Gráfico 14 - Vocabulário escasso .....	66
Gráfico 15 - Problemas ou limitações físicas .....	67
Gráfico 16 - Disciplinas com conteúdos sobre ensino de leitura .....	69
Gráfico 17 - Justificativa: disciplinas que fundamentam o trabalho relacionado à leitura e seus recursos .....	70
Gráfico 18 - Teorias sobre leitura e aspectos cognitivos .....	71
Gráfico 19 - Didática para o ensino da leitura .....	71
Gráfico 20 - Planejamento de atividades ligadas ao incentivo à leitura .....	72
Gráfico 21 - Conhecimentos de políticas públicas para o livro e a leitura .....	72
Gráfico 22 - Adequação das características de livros às faixas etárias .....	73
Gráfico 23 - Mediação e acesso à informação .....	73
Gráfico 24 - Capacidade de formação continuada .....	74
Gráfico 25 - Leitura literária .....	75
Gráfico 26 - Leitura informativa .....	76
Gráfico 27 - Leitura acadêmica .....	76
Gráfico 28 - Frequência de leitura: Romance .....	77
Gráfico 29 - Frequência de leitura: Fábula .....	78
Gráfico 30 - Frequência de leitura: Cordel .....	78
Gráfico 31 - Frequência de leitura: Drama .....	79

Gráfico 32 - Frequência de leitura: Poesia/Poema .....	79
Gráfico 33 - Frequência de leitura: Conto.....	80
Gráfico 34 - Frequência de leitura: Crônica.....	80
Gráfico 35 - Frequência de leitura: Religioso .....	81
Gráfico 36 - Frequência de leitura: Auto-ajuda.....	81
Gráfico 37 - Gênero da última leitura realizada .....	82
Gráfico 38 - Tempo de realização da última leitura .....	83
Gráfico 39 - Obra técnica .....	84
Gráfico 40 - Frequência de leitura: Periódicos científicos.....	84
Gráfico 41 - Blogs/Sites especializados .....	85
Gráfico 42 - Redes sociais .....	85
Gráfico 43 - Frequência de leitura: Revistas .....	86
Gráfico 44 - Jornais .....	87
Gráfico 45 - Blogs/Sites.....	87
Gráfico 46 - Redes sociais .....	88
Gráfico 47 - Leituras realizadas anualmente .....	89
Gráfico 48 - Disciplina de Biblioteconomia e formação do leitor.....	90
Gráfico 49 - Disciplina de Biblioteconomia e não formação do leitor.....	90
Gráfico 50 - Mediação e incentivo à leitura .....	91
Gráfico 51 - Motivos para justificar a não mediação no incentivo à leitura .....	92

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEBD	Associação Brasileira de Ensino em Biblioteconomia e Documentação
a.C	antes de Cristo
ALA	American Library Association
Abep	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
BN	Biblioteca Nacional
CCEB	Critério de Classificação Econômica Brasil
CEPE	Conselho de Ensino e Pesquisa e Extensão
CID	Departamento de Ciência da Informação e Documentação
CPS	Centro de Políticas Sociais
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
Mercosul	Mercado Comum do Sul
OTI	Organização e Tratamento da Informação
Sesu	Secretaria de Educação Superior
TI	Tecnologias da Informação
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b>	15
1.2 Objetivo geral	15
1.2.1 Objetivos específicos	15
1.3 Justificativa	16
<b>2 LEITURA</b>	17
2.1 Conceito	17
2.2 História da leitura	22
2.2.1 Evolução da leitura	26
2.3 Competências e habilidades de leitura	29
2.4 Estratégias de leitura	30
<b>3 BIBLIOTECONOMIA</b>	33
3.1 Conceito	33
3.2 História da Biblioteconomia no Brasil	34
<b>4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA BIBLIOTECONOMIA</b>	41
4.1 A leitura no currículo da graduação	41
4.2 A leitura na organização e no tratamento da informação	43
4.3 O bibliotecário como formador e incentivador de leitores	45
<b>5 METODOLOGIA</b>	49
5.1. Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da UnB50	
<b>6 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS</b>	53
6.1 Coleta e processamento dos dados	57
6.2 Perfil dos estudantes	58
6.3 Dificuldades de leitura	63
6.4 Disciplinas que fundamentam o trabalho de incentivo à leitura e o desenvolvimento de recursos para o aprendizado da leitura	69
6.5 Habilidades, atitudes e conteúdos necessários para ensinar a prática leitor	70
6.6 Práticas de leitura	75
6.6.1 Leitura literária: gêneros e frequência de leitura	77
6.6.2 Última leitura literária realizada	82
6.7 Leitura acadêmica: fontes e frequência	83
6.8 Leitura informativa: fontes e frequência	86
6.9 Obras lidas anualmente	88
6.10 Disciplinas obrigatórias da Biblioteconomia: formação de leitores	89
6.11 Perspectivas profissionais: mediação e incentivo à leitura	91
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	93
<b>REFERÊNCIAS</b>	95
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES</b>	101
<b>ANEXO A - EMENTAS DAS DISCIPLINAS QUE POSSUEM CONTEÚDOS DE LEITURA</b>	108

## 1 APRESENTAÇÃO

A importância da leitura, segundo Freire (2011), precede a alfabetização, ou seja, a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra escrita. A leitura do mundo é essencial para uma leitura crítica da realidade, isso implica na relação entre o texto e o contexto.

De acordo com a pesquisa realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro, que revela os hábitos de leitura dos brasileiros, *Retratos da Leitura no Brasil 3*, fazer do Brasil um país de leitores é o desafio de todos os envolvidos na educação. Segundo os dados obtidos nessa pesquisa, o Brasil possui 88,2 milhões de leitores, o que representa 50% da população.

Em 2007, a mesma pesquisa identificou 7,4 milhões a mais de leitores, isto é, 55% da população era constituída de leitores. Diante disso, é cada vez mais importante que os agentes incentivadores da leitura estejam preparados para atuarem como tal.

O presente trabalho visa analisar a questão da leitura no âmbito da formação do estudante de Biblioteconomia, bem como a percepção em relação ao contexto profissional, do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB).

### 1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar a questão da leitura no âmbito da formação do estudante, do curso de graduação em Biblioteconomia da UnB, bem como a percepção em relação ao contexto profissional.

#### 1.2.1 Objetivos específicos

- 1) Identificar o perfil do estudante de Biblioteconomia da UnB;
- 2) Identificar conteúdos sobre leitura nas disciplinas ofertadas no curso de graduação em Biblioteconomia;
- 3) Investigar as práticas de leitura do estudante de Biblioteconomia;
- 4) Verificar a percepção do estudante de Biblioteconomia sobre as competências para ensinar e estimular leitores.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

A palavra ler apresenta diversos significados: decodificação de palavras; processo que permite a relação entre nós e o mundo; proporciona o conhecimento; permite a visualização da realidade, entre outros. Há inúmeras definições e conceitos para o termo leitura, assim como as dimensões em que se insere, quais sejam, política, social, instrumental e técnico. Nesse contexto, o ato de ler está diretamente ligado ao conhecimento. Por meio da leitura é possível internalizar a informação disponível nos mais variados suportes e fontes. (ALMEIDA JÚNIOR, 2007).

Segundo Souza (200?), o bibliotecário e o professor surgem como mediadores da informação, tanto para orientar a utilização como para formar leitores. A construção do conhecimento ocorre nos espaços como a escola e a biblioteca. O bibliotecário e o professor possuem grande responsabilidade, que se inicia com a escolha da área profissional até seu exercício.

A leitura é uma importante atividade do bibliotecário, essencial na prática de suas funções. O bibliotecário trabalha com a memória científica, literária e artística, em que sua principal ferramenta de trabalho é a leitura. Por meio da leitura o bibliotecário classifica, indexa, atribui palavras-chave e descritores que facilitarão a recuperação da informação, seja nas bibliotecas ou nos arquivos nos mais variados formatos. (LUCAS, 2000).

Diante disso, a leitura é intrínseca à formação do profissional da informação, em questão, o bibliotecário. Ele utiliza a leitura para exercer atividades técnicas como, classificar e indexar, bem como exercer o papel de educador, promovendo e incentivando a leitura. “A leitura não está sujeita apenas a ideia de promoção nos espaços das bibliotecas públicas e escolares, mas está presente em toda ação profissional” (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 43).



## 2 LEITURA

A fundamentação do estudo baseou-se em revisão de literatura, feita por meio de pesquisas em livros, artigos, anais de congressos, seminários, trabalhos acadêmicos e páginas na Internet. O conteúdo abordado na revisão de literatura abrange a leitura e a Biblioteconomia, aprofunda-se no conceito, na história e na evolução de ambas. Apresenta as competências, as habilidades e as estratégias de leitura e relaciona a sua importância na graduação em Biblioteconomia, o que é de suma importância para a análise das funções profissionais do bibliotecário. Dessa forma, a revisão de literatura inclui os seguintes tópicos: leitura: conceito; história da leitura; evolução da leitura; competências e habilidades de leitura; estratégias de leitura; Biblioteconomia: conceito; história da Biblioteconomia no Brasil; a importância da leitura na Biblioteconomia: a leitura no currículo da graduação; a leitura na organização e no tratamento da informação e o bibliotecário como formador e incentivador de leitores.

### 2.1 CONCEITO

A leitura é objeto de estudo em diversas áreas do saber. A Biblioteconomia, a Psicologia, a Pedagogia, a Sociologia e a Filosofia são exemplos das múltiplas disciplinas que pesquisam a leitura, apesar disso, ela permanece uma questão científica esfacelada. (CHARTIER, 1995). Dumont (2007) afirma que a análise da leitura é um mosaico e a mediação de diferentes áreas do conhecimento esboça seu *corpus* teórico.

Na obra *A importância do ato de ler*, Freire (2011) enfatiza que o processo de leitura não se trata apenas da decodificação de palavra escrita, ou seja, para que haja compreensão daquilo que se lê com uma leitura crítica da realidade, a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra.

O referido autor demonstra essa ligação, relatando as próprias experiências de vida. Inicia com a memória da infância, quando ainda não lia as palavras. As primeiras leituras deram-se em seu “primeiro mundo”, o ambiente da casa que vivia, com os cômodos e o quintal, onde ele deu os primeiros passos e pronunciou as primeiras palavras.

Assim, os “textos”, as “palavras” e as “letras” representavam-se no canto dos pássaros e no balançar das copas das árvores, que precediam as chuvas e os trovões. Representavam-se nas nuvens do céu, na cor das folhas e dos frutos, que o permitiam saber se estavam verdes ou maduros. Representavam-se na convivência com os animais de estimação e com os adultos.

Esse foi o cenário da leitura do mundo de Freire até os seus primeiros contatos com a escola. Freire chegou à escola alfabetizado e para ele, a leitura da palavra não significou a suspensão da leitura do mundo, mas sim, complementou.

A leitura pode significar aquilo que se lê, bem como a ação de interpretar. Ler é a ação que torna a leitura possível, ler é “percorrer com a vista, proferindo ou não as palavras, mas reconhecendo-as; pronunciar em voz alta, recitar; ver e estudar, perceber sinais, signos, mensagens [...]” (FERREIRA, 2012). As definições do dicionário retratam a leitura como algo mecanizado, as expressões: “percorrer com a vista”, “perceber sinais”, “pronunciar em voz alta” apresentam a leitura como a execução de reconhecimento das palavras. O dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia acrescenta a definição, entre outras, “[...] ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral [...]” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 222).

Definir a leitura não é uma tarefa fácil, pois o ato de ler não é absoluto e sim variável. No sentido moderno de seu significado, a leitura é “a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos. O leitor emprega os símbolos para orientar a recuperação de informações, uma interpretação plausível da mensagem do escritor” (FISHER, 2005, p. 11).

Porém, até chegar a esse entendimento sobre o que a leitura representa, a definição sofreu várias transformações no decorrer do tempo. Nos primórdios, a leitura era considerada a obtenção de informação por meio de qualquer sistema codificado, posteriormente, tratava-se da capacidade de compreender um texto contínuo com símbolos escritos em alguma superfície gravada. Atualmente, agregou-se ao significado de leitura a obtenção de informações codificadas de uma tela eletrônica. Fisher (2005) acrescenta que a definição de leitura continuará em constante mutação, por trata-se de uma aptidão, que evoluirá de acordo com o avanço da humanidade, visto ser considerada um indicador dessa evolução.

Na busca por uma definição mais completa da leitura, Sutter (2002) investigou e analisou a etimologia da palavra leitura e as mudanças de significado ao longo de um período histórico. A reflexão inicia-se apontando o verbo ler como a base etimológica da palavra leitura. Ler, do latim *legere*, representa a ação de colher, ajuntar, armazenar. Era uma palavra pertencente ao vocabulário agrícola, assim como a civilização romana apresentava-se na antiguidade: *legere oleam* (colher azeitona).

Percorrendo esse caminho, e partindo do princípio de que a palavra *legere* configura colher, é importante considerar o ato de colher no contexto dos antigos. Colher, para as civilizações arcaicas, era considerada um ato sagrado, pois por meio da colheita podia-se garantir a sobrevivência das pessoas. Sutter (2002) destaca ainda que colher não é meramente juntar e apanhar, é necessário selecionar, escolher o que se colhe para depois armazenar. Também derivaram de *legere* os verbos *seligere* (selecionar), *eligere* (escolher) e *intellegere* ou *intelligere* (compreender).

Com a evolução semântica, o verbo passou a representar outro espaço semântico. De *legere oleam* (colher azeitona) para *legere librum* (ler um livro). Não se sabe ao certo como se deu essa mudança. Sendo assim, considerando o significado da palavra colher e armazenar é possível relacioná-los ao ato de ler, isto é, colher conhecimento e armazená-lo na memória. A memória caracteriza-se por relacionar a mente concomitante a lugar de armazenamento de lembranças, de conhecimento, que pode ser alcançado individualmente, por meio da sua própria história, ou socialmente, quando inserido em uma cultura compartilhada. (SUTTER, 2002). Assim, a palavra ler traz o significado histórico de um arranjo, que traça pontos importantes que envolvem a ação de ler: selecionar, escolher, colher e armazenar, utilizando a memória.

De acordo com Silva (2005), ler é, primeiramente, compreender. Em suas pesquisas defende que a busca do significado da leitura envolve um caminho mais arraigado e cuidadoso, pois exige análises interdisciplinares. Por isso, aborda o tema sob aspectos propostos pelo fundamento filosófico voltado à ontologia. Citando Heidegger, segundo Silva (2005), o homem possui a frente de si várias possibilidades de ser. As possibilidades fazem o homem projetar-se como ser,

dentro do mundo e as projeções do vir a ser lhe causa a inquietação. Com isso, a leitura vincula-se à compreensão, visto que, compreensão é a autodescoberta do ser, de sua capacidade de potencialidade-para-ser, ou seja, o contato com a linguagem feito por meio da leitura pode oferecer ao homem diversas possibilidades de ser e isso só é possível se o homem compreender o que lê. Além disso, segundo Coreth (1973, p. 43) a existência humana concretiza-se pelo uso da linguagem:

Nosso mundo, a saber, o todo do nosso horizonte de compreensão, pelo qual se torna possível a compreensão de cada uma das coisas, é sempre um determinado “mundo linguístico”, ou seja, um mundo aberto pela linguagem, linguisticamente interpretado, linguisticamente mediado, e isso numa língua sempre determinada, historicamente recebida por tradição, língua em que crescemos, em que vivemos e pensamos e na qual se realiza a nossa compreensão.

Barthes e Compagnon (1987) afirma que o ponto de vista das diversas disciplinas mantém a leitura como uma questão invariável, diante disso, a palavra leitura, possui um significado vago e não remete para um conceito, e sim para um grupo de práticas codificadas, ligadas histórica e socialmente. As práticas de leitura segundo o autor são:

Ler é uma técnica

Uma técnica de decodificação, por meio do qual os signos são inscritos em códigos, seja ele escrito, musical ou um diagrama, a leitura permite decodificá-los. É uma técnica que precisa ser aprendida, sendo assim, necessita de uma pedagogia.

Ler é uma prática social

A leitura e a escrita sempre estiveram ligadas ao poder. Inicialmente a leitura era uma prática restrita, sendo utilizada por um pequeno grupo ligado ao poder e a religião. Os leitores eram limitados aos clérigos que detinham as escrituras sob seus domínios, considerada assim, uma forma de discriminação social.

Ler é uma forma de gestualidade

Nesse ponto, Barthes e Compagnon (1987) evidencia a diferença entre a escrita (codificação e criação) e a leitura (mental e abstrata). Relata que houve momentos em que a escrita possuía mais valor do que a leitura, por estar ligada à criação, enquanto a leitura estaria mais relacionada a uma atitude passiva, de consumo. Esse pensamento perdurou até o momento em que a leitura passou a integrar os gestos por meio da interpretação dos atores, da retórica e do teatro.

Ler é uma forma de sabedoria

Considerada como alternativa de acesso ao conhecimento, a denominada leitura-sabedoria era recomendada na Idade Média como exercício, que deveria ser cumprido regularmente com horários fixos para a leitura de textos sagrados e a leitura de bons autores.

Ler é um método

A retórica era um método de escrita criado principalmente para a produção de discursos e posteriormente pra escrever obras. Com a ascensão da burguesia tornou-se importante o aprendizado da leitura e a prática da leitura torna-se então um método intelectual, a leitura crítica como desenvolvimento de um método intelectual aplicado para traçar o saber.

A leitura via etimologia

Assim como Sutter (2002), Barthes e Compagnon (1987) analisaram a etimologia da palavra leitura, do latim *legere*. Além de “colher”: ter acesso seletivo ao conteúdo, Barthes identificou outro termo derivado da palavra *legere*: “percorrer”, que significa acessar o conteúdo de modo continuado.

Etimologicamente, o significado da palavra leitura já traz conceitos que incorporam o sentido. Assim como as análises das diferentes áreas se complementam e permitem a visualização de características como: decodificação, que necessita de uma pedagogia para ser aprendida e compreensão, por meio do qual os códigos são interpretados, selecionados e apreendidos como conhecimento.

## 2.2 HISTÓRIA DA LEITURA

Nesse tópico será tratada a história da leitura e sua relação com a escrita, que se inicia na pré-história, em aproximadamente 3500 a.C. Apesar de ser o período anterior à escrita, foi na pré-história que as primeiras manifestações de registro foram identificadas, por meio das pictografias. Apresenta-se também, o desenvolvimento e a evolução da leitura, até a atual configuração com a chegada do formato eletrônico, que surge no século XX.

A história da leitura relaciona-se à história da escrita, porém, a leitura é anterior a escrita. Segundo Fisher (2005), a relação leitura e escrita é pautada no contraste:

A escrita originou-se de uma elaboração; a leitura desenvolveu-se com a compreensão mais profunda pela humanidade dos recursos latentes da palavra escrita. A história da escrita foi marcada por uma série de influências e refinamentos ao passo que a história da leitura envolveu estágios sucessivos de amadurecimento social. Escrita é expressão, leitura é impressão. A escrita é pública; a leitura, privada. A escrita é limitada; a leitura, infinita. A escrita congela o momento. A leitura é para sempre (FISHER, 2005, p. 8).

Desde os primórdios, o homem sente a necessidade de se comunicar e transmitir informações entre si e para as gerações futuras. Os símbolos deixados nas cavernas pelos pré-históricos é um exemplo particular dessa necessidade, que impulsionou as invenções e as evoluções da leitura, da escrita e de seus suportes.

O princípio da história da leitura foi marcado pela escrita cuneiforme, desenvolvida pelos sumérios, e pelos hieróglifos egípcios, os mais antigos tipos de escrita conhecidos. Tratavam-se de símbolos que retratavam o mundo em que viviam, conhecidos como pictogramas.

A manifestação da escrita iniciou-se com a pictografia, desenhos pré-históricos, em seguida surgiu a ideografia com a utilização de símbolos que representavam o mundo, porém, ainda com ideias abstratas. Os fenícios desenvolveram a escrita fonográfica, que representavam os sons dos objetos e das ideias. Ao explorar o lado representativo, simbólico e fonético o homem desenvolveu o hieróglifo, que reuniu os três objetos. (FRAGOSO; DUARTE, 2004).

Fragoso e Duarte (2004) destacam ainda que, além das cavernas, diversos signos combinavam-se entre si em tábuas finas de argila, que possuíam formato de cunha, conhecidas como escrita cuneiforme. Entre os principais responsáveis pela

criação e o uso da escrita cuneiforme estão os sumérios, os caldeus, os assírios e os persas.

O papiro, suporte desenvolvido pelos egípcios, proporcionou a facilidade no armazenamento da informação devido a maleabilidade. O papiro era uma planta bastante cultivada às margens do rio Nilo. Em contrapartida, os gregos criaram o pergaminho, feito da pele de cabras e de carneiros. O pergaminho era um material na qual era possível o corte, a dobra e a costura.

Nesse período, decifrar os símbolos era considerado uma leitura primitiva. A leitura consistia em reconhecer os códigos que possuíam um significado determinado: uma ação, valores numéricos ou nomes. A exemplo disso, os primeiros *Homo sapiens* liam símbolos em ossos, que podiam significar “pontuação de um jogo, marcação de dias ou de ciclos lunares”. Vários povos antigos utilizavam varetas, para que fossem lidas como forma de contagem numérica, assim como sinais a distância, como: “bandeiras, fumaça, fogo, reflexos em metais polidos e outros dispositivos” (FISHER, 2005, p. 14).

Como o passar do tempo, ocorreram mudanças na forma como os símbolos eram concebidos, deixaram de representar uma ovelha, por exemplo, e passaram a indicar um valor sonoro específico. Segundo Fisher (2005), esse momento representou a passagem da leitura para a sua forma verdadeira, em que a interpretação do sinal era feita pela sua importância sonora. Os sumérios foram os pioneiros dessa nova utilização da leitura, que ao invés de ler imagens, uma a uma, passou a ser de forma sequencial e lógica da linguagem humana:

O sinal tornou-se som - libertado de seu referencial externo - na Mesopotâmia entre 6 mil e 5.700 anos atrás. A ideia logo foi disseminada a oeste do rio Nilo e a leste do Platô iraniano, chegando até o Indo, onde idiomas diferentes e necessidades sociais distintas exigiam outras expressões gráficas. Em todas as partes, a escrita era reconhecida como uma ferramenta inestimável para o acúmulo e armazenamento de informações: facilitava a contabilidade, a guarda de materiais e o transporte, bem como a conservação dos nomes, datas e lugares com mais eficiência que a memória humana (FISHER, 2005, p. 15).

De acordo com o autor, os leitores eram principalmente os escribas, embora se tenha encontrado ruínas de tabuletas escolares em residências na Mesopotâmia. Na Babilônia, por volta de 1700 a.C, para ser um escriba, os meninos entravam na escola com seis anos de idade e por lá permaneciam até os dezoito anos. Eles aprendiam “a ler, a escrever, além de matemática, história, religião e contratos”.

Embora a leitura e a escrita fossem os principais conteúdos, a maioria do material didático permanecia em forma oral.

Com o surgimento das tabuletas de argila, desenvolveu-se um meio de ensino da leitura nas escolas dos escribas. Eles eram ensinados a escrever e posteriormente a ler. Já formados, os escribas trabalhavam como tabeliães, contadores, arquivistas, secretários e burocratas. Quando não ocupavam tais empregos, tinham a opção de se tornarem escritores e leitores de cartas. A leitura efetuada pelos escribas desempenhava importantes funções sociais, a leitura dos textos escritos era feita em voz alta e possuía o poder de terminar discussões sobre contas e auxiliava na interpretação das leis. (FISHER, 2005).

Foi também na Mesopotâmia, que surgiram as primeiras bibliotecas, Fisher (2005) relata que as bibliotecas funcionavam como arquivos, diferentemente das bibliotecas de hoje. Eram depósitos de informação acessíveis devido a sua função administrativa, pois continham documentos essenciais à administração. Posteriormente, por volta do final do segundo milênio a.C, os acervos de argila, papiro, placas de madeira, varas de bambu, seda ou couro eram sinônimos de poder para as sociedades como da Mesopotâmia e do Egito.

Com o tempo as bibliotecas passaram a armazenar obras de diversos temas: matemática, medicina, astrologia, poesia épica, canções, cânticos, dicionários, bilíngues sumério-babilônio, entre outras. Com essas características, o rei da Mesopotâmia, Assurpanibal, criou a mais antiga biblioteca que se tem notícia, localizada na capital Nínive. Nesse momento a leitura passa a ser considerada uma fonte de “conhecimento geral, meio de contatar e se dirigir ao divino” (FISHER, 2005, p. 25).

No Egito, poucos egípcios sabiam ler, a leitura era praticada pela elite e pelos escribas, que ocupavam cargos importantes na administração. Assim como na Mesopotâmia, encontravam-se escribas escravizados. A leitura no Egito contava com os hieróglifos, que eram muito mais que uma transferência de informação, acredita-se que eles possuíam poderes mágicos. “Sua leitura em paredes e tetos de sarcófagos e sepulturas era uma elocução divina, que ajudava a concretizar uma mensagem” (FISHER, 2005, p. 34).



A leitura era feita em voz alta e as bibliotecas eram encontradas em toda cidade, inclusive nos palácios particulares dos egípcios mais ricos. O autor cita que as bibliotecas continham escritas das mais diversas matérias didáticas. O catálogo, datado de 2000 a.C, revela que as categorias dos assuntos tinham como objetivo definir e representar as experiências do mundo egípcio: “A lista de todos os escritos entalhados em madeira”, “O livro de lugares e das coisas que neles existem”, “O livro do que deverá ser encontrado no templo” entre outras. Também se atribuiu aos leitores egípcios o hábito de leitura dos textos da esquerda para a direita, o que se tornou um padrão.

Durante os cinco primeiros séculos, a leitura foi considerada passiva, seu conteúdo era basicamente sobre o registro de contas, embarque de mercadorias, documentos jurídicos e uma parte muito pequena era constituída de textos literários. A leitura não fazia do leitor um intérprete, um crítico, apenas auxiliava as pessoas a recordarem informações.

Após esse período, a difusão do alfabeto do Egito contribuiu para que os leitores da época: contadores, escriturários, comessem a encontrar outras formas de aprendizado. Não eram mais necessários longos anos nas escolas de escribas para aprender a ler e sim alguns meses de ensinamento do alfabeto. Duarte e Fragoso (2003) mencionam que após a contribuição do alfabeto fonético, a invenção do papel pelos chineses, no final do século VIII, possibilitou que o suporte da escrita fosse cada vez mais adaptado às necessidades do homem.

Na obra, *A história da leitura*, Fisher (2005) evidencia que a Igreja sempre foi uma das instituições que mais difundiram a alfabetização. Não é por acaso que os escribas-padres foram os primeiros leitores da sociedade. A leitura e a escrita religiosa destacaram-se na Europa Ocidental por cerca de mais de mil anos. Após um período de difusão da leitura, a religião também foi responsável pela diversificação dos materiais de leitura, até chegarem a indicar um conceito geral de educação.

O processo de desenvolvimento da leitura começou com o discurso, seguido da escrita, que proporcionou maneiras cada vez mais avançadas de ler. A necessidade de saber impulsionou o homem a desenvolver técnicas que facilitassem o ato de ler e a capacidade de buscar e organizar a informação. O autor supracitado

destaca que o anseio pelo conhecimento da humanidade sempre impulsionou o aprendizado da leitura.

A alfabetização é a base da organização de uma sociedade, é o que torna possível que a memória e o conhecimento sejam acessados por meios de bibliotecas, arquivos e documentos. A chave desse processo concentra-se nos leitores, que conseguem estender sua “comunicação no tempo e no espaço; podem também expandir sua memória em extensão e duração” (FISHER, 2005 p. 40).

### **2.2.1 Evolução da leitura**

A evolução da leitura está pautada não apenas nas invenções tecnológicas e na difusão da imprensa. Chartier (1999) na obra “As revoluções da leitura” evidencia que as mudanças na função da palavra escrita, ocorridas nos séculos XII e XIII, representaram a base das revoluções da leitura.

O primeiro ponto a ser destacado é o fato da leitura, anteriormente praticada de forma oral, ter conquistado cada vez mais leitores após o processo em que a leitura visual passou a ser praticada de forma silenciosa. Apesar dos dois costumes terem surgido na Antiguidade grega e romana, foi na Idade Média que o leitor adquiriu a habilidade de ler em silêncio. Inicialmente, era uma prática restrita aos escribas e nos séculos XII e XIII alcançou as universidades.

Chartier (1999) divide a evolução da leitura em revoluções. A primeira revolução da leitura ocorreu baseada na transformação da função da palavra escrita, que possuía um modelo monástico. Esse modelo consiste na tarefa de preservação da memória da palavra escrita, nem sempre ligada à leitura. Substituído pelo modelo escolástico, o livro tornou-se então, objeto e instrumento de trabalho intelectual.

A leitura silenciosa teve uma importante influência nesse novo modo de pensar a palavra escrita, por permitir um relacionamento mais íntimo e especializado com a palavra, além de possibilitar a capacidade de leitura de textos mais complexos, bem como a prática da leitura mais ágil.

A segunda revolução na leitura aconteceu no período da era da impressão, mais especificamente nos países da Alemanha, Inglaterra, França e Suíça, no século XVIII. A invenção da impressão proporcionou aumento no número de livros e

jornais, que no formato mais adequado para o manuseio, passaram a ocupar instituições como sociedades de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimo e com isso, facilitou o acesso dos leitores aos livros e periódicos.

Nesse contexto, as práticas de leitura também sofreram transformações. Anterior à impressão, os leitores possuíam um número restrito de livros, o que fazia com que eles fossem lidos, relidos e memorizados. Essa prática de leitura era utilizada com textos religiosos, dessa forma a relação com o texto era caracterizada pela reverência e obediência, já que não possuíam outras opções de leitura.

Os leitores pós-impressão possuíam acesso a maior variedade de assuntos, assim como os textos passaram a ser lidos com mais rapidez e julgamento crítico. Nesse caso, a principal característica da relação como o texto foi marcada por uma leitura mais irreverente.

No século XIX, a industrialização da produção de impressos veio acompanhada de uma nova classe de leitores: mulheres, crianças e trabalhadores foram inseridos aos poucos no mundo da leitura. Unido a isso, os hábitos de leitura mudaram para a forma literária. “Os leitores eram tomados pelos textos que liam; eles viviam o texto, identificavam-se com os personagens e com a trama. Toda sua sensibilidade estava engajada nessa nova forma de leitura intensiva” (CHATRIER, 1999, p. 25).

Diante disso, a era da impressão proporcionou uma diversidade não apenas nos tipos de textos, mas também nas práticas de leitura. Chartier (1999) afirma que as relações com a leitura, que passaram por diversas transformações nesse momento, influenciaram diretamente essas transformações.

Além da evolução citada, a passagem do modelo monástico para o modelo escolástico, ocorreu também: a passagem das “técnicas humanistas dos lugares-comuns para os estilos de leitura religiosos e espirituais da Cristandade Reformada, dos hábitos tradicionais de leitura para a revolução da leitura no Iluminismo” (CHARTIER, 1999, p. 26). Essa ampla diversidade de leitura deu lugar a uma nova era da leitura, a era da sociologia das diferenças.

A terceira revolução da leitura ocorreu com a transmissão eletrônica de textos e o computador foi um dos principais responsáveis pela intensa transformação de todo o relacionamento com a cultura escrita. O autor realça a transformação da

noção de contexto do leitor, que passa de uma proximidade física para uma localidade virtual, “distribuição nas arquiteturas lógicas que regem os bancos de dados, os arquivos eletrônicos e sistemas de processamento, que tornam possível o acesso à informação” (CHARTIER, 1999, p. 27).

Essa nova estrutura de produção, transmissão e da própria leitura implicou em uma nova remodelagem na maneira de lidar com a “economia da leitura”. Como cita o autor, essa economia relaciona-se à percepção do leitor quanto a novos conceitos que fazem parte do mundo da leitura, tais como: direitos autorais e propriedade literária; categorias estéticas que abordam a originalidade, a integridade e a estabilidade do texto; noções administrativas, mais especificamente de locais que armazenam a informação como as bibliotecas e os depósitos legais; instrumentos bibliográficos, que incluem a classificação, a catalogação e a descrição. Ou seja, as formas de pensar e de lidar com a palavra escrita foram criadas para um estilo de produção, preservação e comunicação não eletrônica dos documentos.

Outro ponto importante da terceira revolução na leitura, diz respeito à capacidade de intervenção no texto pelo leitor. A forma impressa limitava o leitor com relação à sua participação material. Quando o leitor o fazia, disputava com o já escrito, contentando-se com as margens ou as páginas em branco. Diferentemente do texto na forma eletrônica, que concede ao leitor uma série de operações, tais como indexar, mudar de um lugar para outro, decompô-lo e recompô-lo, fazendo com que o leitor também possa tornar-se co-autor do texto. Além disso, essas operações e esse novo suporte da informação exigem novas práticas intelectuais.

A era do texto eletrônico trouxe de volta um sonho que nasceu na antiguidade, por volta do séc. III a.C. A Biblioteca de Alexandria era conhecida por seu projeto chamado “Biblioteca Universal”, que almejava reunir o conhecimento do mundo produzido pelo homem. Em suas reflexões, Chartier (1999, p. 29) afirma que o projeto tornou-se novamente pensável, uma vez que “as técnicas eletrônicas anulam a distinção, até agora imperativa, entre o lugar do texto e o lugar do leitor”.

Diante disso, a leitura é em si, inventiva e criativa. Atualmente, o leitor tem a possibilidade de misturar simultaneamente os vários processos de produção do texto: o manuscrito, a impressão e a comunicação eletrônica. “Podemos imaginar

que durante um longo tempo essas três formas de cultura escrita irão coexistir e cada uma terá sua preferência de acordo com os gêneros e usos” (CHARTIER, 1999, p. 31).

## 2.3 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DE LEITURA

A leitura é uma habilidade essencial para o desenvolvimento do ser humano no cenário pessoal e profissional. Diversas situações exigem e dependem do uso dela, porém, a realização da leitura não é uma ação tão simples. Baseadas nas teorias de aprendizagem as competências e habilidades de leitura alicerçam-se também na perspectiva moderna da linguística, na teoria do letramento, na psicolinguística, na sociolinguística e na análise do discurso. É um tema interdisciplinar, que destaca a importância do processo de aprendizagem, de leitura e de escrita do indivíduo. (SISTEMAS DE AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS, 2005).

A palavra competência possui vários sentidos. Informalmente significa um conjunto de conhecimentos e habilidades, no entanto, no processo de formação de palavras está relacionado “à autoridade de um sujeito em determinado ramo do saber fazer” (GASQUE, 2010, p. 87). A autora destaca que, competência é a capacidade do sujeito resolver problemas e realizar atividades específicas. As habilidades derivam das competências adquiridas e dizem respeito ao “saber fazer”. As ações e as operações realizadas por meio das habilidades permitem nova reorganização das competências, o que evidencia que existe uma relação de subordinação entre habilidades e competências. Já para Zarifian (2003) a competência consiste em utilizar recursos, disponíveis ou adquiridos, para solucionar uma situação, que se apoia em conhecimentos internos ou pessoais juntamente com os conhecimentos externos à disposição.

A competência de leitura compreende a capacidade de arquitetar o sentido durante a leitura do texto, capacidade vinculada à vários componentes como:

- Domínio linguístico: conhecimento da língua na sua totalidade, na qual fazem parte a classe fonológica, morfossintática, e semântica/lexical;
- Conhecimento referencial: conhecimento do assunto tratado no texto, que está diretamente ligado ao conhecimento anterior ao texto;

- Componente pragmático: conjunto de regras para o emprego da língua de forma apropriada com o contexto;
- Componente textual: conhecimento a respeito da construção, das funções textuais e a habilidade de relação com o texto por meio da leitura. (NEIS, 1982). Fontana (2005) acrescenta o componente cognitivo, que trata o grupo de habilidades mentais indispensáveis para a leitura crítica, que estabelece relação com a realidade do leitor (identificação, memória associativa, levantamento de hipóteses, avaliação, inferências e pressuposições), na medida em que a interpretação vai além do sentido do texto.

Para Cereja (2009 apud Oliveira, 2011), as competências e a leitura de mundo estão ligadas à capacidade de leitura que vai além da palavra escrita. É necessário o aprendizado de outras linguagens, tais como, gráficos, estatísticas, desenhos geométricos, pinturas, as formas de expressões formais e coloquiais.

Diante da evolução da leitura e do fluxo cada vez maior do conhecimento é importante que as habilidades sejam desenvolvidas no sentido de desempenhar plenamente o ato de ler, juntamente com o aprendizado das diversas formas de lidar com a informação por meio da leitura. Diante disso, os procedimentos que auxiliam no processo e na compreensão leitora, denominadas estratégias de leitura, apresentam-se como uma forma de aperfeiçoar a maneira de lidar com a leitura. Não se tratam de técnicas precisas, receitas infalíveis, ou habilidades específicas, envolvem a utilização de objetivos, planejamento de ações e avaliação no processo de compreensão.

## 2.4 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Estratégia, do grego “*strategia*” teve a primeira utilização no campo bélico, relacionado às atividades militares: “arte de combinar a ação das forças militares, políticas, morais, econômicas, implicadas na preparação de uma guerra ou na preparação da defesa do Estado” (SILVEIRA, 2005, p. 65). Posteriormente, passa a representar vários significados em outros contextos, como: manha, estratagemas, habilidades, astúcia, esperteza. Os significados possuem em comum o fato de estarem ligados à necessidade de resolver e enfrentar problemas.

No campo da leitura, o temo é utilizado para caracterizar os diversos comportamentos do leitor durante o processo de leitura. O leitor é considerado um construtor de significados e o êxito da compreensão vai depender da sua atividade durante o ato de ler. O leitor eficiente é aquele que sabe selecionar, dentre as diversas atividades possíveis, aquela que melhor se adéqua ao tipo de material e ao objetivo da sua leitura. (SILVEIRA, 2005).

Cantalice e Oliveira (2009, p. 228) definem estratégias de leitura “como métodos de abordagem de um problema ou modos de atuação para alcançar um determinado objetivo”. As estratégias de leitura são os recursos que os leitores utilizam para diferentes modelos de textos. De acordo com as autoras, as estratégias de leitura podem ser cognitivas ou metacognitivas.

As estratégias cognitivas possuem como característica os comportamentos e pensamentos que interferem na absorção do conteúdo recebido no ato da leitura. Já as estratégias metacognitivas são a consciência do próprio leitor sobre o seu nível de compreensão durante a leitura e a habilidade de controlar as ações cognitivas por meio de estratégias, que facilitem a compreensão de um texto. (KOPCKE FILHO, 1997).

O uso das estratégias de leitura pode ser dividido em três períodos:

- Anterior à leitura do texto: o leitor deve se questionar sobre o assunto principal tratado, seu conhecimento prévio sobre o assunto, o que espera descobrir com a leitura? Quais as perguntas serão respondidas após a leitura? Quem é o autor do texto? Entre outras;
- Durante a leitura: a indagação deve responder questões como, o autor apresenta uma introdução na qual aponta os principais pontos abordados? A leitura é efetuada com atenção? As perguntas feitas anterior à leitura foram respondidas?
- Após a leitura: qual foi a intenção do autor ao escrever o texto? Concorde com o autor? É possível fazer um resumo e quais itens podem auxiliar a tarefa? Se a compreensão foi incompleta, o que fazer: ler o texto novamente, retomar as questões propostas ou discutir com outro leitor? (KOPCKE FILHO, 1997)

As estratégias de leitura são importantes para melhor eficácia e eficiência na apreensão do conteúdo textual. Compreender um texto implica atender uma finalidade, seja no lazer ou ao realizar um trabalho, para tanto, o leitor utiliza seus

conhecimentos de mundo e os conhecimentos do texto. Diante disso, as estratégias de leitura precisam ser ensinadas e os profissionais responsáveis por isso são os educadores, bem como os bibliotecários. Nesse sentido, torna-se crucial o domínio desses profissionais no que tange aspectos relacionados ao ensino da leitura por meio das estratégias. (SOLÉ, 1998).



### 3 BIBLIOTECONOMIA

Nesse tópico, será apresentado o conceito de Biblioteconomia, bem como a história e transformações sofridas no Brasil, desde a criação do curso, que se inicia em 1911, oferecido pela Biblioteca Nacional (BN). A evolução do ensino da Biblioteconomia pode ser dividida em três fases:

- 1879 a 1929: influência francesa, sustentada pela BN;
- 1929 a 1962: influência norte americana, instituto Mackenzie, em São Paulo;
- 1961: implantação do currículo mínimo oficial aprovado pelo Conselho Federal de Educação. (MIRANDA, 2003).

#### 3.1 CONCEITO

O termo Biblioteconomia é constituído por três elementos “*biblíon* (livro) + *théke* (caixa) + *nomos* (regras)” (FONSECA, 2007, p. 1). Etimologicamente, Biblioteconomia representa um conjunto de regras de organização de livros em espaços adequados: estantes, salas, edifícios.

Assim, organizar livros envolve tanto a ordenação de acordo com um sistema lógico de classificação do conhecimento e sua conservação, como torná-los acessíveis, por meio de catálogos, bibliografias, resumos, exposições, para que beneficiem o maior número de indivíduos interessados no conteúdo informacional neles contidos. (FONSECA, 2007).

Cunha e Cavalcanti (2008) definem Biblioteconomia como uma parte de um conjunto de ciências e técnicas que abrangem o livro e a escrita - bibliologia - responsável pela organização, administração, legislação e regulamentação das bibliotecas; conhecimento e prática da organização de documentos, com objetivo de torná-los disponíveis; conjunto de conhecimentos referentes aos documentos, aos livros e à biblioteca.

Atualmente, a Biblioteconomia insere-se no campo da Ciência da Informação, juntamente com a Arquivologia e a Museologia. A Ciência da Informação é um campo científico que possui um conjunto de teorias e práticas, na qual é formada pelo intercâmbio de várias disciplinas. O paradigma da Ciência da informação é pautado nas ideias em relação ao “processo que envolve a informação como um

sistema de comunicação humana”. Dessa forma, o objeto da Biblioteconomia não é apenas o livro, mas a informação e as atividades afins. (OLIVEIRA, 2008, p. 23).

Para Fonseca (2007), apesar da proximidade das disciplinas, a Biblioteconomia, a Documentação e a Ciência da Informação possuem objetivos diferentes que se complementam.

### 3.2 HISTÓRIA DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

A história da Biblioteconomia remonta a três mil anos, dedicando-se à organização, preservação e ao uso de registros gráficos humanos. Essas atividades são realizadas especialmente em bibliotecas, vistas como instituições sociais, culturais e educacionais. No Brasil, a história das bibliotecas iniciou-se com as ordens religiosas dos Beneditinos, Franciscanos e Jesuítas, porém, o ensino da Biblioteconomia começou a partir da criação da BN. (SARACEVIC, 1996; CASTRO, 2000).

Criado em 1911 na BN, porém só entrou em atividade de 1915, o curso de Biblioteconomia tinha o intuito de ajudar a sanar os problemas e dificuldades da gestão da biblioteca, relacionados à qualificação de pessoal. Inicialmente, era composto de quatro disciplinas, que abrangiam diversos conteúdos e se desdobravam em cinco matérias: bibliografia (administração de bibliotecas, catalogação), paleografia e diplomática (cartografia) e iconografia e numismática (sigilografia, filatelia). (CASTRO, 2000).

O curso teve duração regular até 1922, quando o Regulamento do Museu Histórico criou um curso técnico com a duração de dois anos, com o objetivo de formar profissionais para atuarem na BN e no Arquivo Nacional. Era composto de oito disciplinas: história literária, paleografia e epigrafia, história política e administrativa do Brasil, arqueologia e história da arte, bibliografia, cronologia e sigilografia, iconografia e cartografia.

Em 1931, a BN volta a oferecer o curso de Biblioteconomia por meio do Decreto nº 20.673, de 17 de novembro e com a justificativa dada pelo Ministério da Educação. Tanto o decreto quanto a justificativa do ministério tinham como base a retomada do curso para auxiliar a BN bem como auxiliar outras bibliotecas públicas. Em relação à formação, essa segunda fase do curso não se distanciou da primeira,

sendo perceptível pelas disciplinas oferecidas, que foram as mesmas. Foi um período marcado pela predominância da cultura geral em detrimento das técnicas.

Os anos 40 foram considerados como ponto de partida para ampliações nos métodos de classificação universal e catalogação uniforme. No ensino, o conteúdo pedagógico incorporou o modelo pragmático americano, na qual os aspectos técnicos predominavam sobre os de natureza humanística. Enquanto no Rio de Janeiro, o campo da Biblioteconomia, em seus aspectos educacionais estava associado à BN, em São Paulo era associado à Biblioteca Escolar George Alexandre, do Mackenzie, e só depois à biblioteca pública. Ou seja, inicialmente o curso foi criado para suprir as necessidades internas dessas instituições.

A Biblioteca Escolar George Alexandre foi influenciada pela moderna pedagogia da escola, que possuía ideias revolucionárias para a época tais como: “liberdade de ensino religioso, exclusão de toda e qualquer forma de discriminação social e política, salas mistas, eliminação de castigos físicos, esporte para mulheres, ensino centrado na compreensão” (CASTRO, 2000, p. 64).

Nesse contexto, é implantado o modelo pragmático de ensino de Biblioteconomia e de organização de biblioteca. Para isso, foi necessário contratar um profissional nos Estados Unidos, *Dorothy Murriel Gropp*, responsável pela reorganização do acervo e a introdução de novos processos nos catálogos e na localização nas estantes, além de ministrar o Curso Elementar de Biblioteconomia para os funcionários, professores da biblioteca e bibliotecários de outras instituições.

Ao contrário da primeira e da segunda fase do ensino de Biblioteconomia no Rio de Janeiro, esse período em São Paulo foi marcado pela técnica de organização de bibliotecas, as disciplinas em destaque eram, entre outras, catalogação, classificação e referência.

Em 1936, o curso do Mackenzie deixa de existir com a criação do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, criado por Ruben Borba de Moraes, que era um leitor voraz e um usuário fiel de bibliotecas, principalmente em Genebra, onde se formou em Letras. Em 1919 retornou para São Paulo e encontrou as bibliotecas, estadual e municipal no seguinte estado: não atendiam a qualquer requisito de funcionamento, possuíam acervo desatualizado, desorganizado e precárias condições físicas.

Nessa época, não havia faculdade de Letras no Brasil, o que impossibilitou Rubens a revalidar seu diploma e exercer sua profissão. Assim, Rubens passou a se interessar pela Biblioteconomia, estudando-a profundamente. Rubens passou a ministrar as disciplinas, história do livro e bibliografia, além dessas, também eram oferecidas a catalogação e a classificação. Esse curso de Biblioteconomia foi considerado o primeiro de natureza pragmática e retomam os conceitos e debates sobre as bibliotecas e a Biblioteconomia americana.

Em 1937, a Lei 2.839, artigo 13, “afirmava que só seriam admitidos bibliotecários aqueles que apresentassem diploma de curso superior de Biblioteconomia, exceção para cargos em pequenas bibliotecas” (CASTRO, 2000, p. 73). A exigência de um diploma antes da formação em Biblioteconomia, como nos Estados Unidos, foi uma das causas da degradação do modelo norte-americano no Brasil. Por outro lado, a exigência do diploma para o ingresso na profissão foi uma forma de garantir a sua permanência pelo governo municipal, uma forma de proteção profissional.

O curso foi extinto e Rubens Borba exonerado em 1939 após Prestes Maia assumir a prefeitura de São Paulo. Prestes Maia foi acusado de perseguição à cultura paulista e se declarou diversas vezes contra Rubens. Em 1940, o curso da Prefeitura Municipal de São Paulo transferiu-se para a Escola Livre de Sociologia e Política, do qual Rubens Borba foi um dos fundadores.

A transferência do curso, assim como a reforma do curso na Biblioteca Nacional ampliaram o acesso ao ensino. A BN passou a oferecer bolsas de estudos a candidatos que residiam fora do Rio de Janeiro. Com isso, ocorre a descentralização do ensino de Biblioteconomia, pois os cursos criados em outros estados tiveram ex-bolsistas da BN como colaboradores. Nesse momento, o ensino de Biblioteconomia vai além da finalidade de capacitação de profissionais para qualquer tipo de biblioteca, como mostra o Decreto-Lei nº 6440, de 27 de abril de 1944 em seu artigo 2º:

- a) formar pessoal habilitado a organizar e dirigir bibliotecas ou a executar serviços técnicos de bibliotecas;
- b) promover o aperfeiçoamento ou especialização de bibliotecários, e
- c) promover unidades de orientações das técnicas fundamentais dos serviços de biblioteca, favorecendo a homogeneização básica desses serviços;

d) difundir conhecimentos dos progressos realizados no país e no estrangeiro, no campo da Biblioteconomia (NEVES, 1971, p. 227 apud CASTRO, 2000, p. 86).

As décadas de 50 e 60 são marcadas pela crise na Biblioteconomia e a causa estava na formação do bibliotecário, que permanecia predominantemente técnica e distanciada da cultura geral e humanística, o que resultou na falta de inovações. Era cada vez mais necessária uma reforma a fim de atender ao crescimento da ciência e das fontes de saber e das tecnologias a serviço da documentação.

Castro (2000, p. 198) lista os principais motivos da crise:

- a) ausência de um currículo mínimo;
- b) supostamente a incapacidade dos bibliotecários em acompanharem tecnicamente a acelerada produção científica mundial;
- c) baixo reconhecimento social do papel bibliotecário;
- d) ensino eminentemente técnico.

Diante disso, em 1962, por meio do Decreto 550 de 1 de fevereiro, o curso passa por outra reforma, os objetivos são os mesmos de 1944 e a alteração mais importante foram a inclusão de disciplinas visando a uniformidade e formação mista entre técnica e intelectual, e o aumento na duração do curso, que passa de dois para três anos.

O currículo mínimo para o curso superior de Biblioteconomia contava com as seguintes matérias: história do livro e das bibliotecas, história da literatura, história da arte, introdução aos estudos históricos e sociais, evolução do pensamento filosófico e científico, organização e administração de bibliotecas, catalogação e classificação, documentação, paleografia. (SANTOS, 1998).

As reformas de 1944 e de 1962, juntamente com a transferência do curso de São Paulo e a expansão do curso em diversas regiões deram início a problemáticas. Uma delas foi o fato da mudança curricular ter sido implantada desconsiderando as necessidades de cada região. Outro problema diz respeito ao número reduzido de professores sem dedicação exclusiva nos diversos estados, o que ocasionou o fechamento de vários cursos nas décadas de 50 e 60. (CASTRO, 2000; SOUZA, 1990).

Em contrapartida, ocorreram melhorias na qualidade dos serviços das bibliotecas e surgiram lideranças fora do eixo Rio-São Paulo. Esses movimentos foram importantes instrumentos para: “reivindicar status profissional, lutar pelo estabelecimento do currículo mínimo, pela regulamentação da profissão e pela

incorporação dos cursos” (CASTRO, 2000, p. 110). Além da aprovação do currículo mínimo em 1962, a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e a regulamentação da profissão por meio da Lei 4084/62 contribuíram para o estabelecimento da Biblioteconomia brasileira.

No final da década de 60, o Brasil possuía 18 cursos de graduação de Biblioteconomia e um curso de especialização no IBBB. Nas décadas de 70 e 80, foram criados mais 12 cursos, a maioria localizados em São Paulo. Em 1970, iniciou-se o primeiro mestrado em Ciência da Informação no IBBB, o segundo foi o mestrado em Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal de Minas Gerais em 1976. O terceiro mestrado em Biblioteconomia, também em 1976, ocorreu na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o quarto foi o mestrado em Biblioteconomia e Documentação, em 1978, na Universidade de Brasília e o quinto foi o mestrado em Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba em 1978. (SOUZA, 1990).

Após várias propostas apresentadas com relação ao currículo, em 1982 a resolução nº 08/82 propôs as seguintes matérias:

- a) Matérias de fundamentação geral
  - 1. comunicação;
  - 2. aspectos sociais, políticos e econômicos do Brasil contemporâneo;
  - 3. história da cultura;
- b) Matérias instrumentais
  - 1. lógica;
  - 2. língua portuguesa e literária da língua portuguesa;
  - 3. língua estrangeira moderna;
  - 4. métodos e técnicas de pesquisa;
- c) Matérias de formação profissional
  - 1. informação aplicada à Biblioteconomia;
  - 2. produção dos registros do conhecimento;
  - 3. formação e desenvolvimento de coleções;
  - 4. disseminação da informação;
  - 5. administração de bibliotecas (SOUZA, 1990, p. 86-87).

A proposta inicial de reforma do currículo apresentada pela Associação Brasileira de Ensino em Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) não era bem essa, segundo Souza (1990), além de alterar e piorar a proposta apresentada pela ABEBD deixou claro a falta de reconhecimento do trabalho de mais de uma década dos professores de Biblioteconomia que trabalharam em diversas propostas de reformas do currículo.

O profissional da informação, como são denominados os profissionais da Biblioteconomia, Documentação e da Ciência da Informação na pós-modernidade,

diante das transformações tecnológicas, sociais e econômicas, deve estar preparado para exercer a profissão que não se limita mais ao livro e a biblioteca. Esse foi o cenário nas décadas seguintes, por meio do qual a informação passa a ser o maior objeto da Biblioteconomia. (OHIRA et al., 2002).

Diante disso a *American Library Association* (ALA) definiu a essência da Biblioteconomia e da Ciência da Informação: “volta-se para a informação e o conhecimento registrável, bem como para os serviços e tecnologias para habilitar sua gestão e uso” (OHIRA et al., 2002, p. 73). Assim como, envolve a criação, comunicação, identificação, seleção, aquisição, organização, descrição, armazenagem, recuperação, preservação, análise, interpretação, avaliação, disseminação e administração do conhecimento.

A ABEBD realizou vários eventos relacionados ao currículo no período de 1993 a 1996 a nível nacional e regional. Em 1996 aconteceu o primeiro Encontro de Dirigentes de Escolas de Biblioteconomia do Mercado Comum do Sul (Mercosul). De acordo com Ohira *et al.* (2002), o evento contou com representantes do Uruguai, Paraguai, Argentina, e Chile, que além de facilitar o conhecimento do ensino, apresentou a possibilidade de unificação curricular.

Com isso, foram identificadas seis grandes áreas de conteúdo: fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, gerência de unidades de informações, recursos e serviços de informação, processamento da informação, tecnologia da informação e pesquisa. O segundo encontro aconteceu em 1997 na cidade de Buenos Aires, quando foram definidas ementas básicas para os conteúdos. No terceiro encontro, realizado no Chile, em 1998, foram definidos os objetivos gerais e específicos de cada área e respectivas cargas horárias.

No mesmo período, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), aprovada em 1996 no Brasil, provocou o processo para definição das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia. As propostas decorrentes dos estudos efetuados nos encontros dos países do Mercosul, foram enviadas pela ABEBD para o Ministério da Educação/Secretaria de Educação Superior (MEC/Sesu) com o objetivo de serem analisadas pelos especialistas e incorporadas na nova proposta curricular. (OHIRA et al., 2002).

De acordo com a proposta do MEC, para as mudanças curriculares no curso de Biblioteconomia, recomenda o perfil dos formandos, as competências e as habilidades dos graduandos. O documento traz ainda uma divisão de conteúdos em duas vertentes:

1) Matérias de formação geral: elementos teóricos, práticos e estabelecem conhecimentos fundamentais como: Administração, Antropologia, Comunicação, Direito, Filosofia, História, Linguística e Sociologia;

2) Matérias de formação específica: fundamentos teóricos da Biblioteconomia, organização e tratamento da informação, gestão da informação e do conhecimento, recursos e serviços da informação, tecnologias em informação, políticas e gestão de unidades e serviços de informação e metodologia de pesquisa. (BRASIL, 2002; OHIRA et al., 2002).

Atualmente, o Brasil possui 39 cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação. Desse total, 26 são oferecidos em Universidade Federais e 13 em Universidades Particulares. Com relação às regiões do Brasil os cursos estão distribuídos da seguinte forma: a região Norte possui 2 cursos em instituições federais; a região Nordeste possui 8 cursos em instituições federais; a região centro-oeste possui 3 cursos em instituições federais e 2 cursos em instituições particulares; a região Sudeste possui 7 cursos em instituições federais e 10 cursos em instituições particulares e a região Sul possui 6 cursos em instituições federais e 1 em instituição particular.



## **4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA BIBLIOTECONOMIA**

Nesse tópico será abordada a leitura no âmbito da graduação da Biblioteconomia. O capítulo inicia-se contextualizando a leitura no currículo da graduação, bem como relacionando a Biblioteconomia e a leitura no contexto profissional. Unido a isso, apresenta a leitura e a sua relação no tratamento da informação e na atuação do bibliotecário como formador e incentivador de leitores.

### **4.1 A LEITURA NO CURRÍCULO DA GRADUAÇÃO**

Ao entrar no ensino superior, o docente supõe que o aluno seja um leitor apto a desempenhar tarefas que exigem competências leitoras. Neves (2007) destaca que na maioria das vezes não existe a preocupação com o nível do pensamento crítico-reflexivo desses alunos, antes da inclusão dessas atividades. Uma das causas de insucesso de estudantes do ensino superior deve-se à falta de compreensão na leitura, o que dificulta o aprendizado. “Se o aluno não conseguir ler com conhecimentos e/ou experiências anteriores, dificilmente poderá evidenciar aprendizagem ou aproveitamento de estudos” (NEVES, 2007, p. 17).

Unido a isso, a leitura na formação do bibliotecário é uma questão importante em vários aspectos, pois relaciona-se tanto no que tange o tratamento da informação (catalogação, indexação, resumos etc.), quanto na sua função de agente responsável pelo incentivo e promoção da leitura. De acordo com Neves (2007), a leitura é parte fundamental no desenvolvimento da aprendizagem na Ciência da Informação, assim como em outros cursos de graduação. Porém, a leitura torna-se um instrumento imprescindível para o bibliotecário tendo em vista a realidade da missão da Biblioteconomia que envolve, entre outros, o:

Estudo e a produção de conhecimento em relação aos aspectos conceituais, teóricos, metodológicos e tecnológicos do processo de geração, de gestão, de tratamento e de disseminação da informação - registrada sob qualquer suporte e para todos os segmentos da sociedade (NEVES, 2007, p. 26).

O saber ler é um requisito para o estudante do curso de graduação em Biblioteconomia. Tal atividade irá acompanhá-lo e auxiliá-lo desde os desafios do currículo acadêmico, até o exercício profissional como bibliotecário. Esse exercício é pautado tanto para ler a biblioteca em que esse profissional atua, juntamente com o campo do saber no qual está inserido, como também para mediar a leitura daqueles

a quem irá atender. Com isso, para o estudante de Biblioteconomia a leitura deveria fazer parte de “todas as disciplinas e todas as etapas do currículo do curso de graduação” (NEVES, 2007, p. 26).

No artigo *Teoria e prática da leitura: eis o que falta ao nosso bibliotecário*, Silva (2010, p. 96) lança a pergunta, entre outras: “como pode alguém orientar e compreender o usuário se ele mesmo não possui competências de leitura?”. O autor analisa a questão repensando o papel do bibliotecário, que além da função técnica, possui a função de agente social crítico e mediador da informação. Disseminar a cultura envolve mais que apenas pegar o livro da estante e entregar ao leitor, inclui atividades como: educar, dialogar e orientar o usuário no aproveitamento de diversos tipos de literatura e para isso, é fundamental sólido conhecimento a respeito do processo de leitura. Silva (2010) criticou ainda os currículos dos cursos de Biblioteconomia, por favorecer a dimensão técnica da profissão em detrimento dos aspectos humanos, o que poderia ocasionar o distanciamento do bibliotecário da criatividade e da criticidade.

A leitura sempre foi objeto de preocupação e interesse entre os cursos formadores de bibliotecários. Almeida Júnior (2007) frisa que o objeto de leitura era inicialmente ligado ao livro, porém, com o crescimento da Ciência da Informação na década de 1990, a informação passa a ser o objeto da área. A partir de então, a leitura torna-se abrangente, envolvendo a linguagem de todos os suportes da informação, o que provocou uma mudança na formação do bibliotecário, pois cada suporte exige conhecimentos específicos de leitura. A exemplo disso, o autor enfatiza a necessidade de disciplinas direcionadas para a indexação de filmes e para classificação de imagens, na qual a linguagem da imagem em movimento e a linguagem fixa seriam exploradas.

Para Pontes e Válio (1998), maior ênfase no ensino e na prática de leitura nos cursos de formação em Biblioteconomia é extremamente importante uma vez que por meio dela, ampliam-se a cultura e o conhecimento do bibliotecário, tornando-o mais crítico e dinâmico na prática profissional e na vida como cidadão. O acesso à informação, como direito social, só é possível no plano da leitura, por meio do qual o conhecimento adquirido transforma-se em ações que podem modificar o meio social. Com isso, cabe ao bibliotecário a administração da informação consciente da sua

função de educador, fazendo com que o usuário tenha acesso ao conteúdo informacional com vistas à cidadania. (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2013).

#### 4.2 A LEITURA NA ORGANIZAÇÃO E NO TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

O registro da informação faz parte da própria história do homem. Os suportes dos registros informativos evoluíram na medida em que a produção da informação aumentava. Consequentemente, exigiram-se a preservação, o controle e a organização dos documentos. A organização da informação sempre esteve atrelada à prática leitora. “A leitura é um processo que permite a análise de assunto de textos”, por meio dela é possível materializar a interpretação, utilizando linguagens de indexação, classificação e outras técnicas com o propósito de facilitar o acesso ao conteúdo informacional (KOBASHI, 1994, p. 1).

Na Idade Média, a função de “organizador da informação” era exercida pelos clérigos. Havia entre eles uma espécie de direitos distintos de leitura, para alguns, era cedido o direito de ler, falar e escrever, o restante eram copiadores, cabendo-lhes a transcrição, a extração, a classificação, a indexação e a codificação da palavra escrita de acordo com a sua leitura. Atualmente, os classificadores, indexadores e codificadores são bibliotecários. (LUCAS, 2000).

O bibliotecário ocupa-se de diversos meios a partir da sua atividade principal, a leitura, que nesse contexto apresenta a sua oposição entre o literário e o científico. Esse profissional da informação analisa documentos, delimita conteúdos, busca palavras-chave, descritores e interpreta os textos que indexa. Métodos que procuram alcançar não apenas a organização do conhecimento, como também o controle terminológico por meio de linguagens documentárias (tesauro, terminologias e listas de cabeçalhos).

Assim, a leitura profissional é efetuada em atividades provenientes da análise documentária: a indexação, a elaboração de resumos e a classificação, já que é necessário o alcance de objetivos e a elaboração de produtos, tais como, índices, resumos e números de classificação. O objetivo, nesse caso, é a representação do conteúdo mediante termos que serão recuperados pelo usuário futuramente. Fugita (2004) destaca que para o processo de análise e representação de assunto, é

fundamental o conhecimento prévio e estratégias adquiridas durante a vida, o que pode passar despercebido pelo profissional, devido à naturalidade com que se realiza a leitura.

A forma de leitura praticada pelo bibliotecário pode ser analisada por meio da relação entre as variáveis: texto, leitor e contexto. Individualmente, o leitor possui contexto e objetivos de leitura, assim como o autor possui o contexto e objetivos. É nesse momento que a leitura torna-se uma prática profissional, que busca atingir objetivos dentro de um contexto de trabalho. Distinguindo-a da prática de leitura para a formação e atualização profissional, que aumenta e melhora os conhecimentos profissionais e a prática de leitura para a cidadania, que proporciona visão abrangente do mundo e a transformação do indivíduo na sua convivência em sociedade. (FUJITA, 2004).

A autora define as variáveis que compõem o processo da leitura: o texto corresponde ao material a ser lido, que possui características como, a intenção do autor, a estrutura (texto científico, argumentativo ou dissertativo e expositivo) e o conteúdo; o leitor caracteriza-se pelas suas próprias estratégias de leitura, seu conhecimento, atitudes e habilidades a que ele recorre; e o contexto, que são os elementos além do texto, que influenciam a compreensão leitora. O contexto é dividido em contexto psicológico (intenção de leitura, interesse pelo texto), contexto social (intenção dos usuários) e o contexto físico (tempo disponível e a situação do ambiente em que a leitura é realizada). Desse modo, a compreensão leitora depende da relação entre essas variáveis, sendo a indissociabilidade entre elas a situação ideal.

Lancaster (2004) analisou a leitura do bibliotecário por meio de fatores que influenciam na qualidade da indexação:

- 1) Fatores ligados ao indexador, como por exemplo, conhecimento a respeito do assunto, conhecimento dos usuários e suas necessidades, experiência, concentração e compreensão leitora;
- 2) Fatores ligados ao vocabulário, entre outros, a ambiguidade ou imprecisão, a qualidade do vocabulário, a utilização de instrumentos auxiliares;
- 3) Fatores ligados ao documento tais como, o conteúdo temático, a complexidade do texto, a língua;

4) Fatores ligados ao processo, ou seja, o tipo de regras e instruções para a indexação, a produtividade exigida e a exaustividade da indexação.

Diante desses fatores é possível identificar posições de leitura adotadas pelo profissional da informação, sendo elas:

- a) Posição de indexador-leitor;
- b) Posição que está depositada no vocabulário, da qual será a fonte de descritores;
- c) Posição com relação ao documento a ser indexado.

O encontro dessas posições de leitura unida às condições de produção, à diversidade de sentidos e às várias memórias, atuando na mesma proporção, é que derivam os descritores. Os profissionais da leitura que atuam nesse universo contam com a sua capacidade de compreensão e com o seu conhecimento dos assuntos, essa característica é denominada: histórias de leitura. (LANCASTER, 2004; LUCAS, 2000).

Lucas (2000) destaca ainda que a indexação não implica tão somente o que é tratado no documento, mas principalmente a quem esse documento é destinado. O mesmo documento pode ser indexado de maneiras diferentes dependendo dos interesses de cada grupo de usuários. Daí, a necessidade do bibliotecário ter o domínio de diferentes formações discursivas e conhecimento multidisciplinar, uma vez que ele terá que lidar com diversas terminologias.

#### 4.3 O BIBLIOTECÁRIO COMO FORMADOR E INCENTIVADOR DE LEITORES

De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3*, realizada em 2011, a escola é o centro de formação de leitores, juntamente com as bibliotecas e a soma de diversas ações de fomento à leitura. Por outro lado, sabe-se que não basta investir em bibliotecas, se o leitor não for cativado, e que não será possível cativar leitores se ele não compreende o que lê (FAILLA, 2012). Diante disso, a responsabilidade na formação de leitores é de todos os envolvidos na educação.

Algumas pessoas criam o gosto pela leitura pelo exemplo dos familiares, outras, por influência de professores ou por circunstância fortuitas de suas histórias de vida. No entanto, a formação de leitores em grande escala, via escola, só ocorrerá se houver uma política de leitura, traduzida na adequada formação de professores leitores, na oferta abundante de bons e

variados materiais escritos, e na instalação de bibliotecas e salas de leitura bem equipadas, dinamizados por bibliotecários. (CARVALHO, 2005, p. 67).

A formação do leitor dá-se em diversos ambientes. Inicialmente, o primeiro contato com a leitura ocorre geralmente na infância, impulsionada pelos pais e familiares que ao contarem histórias, incentivam a leitura. Nesse momento, o não saber ler é substituído pela ideia de narrativa vinculada seja pela interpretação absorvida, seja pelas ilustrações. Após essa fase, o ambiente educacional conta com os professores, que ensinam os alunos a ler, escrever e interpretar. A biblioteca também é um ambiente formador de leitores e o bibliotecário, profissional definido como o gestor da informação, tem a responsabilidade de mediar parte do conhecimento que chega à sociedade.

Além disso, Neves (1998), em seu artigo intitulado, *A leitura e o estudante de Biblioteconomia: um instrumento para a sua formação*, relata que a leitura é uma questão pública e social, é um direito do cidadão e o Estado deve garantir a todos que queiram fazer uso da leitura e da escrita como um proveito comunitário, concentrado para a informação, a comunicação e a educação da coletividade.

O profissional bibliotecário não lida somente com trabalhos técnicos e administrativos, mas também é o responsável pela disseminação e a mediação da informação. Becker e Grosch (2008) afirmam que as bibliotecas exercem papel primordial ao proporcionar o acesso à leitura por meio de seus acervos compostos pelos mais variados suportes. O bibliotecário, por sua vez, é o responsável pelas ações promovidas na biblioteca com o objetivo de promover a leitura.

Diante disso, segundo Bortolin (2010), o bibliotecário tem o dever de mediar a leitura, já que para se informar, descobrir e investigar é necessário que a leitura venha em primeiro lugar. Mediar a leitura é tão primordial quanto disponibilizar os documentos, sejam eles impressos ou eletrônicos, aos leitores de uma biblioteca.

A relação do bibliotecário com a educação sofreu transformações ao longo do tempo. Silva (1995) destaca que o trabalho dos bibliotecários, no final da década de 70, enfrentou um questionamento a cerca do “tecnicismo” que predominava no campo da educação e da Biblioteconomia. Com isso, as questões de caráter político e social das práticas escolares e biblioteconômicas passaram a ocupar cada vez mais espaço na relação de suas funções no contexto social. Dessa forma,

reconheceu-se a relação entre as práticas biblioteconômicas e a socialização do saber.

Ainda de acordo com Silva (1995) a disseminação da informação, que era uma prática precisamente técnica, passa a ganhar outra perspectiva, a da qualidade. As bibliotecas passam a ter preocupações relacionadas com a qualidade do acervo, dos serviços prestados, das necessidades dos usuários, com a democratização do seu espaço e o planejamento de atividades sócio-culturais.

Nesse momento as bibliotecas são transformadas em centros de informação e de convivência cultural, a partir de então, o trabalho biblioteconômico torna-se mais ativo e influente no contexto social. O bibliotecário começa a impulsionar-se no sentido de executar programas para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para a formação do leitor. Inserindo-se na problemática da leitura, o profissional da informação se aproxima dos professores, que passam a criar propostas conjuntas.

A formação do gosto pela leitura depende de uma série de interações que incluem bibliotecários, professores e pais. A aprendizagem e a biblioteca são complementares e o ideal é que os envolvidos conheçam e vivam a prática da leitura. “Conforme propõe Rubens Borba de Moraes, o bibliotecário precisa ser, ele mesmo, um bom leitor” (SILVA, 1995, p. 94). Martins (1957) entende que o bibliotecário possui a missão de incentivar a leitura e colaborar para o crescimento intelectual dos indivíduos, exercendo também ação pedagógica. Sendo assim, só poderá fazê-lo se sua formação cultural ultrapassar a formação basicamente técnica.

Isso não isenta o bibliotecário de sempre buscar o aprendizado contínuo e a melhoria de suas qualificações e competências. Como mediador da leitura e agente socializador da informação, o bibliotecário, deve estar preparado para contribuir no processo de aprendizagem dos indivíduos, por meio das mais diversas formas de leitura. Diante disso, Rasteli e Cavalcante (2013) relacionam diversos itens que tratam das competências, habilidades e atitudes de um mediador da leitura:

- 1) Ser leitor ativo: para formar leitores críticos e sensíveis, capazes de mudar a realidade em que vivem é necessário que a mediação venha de um leitor ativo e convicto:

- 2) Conhecer as teorias de leitura: é importante que o bibliotecário, mediador da leitura, tenha conhecimento sobre o ato de ler, que envolve dimensões simples e

complexas. O bibliotecário precisa ser pesquisador que busca constantemente e acompanha os estudos dessa temática, uma vez que o universo da mediação da leitura é dinâmico. As teorias inspiram as práticas e as ações;

3) Viabilizar o acesso à informação em seus diferentes suportes: o mediador da leitura deve considerar a leitura no contexto livro e internet. Deve estar familiarizado com as diversas opções de acesso à informação, além de proporcionar o diálogo entre suportes, linguagens e sujeito-leitor;

4) Conhecer as políticas públicas para o livro e a leitura: o assunto é cada vez mais abordado pelo poder público, conhecer essas políticas pode ajudar nos mais variados fins, como: ampliação do acervo, projetos culturais e capacitações.

5) Estar atento às multiplicidades culturais: a existência dos mais variados contextos sociais, nos quais cada leitor encontra-se inserido, deve nortear o bibliotecário no sentido de exercer práticas com essa variação de visões de mundo. Livrando-se dos preconceitos e da elitização;

6) Estabelecer relações criativas com o leitor: construir relações positivas com o leitor significa estabelecer relações positivas com a leitura, no intuito de fazer o leitor perceber o ato de ler como uma atividade, além de educativa, pode também assumir a forma de prazer e lazer;

7) Trabalho em equipe e estabelecer parcerias: a competência da formação de leitores é de todos os envolvidos com a educação, dessa forma, o bibliotecário deve sempre buscar o envolvimento com diferentes profissionais que visem ações ao atendimento do leitor;

8) Ter competências aplicadas Tecnologias da Informação (TI): a tecnologia está diretamente ligada ao acesso à informação, com isso, é necessário que o bibliotecário tenha competências e habilidades de operação e comunicação por meio de computadores bem como compreensão do funcionamento de equipamentos;

9) Buscar a educação continuada: Rasteli e Cavalcante (2013, p.175) afirmam que a educação constante é necessária, a formação do bibliotecário que exerce o papel de mediador, envolve o desenvolvimento de ações, juntamente com a utilização da criatividade e da atitude baseada na ética, reflexão crítica em relação à realidade e a busca do aperfeiçoamento constante.



## 5 METODOLOGIA

Método é a ordem que se deve impor aos diferentes passos utilizados para atingir determinado fim. Uma vez que a finalidade da atividade científica é a obtenção da verdade - mesmo que provisória -, o método é utilizado para facilitar a apresentação de problemas e a comprovação de hipóteses. As hipóteses são proposições antecipadas, que ligam a observação e a teoria científica e explicam a realidade. Sendo assim, a metodologia, compreendida como estudo dos métodos, refere-se à seleção daqueles mais adequados para resolução de problema mediante uma sequência de atividades que traçam um roteiro a seguir. Isso permite detectar erros e auxiliar a construção do conhecimento válido (CUNHA; CAVALCANTI, 2008; LAKATOS; MARCONI, 2011).

A pesquisa em questão possui abordagem quali-quantitativa. Segundo Ferrari (1982), pesquisas qualitativas são caracterizadas por aspecto não numérico, as pesquisas quantitativas representam algo que pode ser medido, contado. Desse modo, a pesquisa quali-quantitativa é a combinação de dados qualitativos e quantitativos.

O universo de pesquisa consiste no conjunto dos elementos que possui características definidas na investigação. Nesse estudo, é composto por estudantes do curso de graduação em Biblioteconomia da UnB. A amostra, parte representativa que integra o universo de pesquisa (GRASSLER, 2004; JUNG, 2004), é formada pelos estudantes do sétimo e oitavo período do curso de graduação em Biblioteconomia da UnB, no primeiro semestre de 2013. A escolha da amostra baseou-se no fato desses estudantes, provavelmente, terem maior conhecimento e visão crítica por estarem na fase de conclusão do curso.

Utilizaram-se dois instrumentos de coleta de dados, quais sejam, o questionário e a análise de documentos. Os questionários objetivam levantar dados de natureza quantitativa. Podem conter perguntas fechadas ou abertas, que devem ser respondidas sem a intervenção do pesquisador. As principais limitações do questionário podem ser: perguntas sem respostas, limitação em auxiliar o respondente em questões mal compreendidas, devolução tardia pode prejudicar o cronograma. Entre as vantagens estão: economia de tempo; alcance de maior

número de pessoas simultaneamente, liberdade de respostas devido ao anonimato; mais tempo para responder (OLIVEIRA, 2000).

O questionário da presente pesquisa contém dezessete perguntas abertas (não existem categorias preestabelecidas) e quatro perguntas fechadas (existem categorias preestabelecidas). Objetivou identificar o perfil do estudante de Biblioteconomia, as práticas de leitura e a percepção dos estudantes sobre as competências para estimular leitores.

Adicionalmente, a análise documental foi usada para levantar dados do currículo do curso de Biblioteconomia da UnB. O objetivo foi identificar conteúdos sobre leitura nas disciplinas ofertadas no curso. A análise documental é uma pesquisa realizada em documentos que não passaram por nenhum tratamento científico, ou seja, são fontes primárias. (SÁ-SILVA; ALMEIDA, 2009).

Como abordado anteriormente, realizou-se estudo de caso “procedimento de pesquisa que investiga um fenômeno dentro do contexto local, real”. (JUNG, 2004, p. 158). A principal desvantagem do método é que se trata de uma categoria de pesquisa limitada, pois se restringe ao caso em estudo, não podendo ser generalizado. Entretanto, proporciona levantamento com mais profundidade de determinado grupo, sob todos os seus aspectos (LAKATOS; MARCONI, 2011). O *locus* do estudo de caso foi realizado na Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, no curso de graduação em Biblioteconomia.

## 5.1 CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UnB

O curso de Biblioteconomia surgiu na UnB, em 1962, a partir da criação da própria universidade. O Plano Orientador da Universidade de Brasília previa o curso de Biblioteconomia moldado nos padrões norte-americano. O acesso à Faculdade de Biblioteconomia seria destinado aos bacharéis de letras e artes, com isso, pretendia-se a formação de bibliotecários especializados nas mais diversas áreas do saber. O modelo de formação exigia custos e tempo maiores, por isso o projeto foi abandonado. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2005).

No ano de 1962, ocorreu também a regulamentação da Biblioteconomia no Brasil como profissão de nível superior, juntamente com a criação dos órgãos de classe e a aprovação do currículo mínimo nacional, específico do curso. Consequentemente, em 1965, com a criação do curso de graduação em Biblioteconomia, em nível de Bacharelado, realizou-se o primeiro vestibular na Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica (FUBICA). O curso tinha duração de três anos e o currículo era vinculado à formação técnica com ênfase nas atividades de documentação, mecanização e automação de bibliotecas. Foram oferecidas três disciplinas do currículo mínimo: Catalogação, Organização e administração de bibliotecas e Bibliografia e referência. Em 1967, a Biblioteconomia formou a primeira turma composta de onze bibliotecários. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2005; BORGES; BRITO, 2012).

Em 1978, o Departamento de Biblioteconomia, integrado à Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, criou o curso de Mestrado em Biblioteconomia e Documentação. No ano de 1982, o currículo do curso de graduação em Biblioteconomia da UnB passou por grandes modificações, devido à reforma curricular estabelecida pelo Conselho Federal de Educação, que passou a vigorar em 1984. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2005).

Na década de 90, o Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID) implanta o Doutorado em Ciência da Informação. Em 1992, ocorreu uma revisão curricular do curso de graduação em Biblioteconomia na tentativa de adequar a formação do bibliotecário às novas tendências profissionais. Nesse mesmo período, criou-se no CID o curso de graduação em Arquivologia, em nível de Bacharelado, no período noturno.

Em 1996, depois de ampliado o número de vagas para quarenta, o CID criou um novo curso de graduação em Biblioteconomia no período noturno. O objetivo era que o curso fosse a nível tecnólogo, com menor duração e voltado para atender às necessidades profissionais do período, que seguia com o desenvolvimento de novas tecnologias na área da informação, com destaque para o acesso a dados por meio das redes informacionais. A ideia foi descartada devido à legislação acadêmica e profissional, a saída encontrada foi a criação de uma habilitação em Gestão de Base de Dados. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2005).

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional e a resolução do Conselho de Ensino e pesquisa e Extensão (CEPE) nº 219/96, de 18 de dezembro de 1996, estabeleceu o número de créditos obrigatórios em cada curso da UnB. Com isso, impôs-se a prioridade de reforma do curso diurno de graduação em Biblioteconomia, o que causou o adiamento da criação do curso noturno. Em 1997, o colegiado do CID elaborou a proposta de revisão curricular aprovada em 1998 pelo CEPE, de acordo com a Resolução CEPE nº 219/98.

Com o desenvolvimento e a evolução do CID, no que concerne ao quantitativo de estudantes e de produção científica, foi criada, em 2009, a Faculdade de Ciência da Informação (FCI). A FCI, com sede na UnB, tem como objetivos: oferecer cursos de graduação em Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia e Pós-Graduação (em nível de Mestrado e Doutorado) em Ciência da Informação, formular e desenvolver pesquisas na área da Ciência da Informação, identificar necessidades regionais e nacionais relacionadas à Ciência da Informação e desenvolver outras atividades de interesse da Universidade. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2010).

## 6 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

O presente capítulo trata da descrição dos resultados e da discussão dos dados coletados a partir dos instrumentos de coleta de dados selecionados: pesquisa documental e questionário.

O currículo do curso vigente de graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília considera a informação registrada ou registrável, bem como os serviços e tecnologias, que habilitam o uso e a gestão os objetos de estudo da área. O curso objetiva formar bibliotecários atuantes como profissionais da informação capacitados para o exercício da missão social.

A análise documental do currículo do curso de Biblioteconomia foi realizada mediante leitura do documento *Biblioteconomia: manual do curso de graduação*, disponível no site da FCI<sup>1</sup>. Além disso, as ementas das disciplinas ofertadas na FCI, disponibilizadas pela secretaria da faculdade, foram analisadas. O resultado da leitura do documento consiste em breve descrição do curso de graduação de Biblioteconomia da FCI/UnB, o qual compõe-se de:

- Disciplinas obrigatórias da área de concentração (Biblioteconomia): 90 créditos;
- Disciplinas obrigatórias do domínio conexo: 30 créditos;
- Disciplinas optativas e disciplinas de módulo livre: 60 créditos.

O estudante de Biblioteconomia poderá concluir o curso em no mínimo três anos e meio e no máximo em sete anos, de acordo com o número de créditos matriculados por semestre. De acordo com a legislação da universidade, deve cursar por período, o mínimo de 14 créditos e o máximo de 26. O Currículo está vigente desde o segundo semestre de 2006.

Posteriormente, as ementas das disciplinas que compõem a grade curricular do curso foram analisadas, com o objetivo de descrever os conteúdos de leitura. Os dados constam nos quadros a seguir.

---

<sup>1</sup> [www.cid.unb.br](http://www.cid.unb.br)

Grade curricular:

### 1º Semestre

**Quadro 1** - Matérias do 1º Semestre de Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Introdução à Microinformática (116793)	4	-
Introdução à Comunicação (146480)	4	-
Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação (182010)	4	-
Cadeia Seletiva 2	4	

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

### 2º Semestre

**Quadro 2** - Matérias do 2º Semestre de Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Introdução à Administração (181013)	4	-
Controle Bibliográfico (182541)	4	-
Estatística Aplicada (115011)	6	

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

### 3º Semestre

**Quadro 3** - Matérias do 3º Semestre de Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Editoração (145084)	4	Leitura e legibilidade: o processo de leitura; breve estudo da legibilidade e estudo dos caracteres. <u>Metodologia</u> : leitura e discussão de texto.
Bibliografia (182036)	4	-
Análise da Informação (182401)	4	-
Catálogo (182052)	4	-

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

#### 4º Semestre

**Quadro 4** - Matérias do 4º Semestre de Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Planejamento e Elaboração de Bases de Dados (182524)	4	-
Classificação (182079)	4	-
Planejamento de Sistemas de Informação (182524)	4	-
Cadeia Seletiva 3	4	

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

#### 5º Semestre

**Quadro 5** - Matérias do 5º Semestre de Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Gerência de Sistemas de Informação (182125)	4	-
Indexação (182630)	4	-
Estágio Supervisionado em Biblioteconomia 1 (182648)	8	-
Linguagem documentária	4	-

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

#### 6º Semestre

**Quadro 6** - Matérias do 6º Semestre de Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Redes de Informação e Transferência de Dados (182869)	4	-
Formação e Desenvolvimento de Coleções (182591)	4	-
Serviços de Informação (182583)	8	-

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

#### 7º Semestre

**Quadro 7** - Matérias do 7º Semestre de Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Informática Documentária (182508)	4	-
Estudo de Usuários (182532)	4	-
Cadeia Seletiva 4		

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

## 8º Semestre

**Quadro 8** - Matérias do 8º Semestre de Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Estágio Supervisionado em Biblioteconomia 2 (182613)	10	-
Monografia em Biblioteconomia e Ciência da Informação	4	-

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

### Cadeia seletiva 2

Na Cadeia Seletiva 2, o aluno poderá optar por uma das disciplinas abaixo:

**Quadro 9** - Matérias Cadeia Seletiva 2 Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos
Francês Instrumental (142000)	4
Língua Alemã 1 (142204)	4
Inglês Instrumental 1 (145971)	4
Língua Espanhola 1 (142328)	4
Prática de Francês Oral e Escrito 1	6
Teoria e prática de Espanhol Oral e Escrito 1	6
Japonês 1	4

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

### Cadeia seletiva 3

Na Cadeia Seletiva 3, o aluno poderá optar por uma das disciplinas abaixo:

**Quadro 10** - Matérias Cadeia Seletiva 3 Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Cultura Brasileira 1 (139416)	4	
História Social e Política do Brasil (139203)	4	
Bibliot. Sociedade Brasileira (182494)	4	-

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

### Cadeia seletiva 4

Na Cadeia Seletiva 4, o aluno poderá optar por uma das disciplinas abaixo:

**Quadro 11** - Matérias Cadeia Seletiva 4 Biblioteconomia - UnB

Disciplinas	Créditos
Evolução do Pensamento Filosófico e Científico (137413)	4
Introdução à Filosofia (137553)	4
Ideias Filosóficas em Forma Literária (139653)	4
Fundamentos de História Literária (141208)	4

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.



Matérias optativas oferecidas pelo departamento 2013/1:

**Quadro 12** - Matérias optativas FCI - UnB

Disciplinas	Créditos	Conteúdos de leitura
Seminário: Profissional da Informação (182044)	4	-
Organização e Tratamento de Materiais Especiais (182061)	4	-
Seminário: Bibliotecas Digitais	4	-
História do Livro e das Bibliotecas	4	-
Organização e Tratamento da Informação	4	Desenvolver habilidade de leitura de textos científicos. Técnicas de leitura e de redação a partir de fontes; anotações, citações.

Fonte: Universidade de Brasília, 2005.

Nos quadros de 1 a 12, observa-se que apenas duas disciplinas abordam algum conteúdo relacionado à leitura, são elas: Editoração e Organização e Tratamento da Informação (OTI). Porém, na primeira disciplina, a questão da leitura relaciona-se à legibilidade. Na disciplina de OTI, o estudante desenvolve estratégias de leitura para lidar com o texto científico. As ementas das referidas disciplinas encontram-se em anexo (ANEXO A).

Em suma, as disciplinas que fazem parte do currículo acadêmico tratam da leitura, em geral, como recurso de metodologia. Isto é, as disciplinas incluem atividades relacionadas à leitura de textos para aquisição do conteúdo. Assim, os conteúdos sobre leitura não estão relacionados ao aprendizado para estimular e as estratégias de leitura.

## 6.1 COLETA E PROCESSAMENTO DOS DADOS

Anterior à coleta de dados, realizou-se pré-teste, no dia 22 de maio de 2013, com três estudantes, na FCI - UnB. Após a aplicação, foram efetuados os devidos ajustes. O pré-teste é a aplicação da primeira versão do questionário, o objetivo é confirmar que ele seja aplicável. (GRASSLER, 2004).

O questionário foi disponibilizado via web, por meio da ferramenta do *Google Docs* para aplicação virtual, que ocorreu entre os dias 4 a 18 de junho de 2013. Os

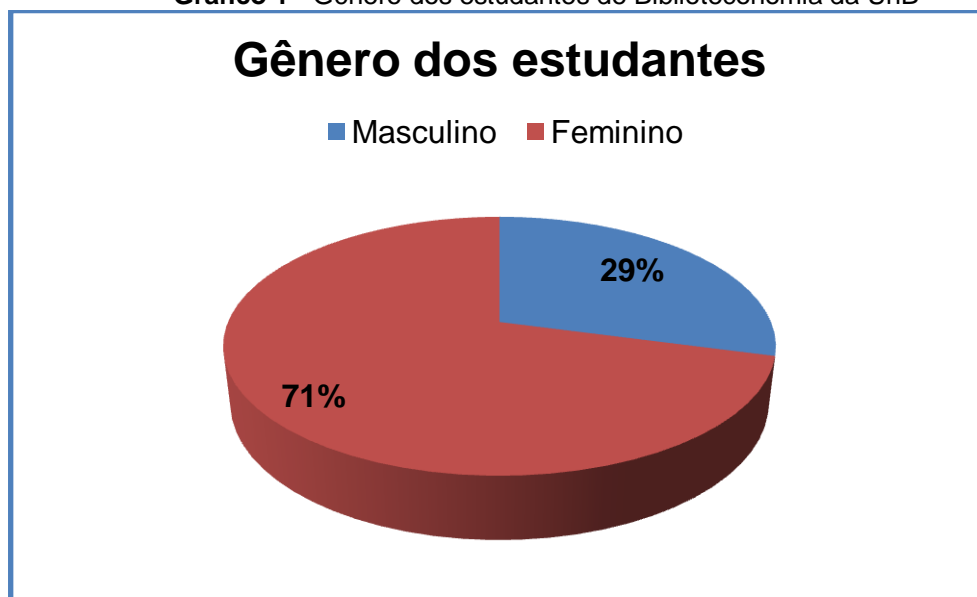
estudantes do sétimo e oitavo períodos do curso de graduação em Biblioteconomia da UnB totalizam 58 estudantes. Desse total, 48 estudantes responderam, ou seja, houve retorno de 83% dos questionários.

Para a análise, reunião e processamento dos dados foi utilizada a ferramenta Excel 2007.

## 6.2 PERFIL DOS ESTUDANTES

As perguntas introdutórias do questionário objetivam delinear as características dos estudantes de Biblioteconomia da UnB. A primeira questão aborda o gênero dos respondentes. Observa-se que o perfil dos estudantes é composto em sua maioria por respondentes do sexo feminino (71%), destacando-se em relação aos estudantes do sexo masculino, cujo percentual é de 29%. O Gráfico 1 apresenta o gênero dos estudantes de Biblioteconomia.

**Gráfico 1** - Gênero dos estudantes de Biblioteconomia da UnB



Fonte: Elaboração Própria

Analisando o Gráfico 2, no que tange à faixa etária dos estudantes, constata-se que 11% têm até 20 anos de idade, 83% têm idade entre 21 e 25 anos, 2% têm idade entre 26 e 30 anos e 4% têm mais de 31 anos. É possível perceber que os concluintes do curso de Biblioteconomia são em sua maioria formados por jovens, o que permite inferir que seja o primeiro curso de graduação cursado por eles.

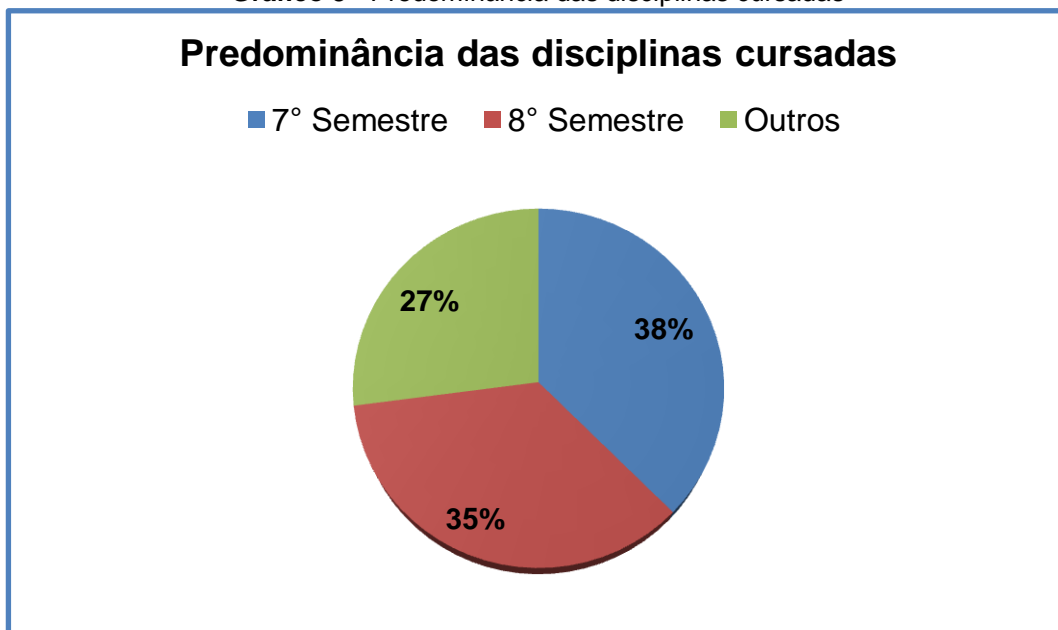
**Gráfico 2** - Faixa etária estudantes de Biblioteconomia da UnB



Fonte: Elaboração Própria

Em relação à predominância das disciplinas cursadas pelos estudantes de Biblioteconomia da UnB, verifica-se que 38% cursam disciplinas do 7 semestre e 34% cursam disciplinas do 8 semestre. É possível observar mobilidade em relação às disciplinas cursadas, diante da porcentagem dos estudantes que cursam disciplinas de outros semestres, que não correspondem à sua atual posição no currículo da graduação (28%). O Gráfico 3 representa a predominância das disciplinas cursadas.

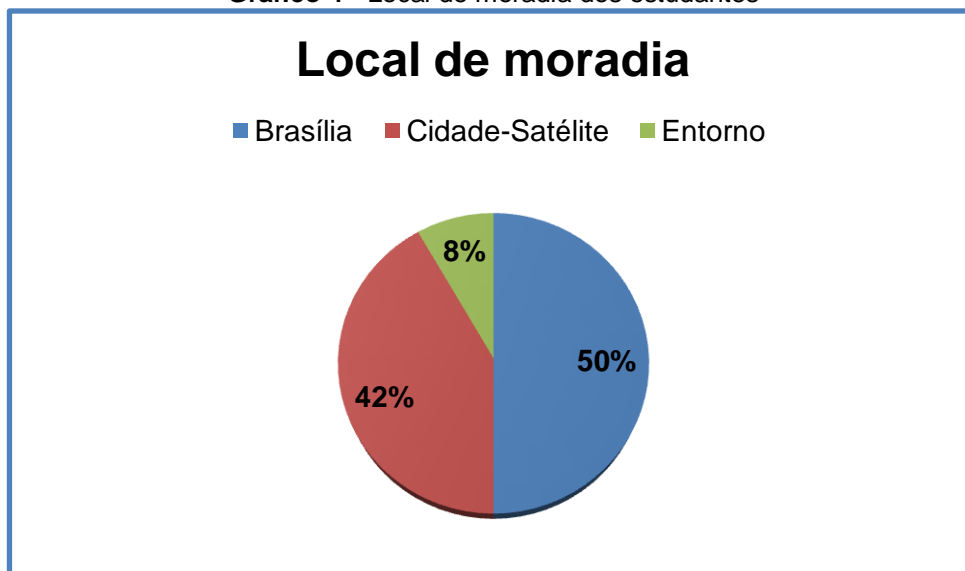
**Gráfico 3 - Predominância das disciplinas cursadas**



Fonte: Elaboração Própria

Com relação ao local de moradia, apresentado no Gráfico 4, identifica-se que 50% moram em Brasília e 42% moram nas cidades-satélites, denominadas, Regiões Administrativas. Apenas 8% dos estudantes de Biblioteconomia moram no entorno.

**Gráfico 4 - Local de moradia dos estudantes**



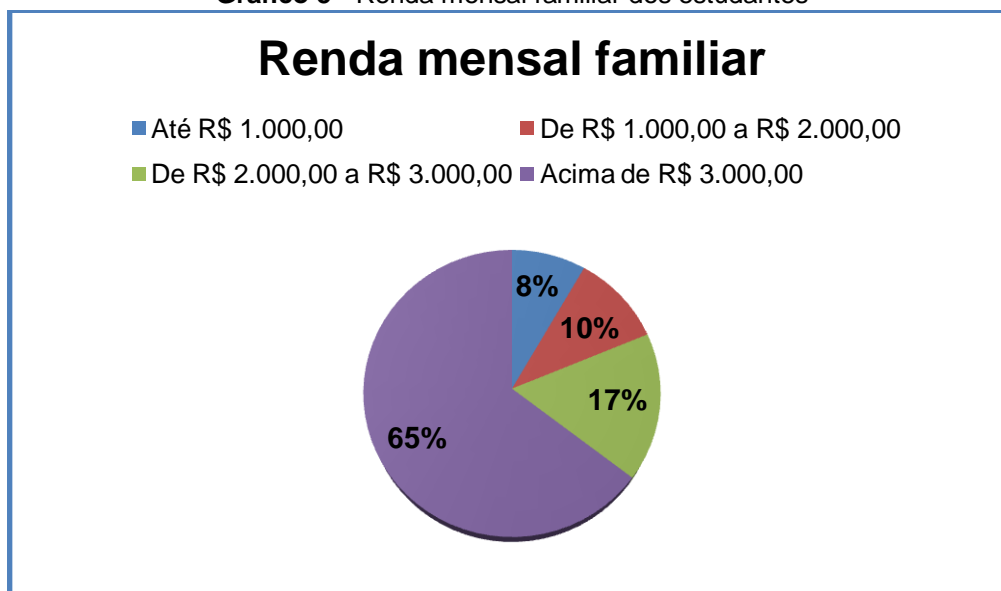
Fonte: Elaboração Própria

Com relação à renda mensal familiar, 65% dos estudantes possuem renda acima de R\$ 3.000,00, 8% possuem renda mensal de até R\$ 1.000,00 e 10% deles possuem renda mensal entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00. Por fim, 17% estão entre

os que ganham de R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00. Os dados podem ser observados no Gráfico 5.

Segundo levantamento feito pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep, 2013), de acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), a classificação sócio-econômica baseia-se na avaliação dos bens da família e o grau de escolaridade do chefe da casa. De acordo com dados Fundação Getúlio Vargas (FGV) de 2012, do Centro de Políticas Sociais (CPS), os dados da presente pesquisa mostram que a maior parcela dos estudantes concentra-se na faixa da classe C, caracterizada por renda familiar entre R\$ 1.734 a R\$ 7.475,00.

**Gráfico 5** - Renda mensal familiar dos estudantes

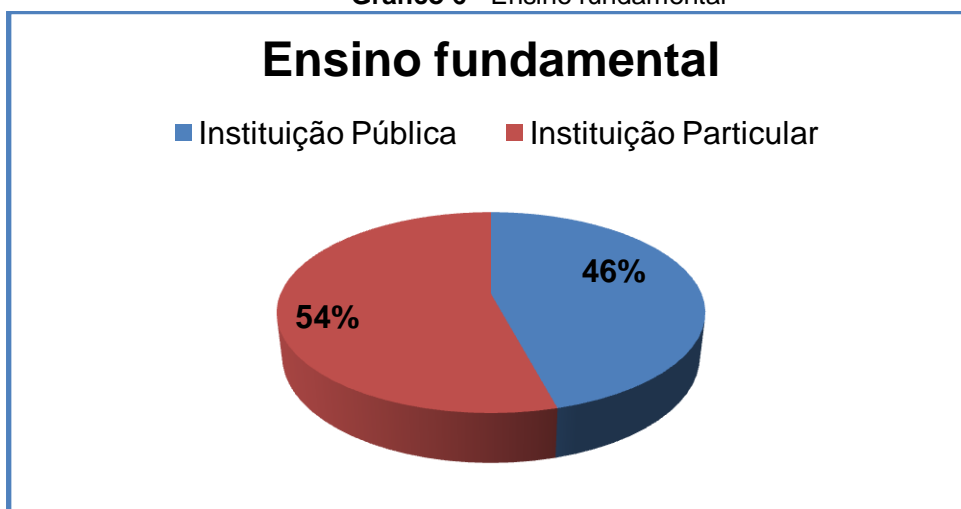


Fonte: Elaboração Própria

Ainda relacionado ao perfil do estudante, a próxima questão trata da formação escolar dos estudantes de Biblioteconomia, cujos dados são apresentados nos Gráficos 6 e 7. Os resultados mostram que 54% dos respondentes cursaram o ensino fundamental em instituição particular e 46% em instituição pública.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os dados do Censo 2010 revelam que 88.679 estudantes do Distrito Federal estão regularmente matriculados no ensino fundamental da rede particular e 270.346 estudantes encontram-se na rede pública. Em relação ao ensino médio, 31.700 estudantes do Distrito Federal estão regularmente matriculados na rede particular, contra 94.039 na rede pública.

**Gráfico 6 - Ensino fundamental**



Fonte: Elaboração Própria

Em relação ao ensino médio, 63% dos estudantes cursaram o ensino médio em instituição particular, ocorrendo queda no número de estudantes na instituição pública (37%).

**Gráfico 7 - Ensino Médio**



Fonte: Elaboração Própria

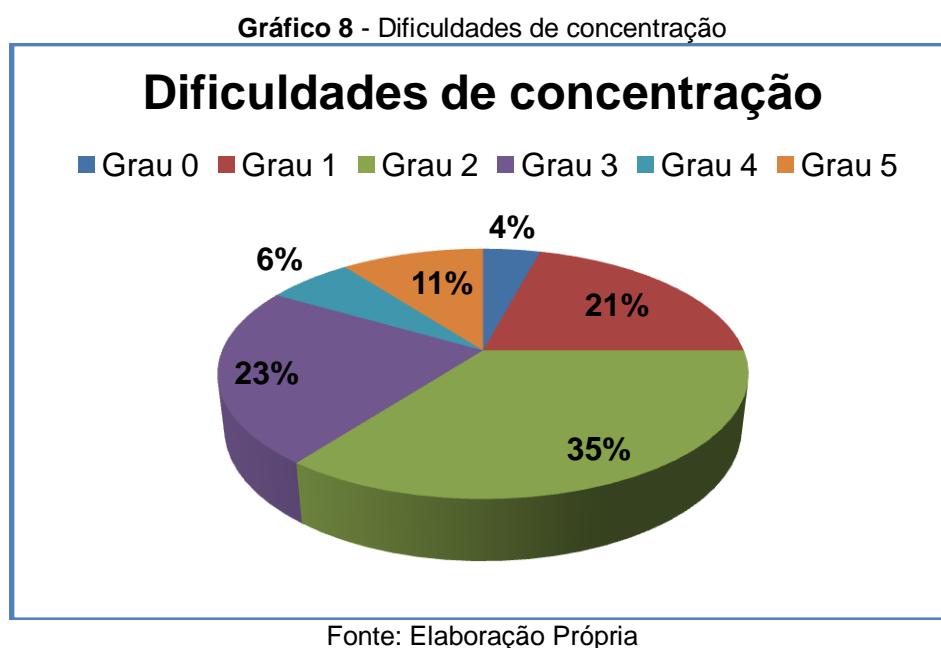
O Distrito Federal é a região com maior número de estudantes matriculados em instituição particular. Entre os 2,5 milhões de brasilienses, 13,1% pagam para estudar. A média nacional com gastos em educação é 6,82% dos 190 milhões de brasileiros. Apesar de o número de estudantes predominar nas instituições públicas, o sistema educacional privado cresceu 11 vezes mais que o público nos últimos 10 anos. Em 2000, o Distrito Federal possuía 29% dos estudantes matriculados em instituições particulares, porém, em 2011, o número de estudantes passou para

38,5%. Dois fatos ajudam a explicar o aumento: o primeiro diz respeito à renda familiar média de R\$ 4,1 mil (como demonstrado no Gráfico 5), unida à precariedade do sistema público de ensino, em que por vezes faltam professores, material e alimentação. Dessa forma, as avaliações nacionais, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), obtêm melhores desempenhos pelos estudantes da rede privada de ensino, o que parece impulsionar as famílias a investirem mais no ensino particular. (MADER, 2011).

### 6.3 DIFICULDADES DE LEITURA

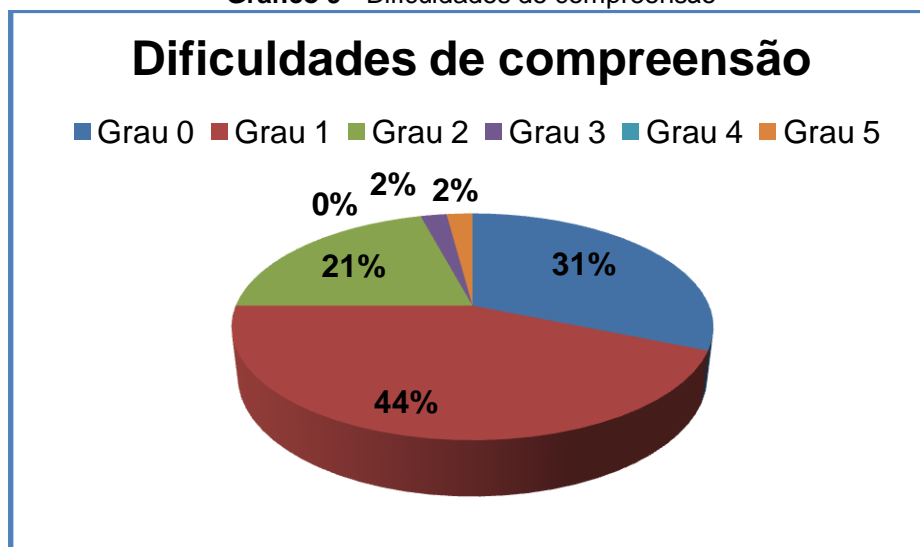
Nesse tópico foram avaliadas as principais dificuldades de leitura por meio da escala de Likert. A escala de Likert requer que os respondentes indiquem o grau de concordância ou discordância em relação às propostas apresentadas na questão. (BRANDALISE, 2005). As escalas possuem graus de 0 a 5 (o grau 5 significa maior dificuldade). Os Gráficos de 8 a 15 representam as referidas dificuldades.

O Gráfico 8 representa a dificuldade de concentração. Observa-se que a 38% dos estudantes possuem facilidade de concentração e somente 11% dos estudantes possuem muita dificuldade de concentração.



O próximo ponto aborda a dificuldade de compreensão. É possível perceber que 31% dos respondentes declararam não possuir dificuldades de compreensão. Apenas 2% declararam ter muita dificuldade. O Gráfico 9 representa as dificuldades de compreensão.

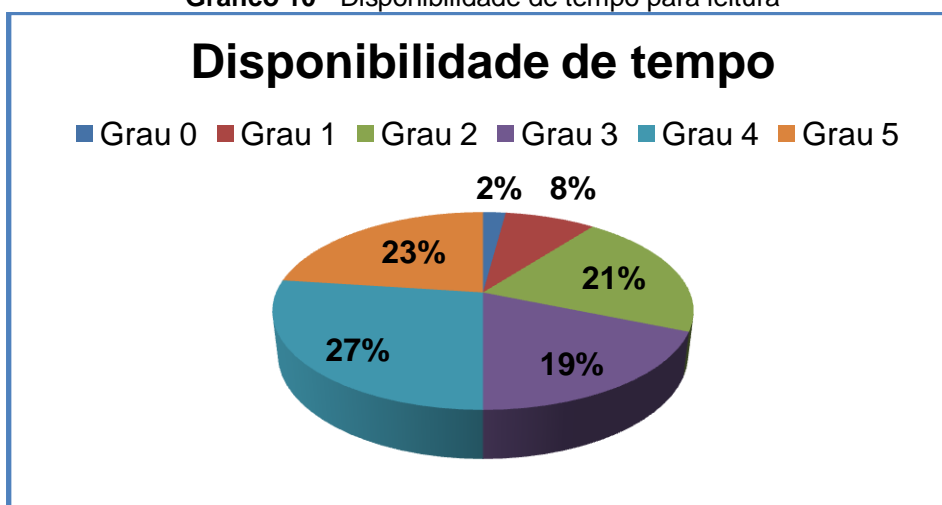
**Gráfico 9 - Dificuldades de compreensão**



Fonte: Elaboração Própria

A disponibilidade de tempo para leitura pode ser observada no Gráfico 10. Dos respondentes, 23% apontam o maior grau de dificuldade de tempo de leitura, que representa quase nenhum tempo disponível para a leitura. Outros 27% declararam possuir pouco tempo.

**Gráfico 10 - Disponibilidade de tempo para leitura**

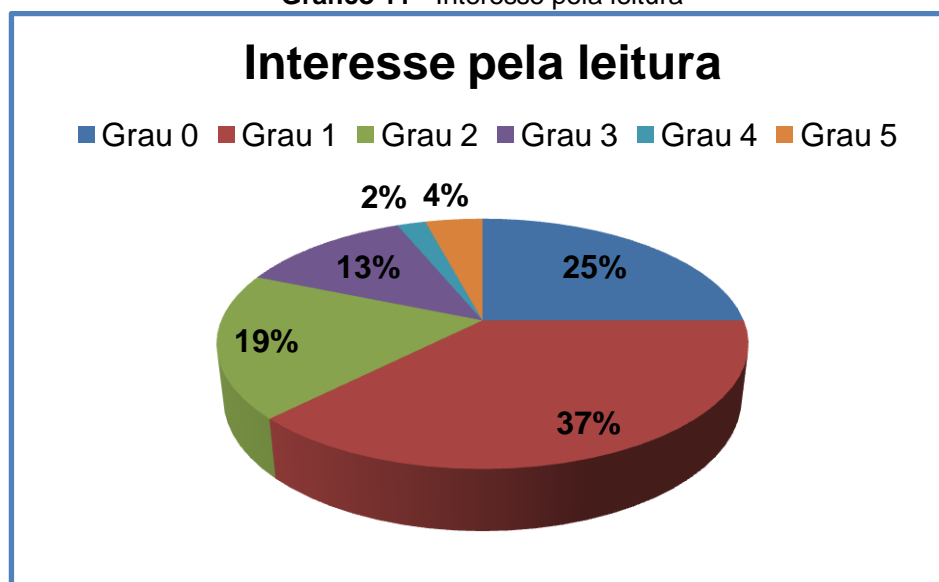


Fonte: Elaboração Própria



No que concerne à falta de interesse, representada no Gráfico 11, pode se perceber que 37% dos estudantes responderam possuí-lo em menor grau e 25% declararam possuir muita falta de interesse.

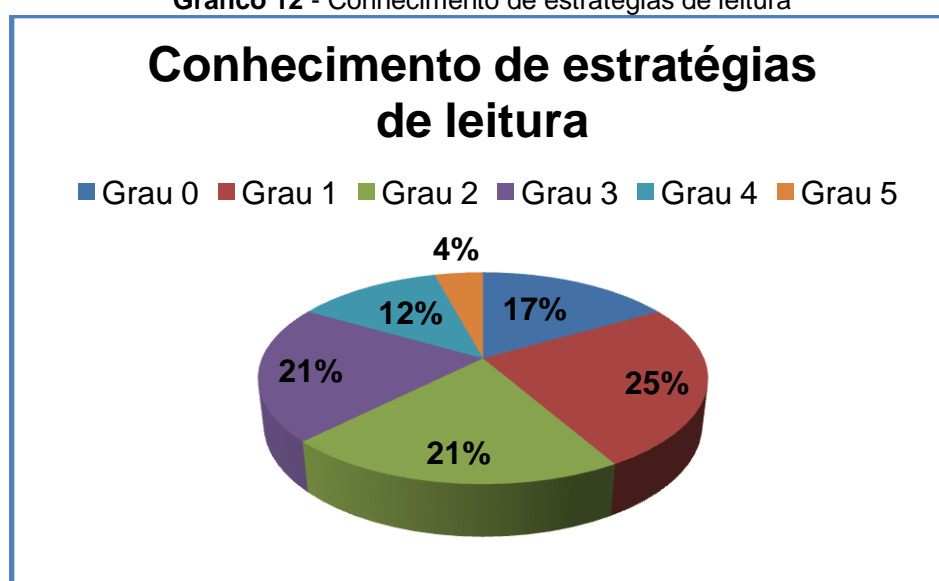
**Gráfico 11 - Interesse pela leitura**



Fonte: Elaboração Própria

Com relação às estratégias de leitura (Gráfico 12), 25% dos estudantes responderam conhecer as estratégias e 4% declararam possuir maior grau de dificuldade, ou seja, não possuem conhecimentos relacionados às estratégias de leitura.

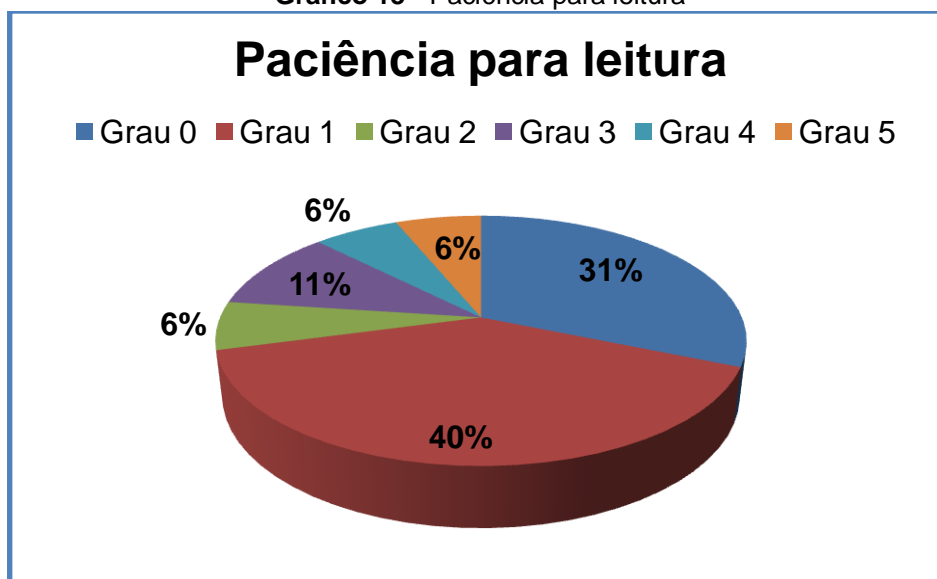
**Gráfico 12 - Conhecimento de estratégias de leitura**



Fonte: Elaboração Própria

A paciência para leitura, apresentada no Gráfico 13, indica que 40% dos estudantes possuem menor grau de impaciência para a leitura e 31% declararam não possuir essa dificuldade. Outros 6% são impacientes para a leitura.

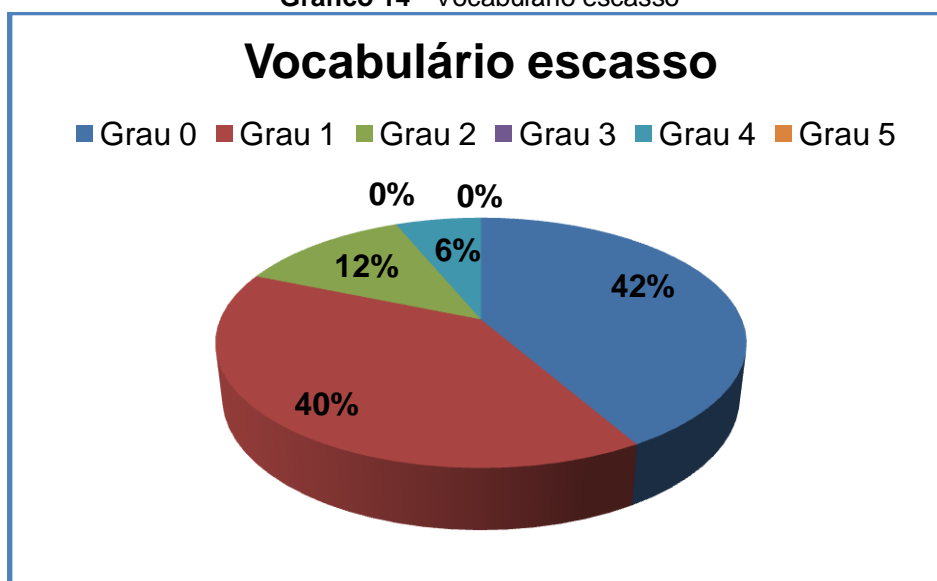
**Gráfico 13 - Paciência para leitura**



Fonte: Elaboração Própria

No que diz respeito ao vocabulário escasso, representado no Gráfico 14, 42% dos respondentes não possuem tal dificuldade e 40% deles possuem em grau mínimo.

**Gráfico 14 - Vocabulário escasso**

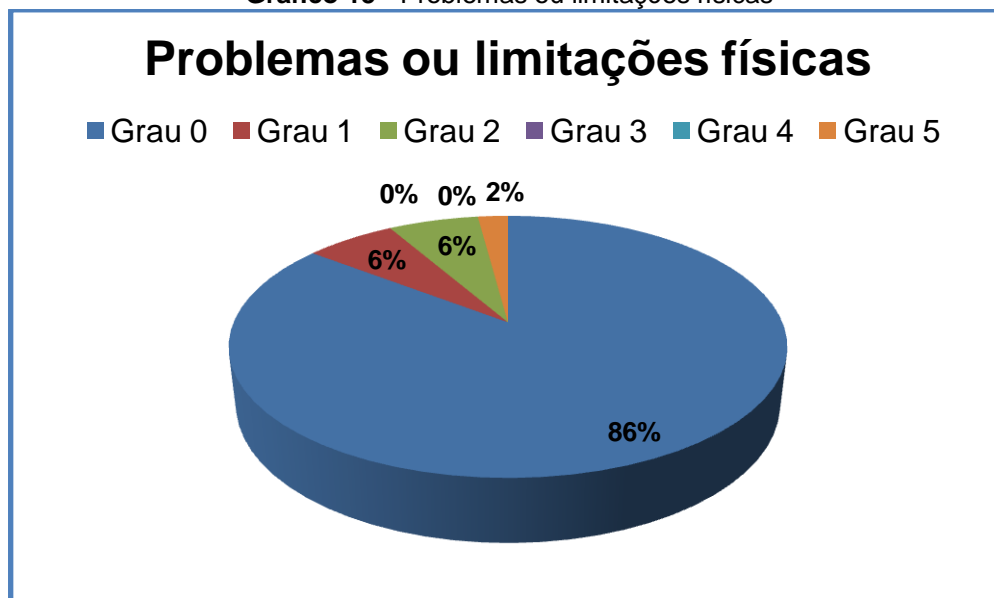


Fonte: Elaboração Própria

Outra questão analisada foi sobre problemas ou limitações físicas dos estudantes. Os dados apontam que 86% não possuem nenhum problema ou

limitação física. Apenas 2% declararam possuir algum tipo de limitação. Os dados estão representados no Gráfico 15.

**Gráfico 15 - Problemas ou limitações físicas**



Fonte: Elaboração Própria

Os resultados mostram que as características predominantes dos estudantes em relação às dificuldade de leitura são:

- Facilidade de concentração.
- Facilidade de compreensão.
- Pouco tempo para leitura.
- Pouco interesse em ler.
- Conhecimento de estratégias de leitura.
- Paciência para leitura.
- Bom vocabulário.

Observa-se que os estudantes de Biblioteconomia avaliam que não possuem dificuldades de leitura. A auto-avaliação é um processo que envolve a metacognição, ou seja, o indivíduo julga seu próprio conhecimento. Quando se faz auto-avaliação, existe a possibilidade de a avaliação ser afetada pela autocomplacência ou ausência de juízo crítico por parte do avaliador. Por outro lado, permite o conhecimento da perspectiva do estudante em relação à sua própria competência. (RODRIGUES JUNIOR, 2009).

Diversas pesquisas são realizadas no intuito de analisar o sujeito como leitor, identificar as habilidades, estratégias envolvidas na leitura e as principais dificuldades de leitura no ensino superior. Os resultados demonstram que “ser bem sucedido no curso universitário” relaciona-se diretamente à maturidade leitora. Os principais pontos analisados são habilidades como: compreensão, ritmo, concentração, flexibilidade, criticidade e criatividade, além de interesse, motivação e atitudes frente à leitura. (SILVIA; SANTOS, 2004).

Os estudos demonstram que tais habilidades não estão presentes no momento do ingresso do estudante no ensino superior. Os vestibulandos apresentam dificuldades de leitura e escrita, que incluem dificuldade na organização de ideias, assim como limitação de vocabulário. Outras variáveis também podem estar relacionadas com o desempenho do leitor como a idade do estudante, na qual pesquisadores identificam vantagens no desempenho de estudantes mais velhos sobre os mais novos; gênero, na qual apontam maior rendimento das mulheres; questão socioeconômica, influente na educação e hábitos, que interferem na vida acadêmica; formação básica, que aponta ser na maioria precária, o que se torna obstáculo na aprendizagem acadêmica e má compreensão dos textos do gênero acadêmico. (SILVIA; SANTOS, 2004; CAMURÇA, 2011).

Diante disso, para a leitura, os conhecimentos acumulados e anteriores à leitura são essenciais para o entendimento dos textos. Para que haja compreensão é necessário a interação do leitor com o texto e o autor. Dessa forma, com a utilização desses conhecimentos, ele é capaz de concordar, discordar ou criticar o que se lê. Portanto, a leitura só desperta o interesse quando existe interação com o leitor. (FREIRE, 2011). As dificuldades de leitura podem interferir nesse processo, por isso é cada vez mais importante que a formação dos estudantes tenha maior embasamento teórico sobre como formar leitores, a fim de acabar com as referidas dificuldades.

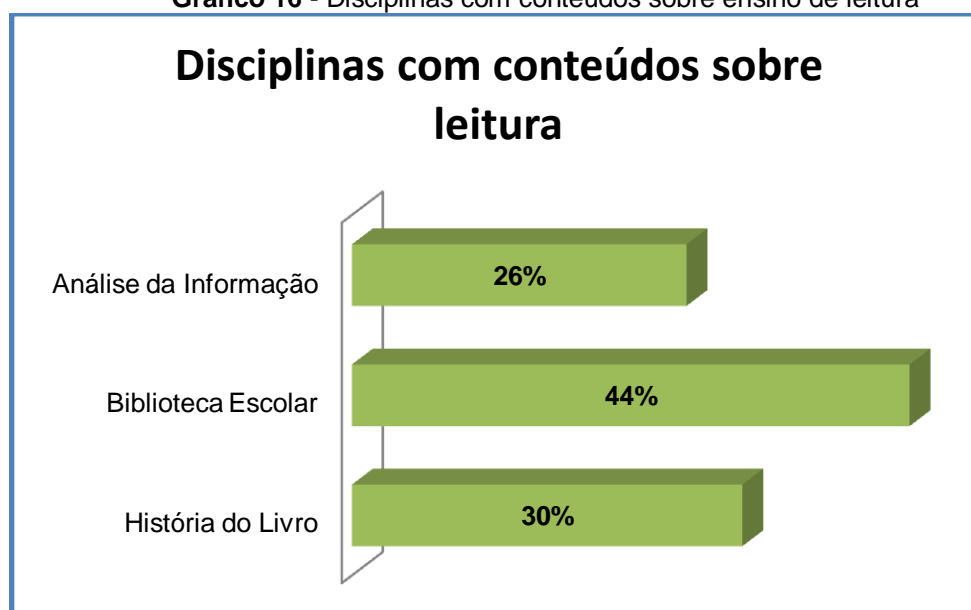
#### 6.4 DISCIPLINAS QUE FUNDAMENTAM O TRABALHO DE INCENTIVO À LEITURA E O DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS PARA O APRENDIZADO DA LEITURA

Essa questão corresponde à análise das disciplinas cursadas na Universidade. Solicitou-se que os estudantes listassem as disciplinas ofertadas na FCI ou em outro departamento da UnB, que lhe deram base para trabalhar o incentivo à leitura e o desenvolvimento de recursos para o aprendizado da leitura.

Para o tratamento das informações foram identificadas palavras-chave ou conceitos representativos das respostas, que posteriormente foram contabilizados de forma estatística. Em seguida, os conceitos semelhantes foram novamente categorizados, obtendo-se os seguintes resultados.

Dentre as disciplinas citadas, Seminário em Biblioteconomia - Biblioteca Escolar (44%) e História do Livro (30%) representaram a maioria, seguida da disciplina Análise da Informação (26%). O Gráfico 16 apresenta os resultados.

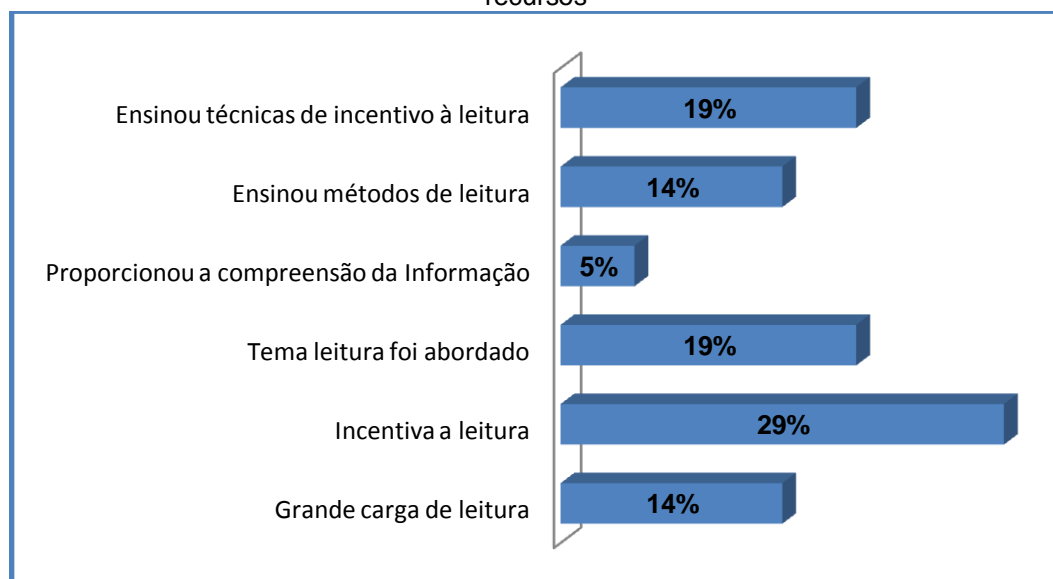
**Gráfico 16** - Disciplinas com conteúdos sobre ensino de leitura



Fonte: Elaboração Própria

Ao escolher disciplinas que possuem conteúdos sobre ensino de leitura, os estudantes justificaram as escolhas. Para 29% dos estudantes a justificativa reside no fato da disciplina incentivar a leitura. Os dados podem ser observados Gráfico 17.

**Gráfico 17** - Justificativa: disciplinas que fundamentam o trabalho relacionado à leitura e seus recursos



Fonte: Elaboração Própria

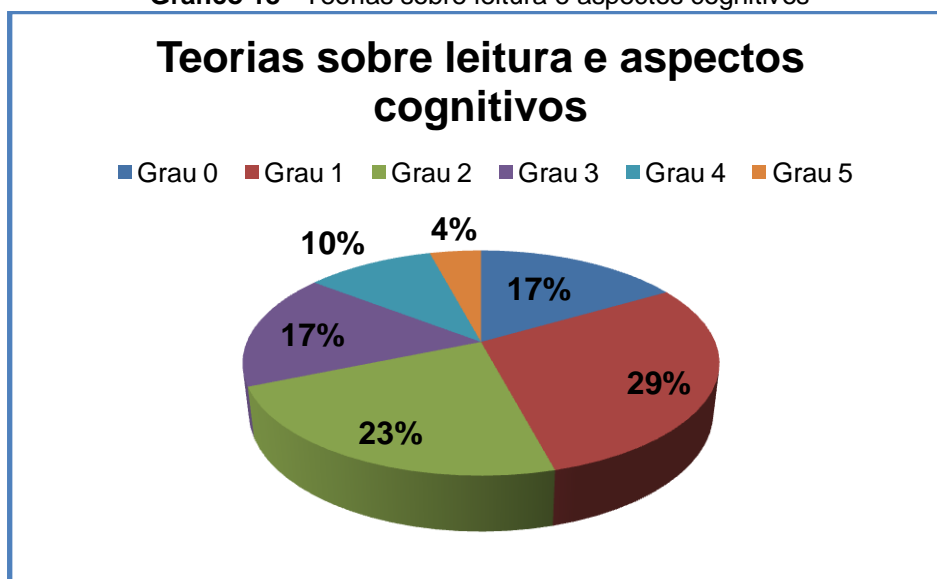
Ao cruzar os dados com a análise do currículo do curso de graduação em Biblioteconomia, observou-se que as metodologias das disciplinas inserem e exigem a leitura, ou seja, de alguma forma incentivam a leitura, porém, nenhuma disciplina aborda realmente o ensino e incentivo da leitura.

## 6.5 HABILIDADES, ATITUDES E CONTEÚDOS NECESSÁRIOS PARA ENSINAR A PRÁTICA LEITORA

A próxima análise corresponde ao conhecimento, habilidades, atitudes e conteúdos necessários para o profissional bibliotecário ensinar a prática leitora. As respostas foram avaliadas de acordo com a escala de Likert, utilizando os graus de 0 a 5 (o grau 5 significa maior conhecimento). Os Gráficos de 18 a 24 representam os dados das referidas análises.

De acordo com os dados mostrados no Gráfico 18, no que diz respeito às teorias que explicam como ocorre a leitura e os aspectos cognitivos, 29% consideraram ter pouco conhecimento. Outros 10% consideraram não possuir nenhum conhecimento sobre as teorias e os aspectos cognitivos da leitura.

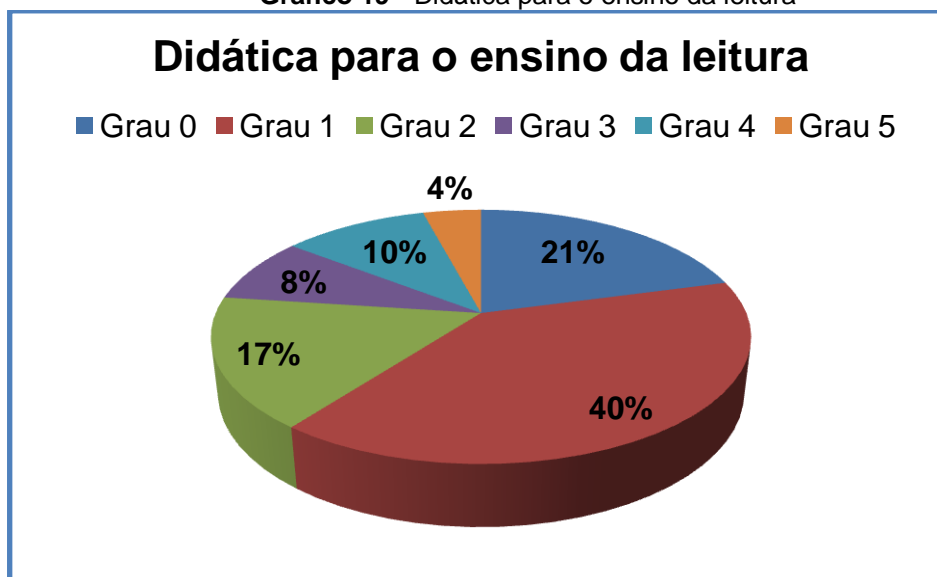
**Gráfico 18 - Teorias sobre leitura e aspectos cognitivos**



Fonte: Elaboração Própria

A questão da didática para o ensino da leitura foi também abordada na pesquisa. O Gráfico 19 apresenta que 21% dos estudantes não possuem nenhum conhecimento relacionado à didática de leitura e 40% possuem pequeno conhecimento.

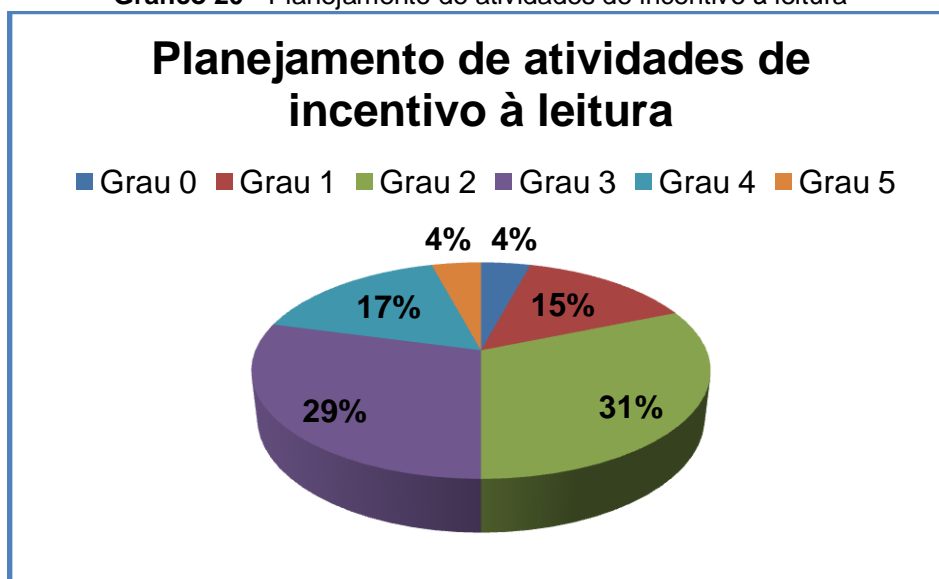
**Gráfico 19 - Didática para o ensino da leitura**



Fonte: Elaboração Própria

Na questão que aborda o planejamento de atividades ligadas ao incentivo à leitura, apenas 4% declararam ter conhecimento adequado sobre o assunto, mas 17% responderam possuir pouco conhecimento. Outros 29% dos respondentes avaliaram ter conhecimento básico. O Gráfico 20 apresenta os resultados.

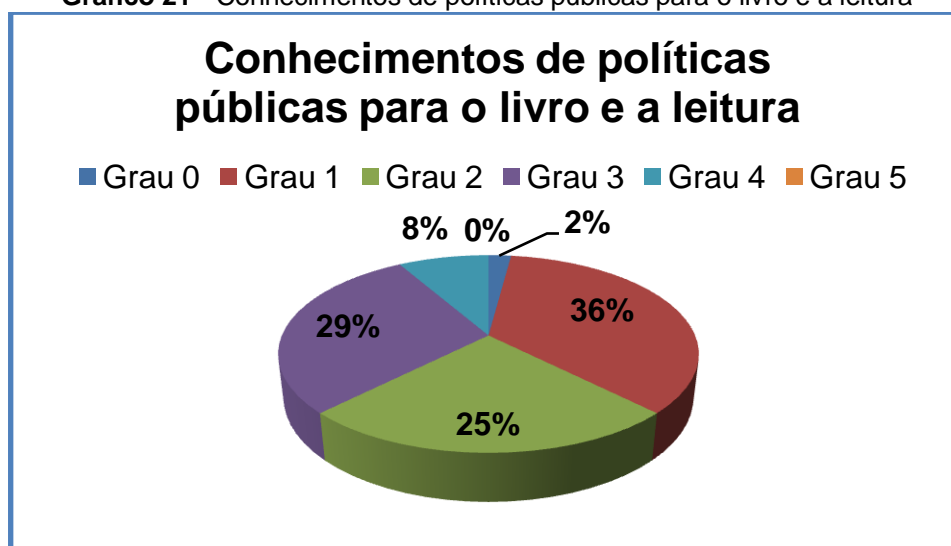
**Gráfico 20** - Planejamento de atividades de incentivo à leitura



Fonte: Elaboração Própria

Outro item analisado foi o conhecimento sobre as políticas públicas para o livro e a leitura. Os resultados, apresentados no Gráfico 21, mostram que 36% dos estudantes afirmaram possuir conhecimento mínimo sobre o assunto. Apenas 2% dos respondentes responderam não possuir nenhum conhecimento.

**Gráfico 21** - Conhecimentos de políticas públicas para o livro e a leitura

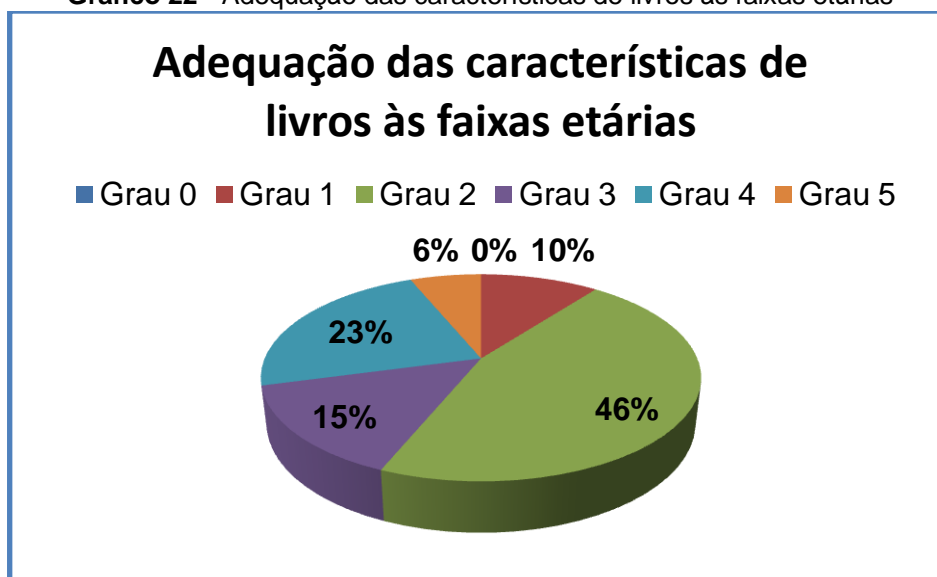


Fonte: Elaboração Própria



Com relação à adequação das características de livros às faixas etárias, 46% dos respondentes classificam o conhecimento como básico e 6% declararam não possuir conhecimento sobre o assunto. O Gráfico 22 apresenta o resultado.

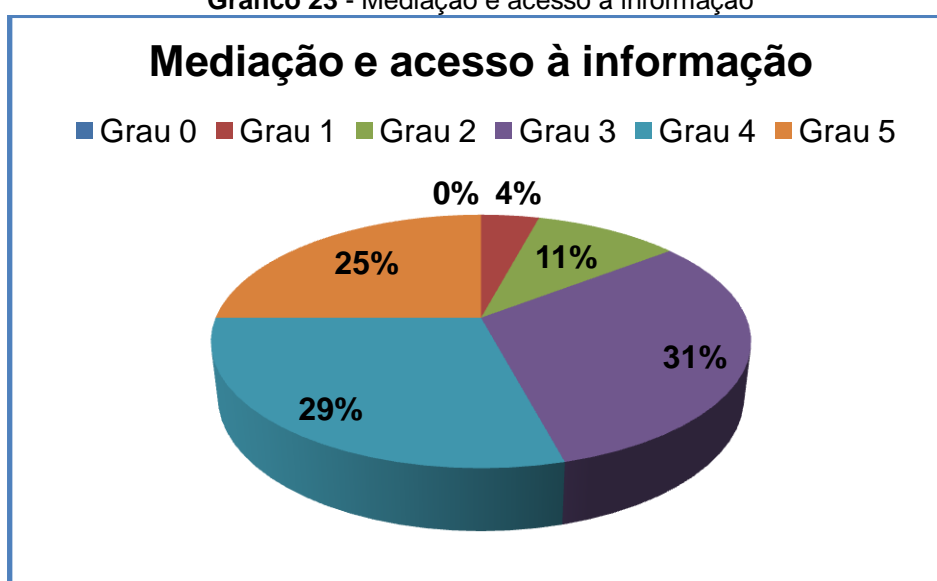
**Gráfico 22** - Adequação das características de livros às faixas etárias



Fonte: Elaboração Própria

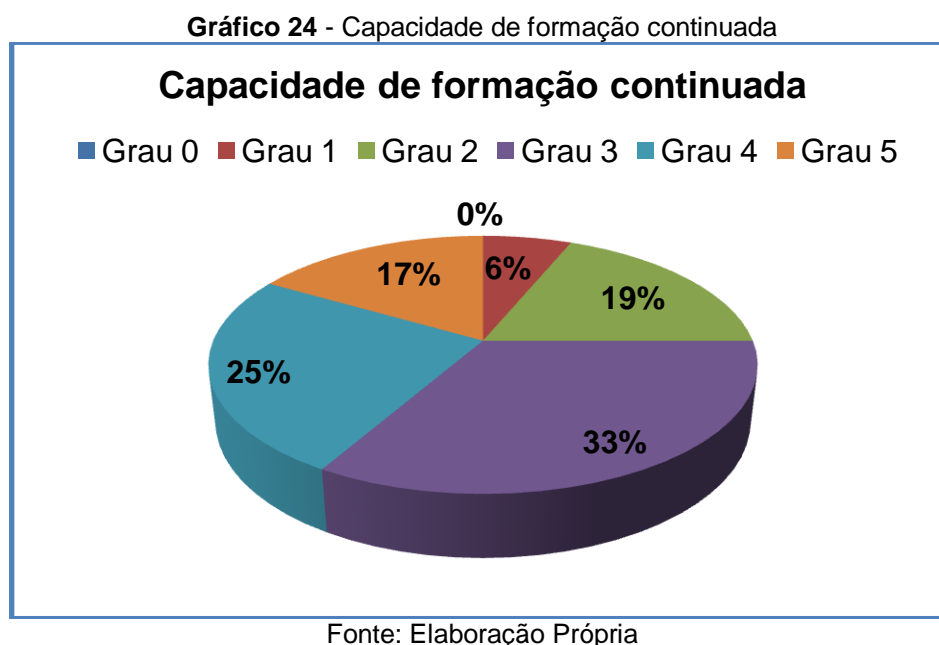
Em relação às habilidades de mediação da informação para acesso à informação, 31% dos respondentes afirmaram possuí-las. Apenas 0,4% dos respondentes afirmaram ter poucas habilidades.

**Gráfico 23** - Mediação e acesso à informação



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 24 apresenta os resultados da análise relacionada à capacidade de formação continuada. É possível perceber que a maioria dos respondentes localizam-se entre os três graus que representam maior capacidade. Outros 17% consideram-se altamente capazes na busca da formação continuada.



Os resultados mostram que as características predominantes dos estudantes em relação aos conhecimentos, habilidades, atitudes e conteúdos necessários para o ensino da prática de leitura são:

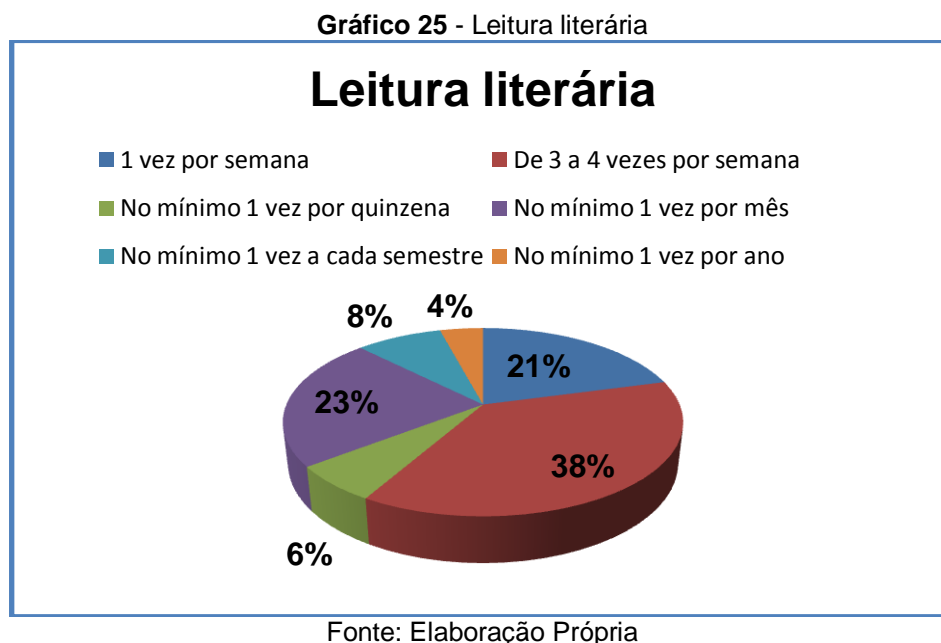
- Pouco conhecimento das teorias e dos aspectos cognitivos da leitura.
- Pouco conhecimento sobre didática de leitura.
- Conhecimento básico para planejamento de atividades de incentivo à leitura.
- Pouco conhecimento das políticas públicas para o livro e a leitura.
- Conhecimento básico para adequar os livros às faixas etárias.
- Habilidades que facilitam a mediação da informação.
- Capacidade de formação continuada.

Diante disso, os estudantes de Biblioteconomia avaliam que não possuem conhecimentos, habilidades e conteúdos suficientes e necessários para o ensino da prática leitora. As habilidades do bibliotecário ainda parecem estar centradas nos

processos técnicos, tornando-se necessário incorporar competências que possibilitem nova visão do conhecimento. Assim, ele poderá exercer a função de agente socializador da informação e contribuir no processo de aprendizagem dos indivíduos, no auxílio ao leitor, no processo de leitura e produção de sentido. Para isso, é necessário que os cursos de Biblioteconomia formem bibliotecários conhecedores das práticas de leitura e de competências necessárias para atuar em tal função. (RASTELI; CAVALCANTE, 2013; ARAÚJO; SILVA; SILVA, 2010).

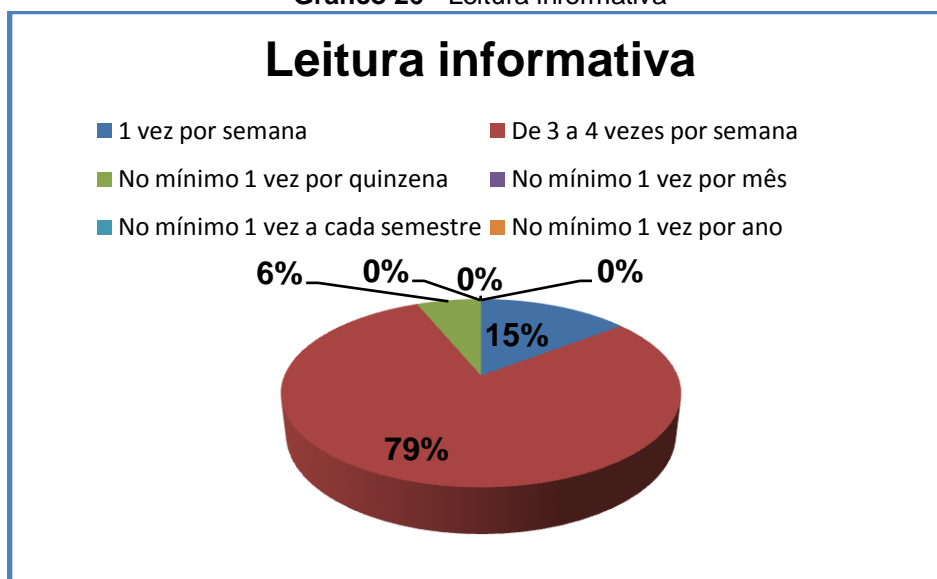
## 6.6 PRÁTICAS DE LEITURA

A questão relacionada à prática de leitura analisou os tipos de leitura e a frequência praticada. Os resultados mostram, como se observa no Gráfico 25, que 38% dos estudantes realizam a leitura literária de 3 a 4 vezes por semana, em contrapartida, 8% praticam a leitura literária no mínimo 1 vez a cada semestre.



O Gráfico 26 mostra que 79% dos estudantes praticam a leitura de 3 a 4 vezes por semana e 15% deles realizam a leitura informativa no mínimo 1 vez por semana.

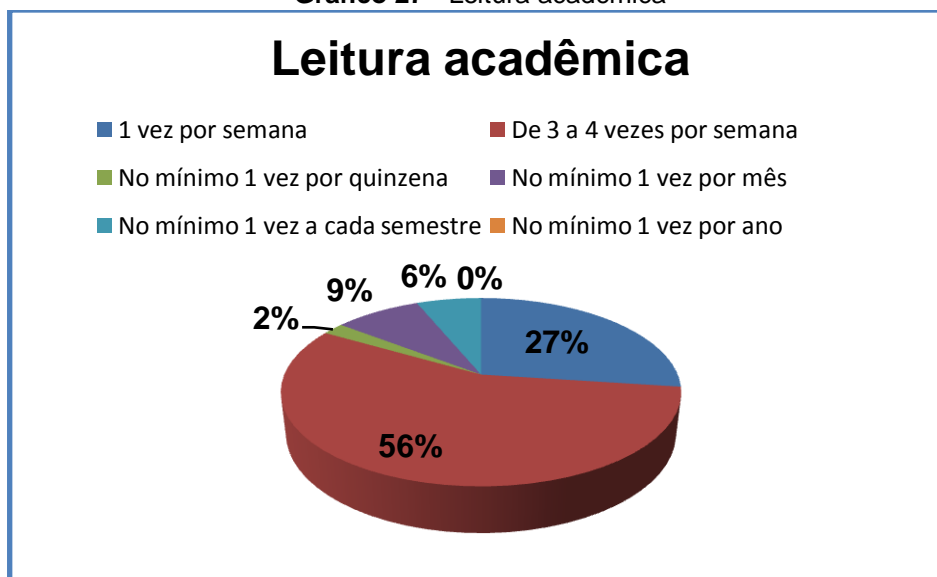
Gráfico 26 - Leitura informativa



Fonte: Elaboração Própria

A leitura acadêmica, representada no Gráfico 27, é realizada por 27% dos estudantes 1 vez por semana, mas 56% dos respondentes praticam a leitura acadêmica de 3 a 4 vezes por semana.

Gráfico 27 - Leitura acadêmica



Fonte: Elaboração Própria

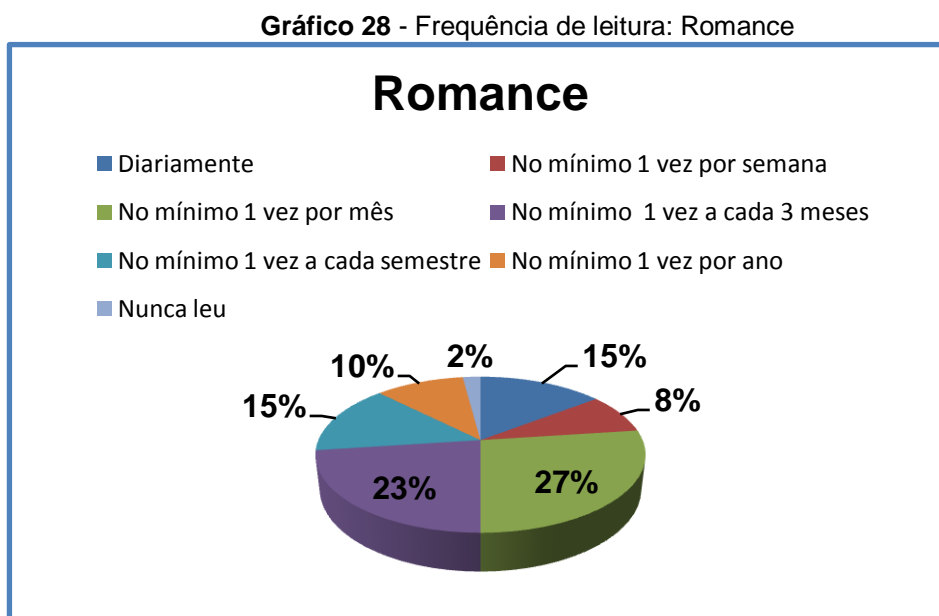
Os dados mostram que, com relação à frequência de leitura, a maioria dos estudantes pratica de 3 a 4 vezes por semana a leitura literária, informativa e acadêmica. Contudo, a leitura mais utilizada é a informativa. Essa leitura, também

conhecida como objetiva ou utilitária refere-se à leitura realizada com o objetivo de estudo, pesquisa e informação. (FONSECA, 2007).

Provavelmente, é mais utilizada por ser uma leitura que tem a função de abordar algum fato, transmitir dados, reciclar conceitos e ensinar sobre algum assunto. Os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3* demonstram que 55% dos leitores elegem a atualização cultural e os conhecimentos gerais como as maiores motivações para ler. (SANTOMAURO, 2009)

### 6.6.1 Leitura literária: gêneros e frequência de leitura

O presente tópico analisa a leitura literária a partir dos principais gêneros e frequência com que é praticada pelos estudantes de Biblioteconomia da UnB. De acordo com o Gráfico 28, é possível perceber que a leitura de romance é praticada por 27% dos estudantes no mínimo 1 vez por mês. Apenas 2% dos respondentes declararam nunca ter lido o gênero.

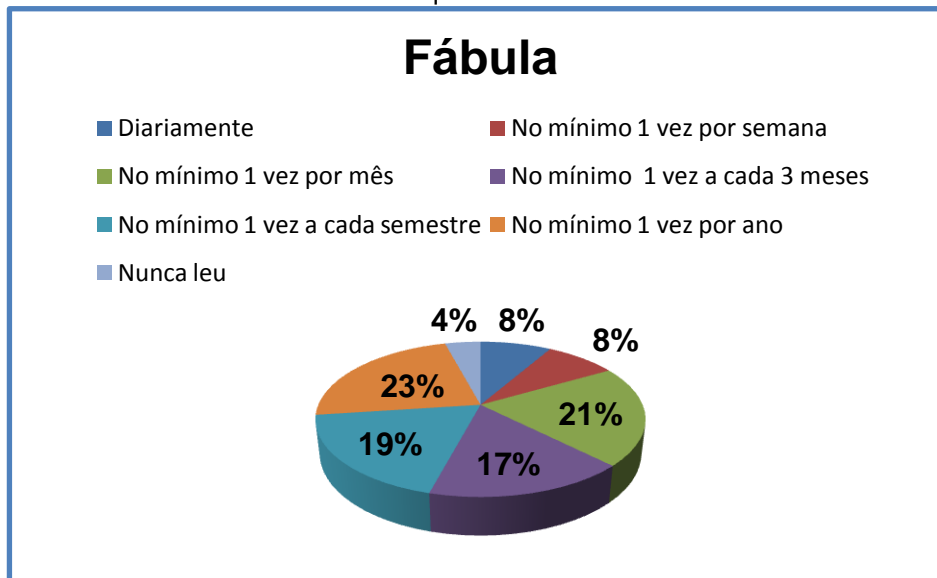


Fonte: Elaboração Própria

A análise do gênero fábula, apresentada no Gráfico 29, aponta que 21% dos estudantes realizam a leitura do gênero com frequência no mínimo uma vez por mês

e 23% leem no mínimo uma vez por ano. Apenas 4% dos estudantes nunca leem fábulas.

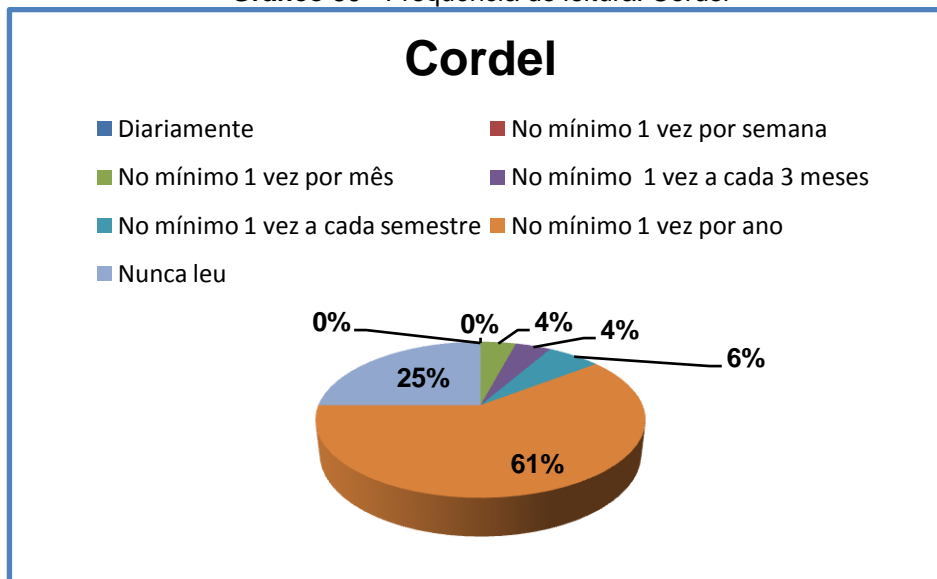
**Gráfico 29 - Frequência de leitura: Fábula**



Fonte: Elaboração Própria

Os dados sobre leitura de cordel podem ser observados no Gráfico 30. Observa-se que 61% dos estudantes leem no mínimo 1 vez por ano. Outros 25% responderam que nunca leram.

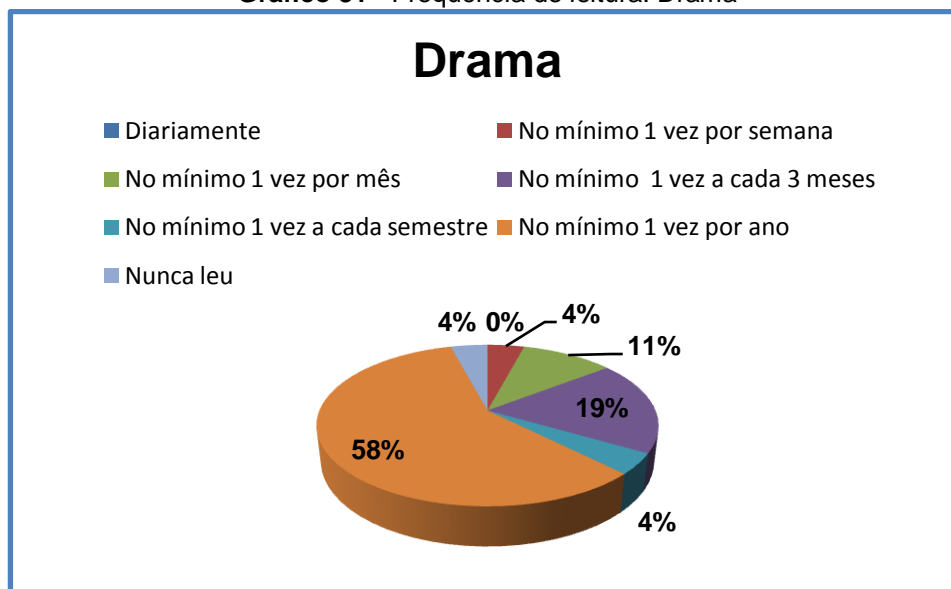
**Gráfico 30 - Frequência de leitura: Cordel**



Fonte: Elaboração Própria

Sobre a leitura do gênero dramático, 58% dos estudantes leem com frequência de no mínimo 1 vez por ano. Apenas 4% dos respondentes nunca leram. O Gráfico 31 apresenta os dados do resultado.

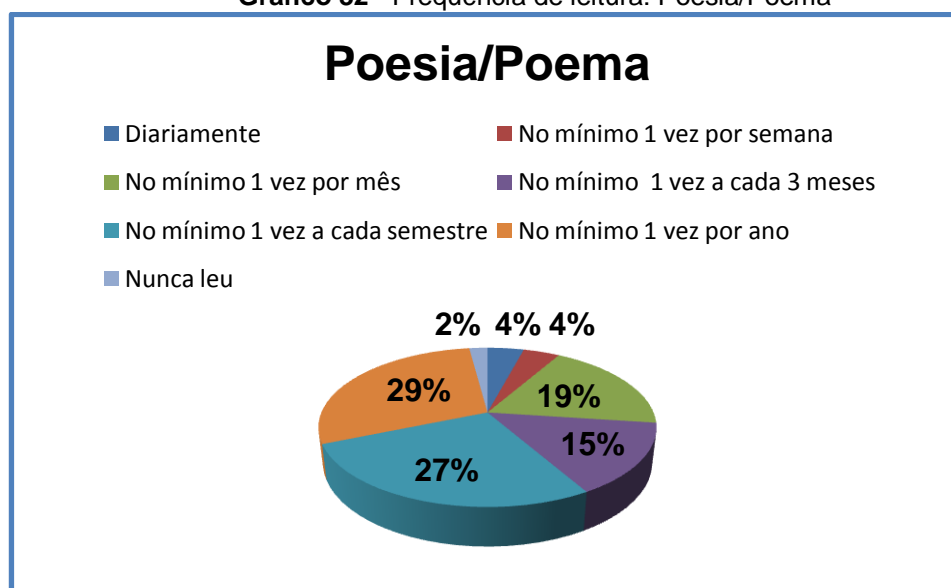
**Gráfico 31 - Frequência de leitura: Drama**



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 32 representa a leitura dos gêneros poesia/poema. É possível observar que 2% dos respondentes nunca leram, mas que 27% dos estudantes realizam a leitura do gênero no mínimo 1 vez por semestre.

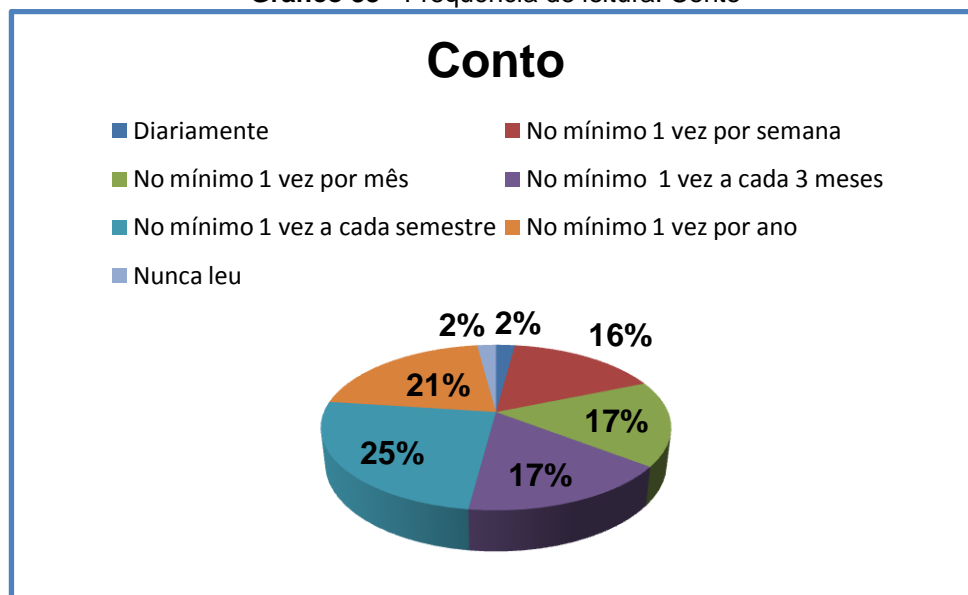
**Gráfico 32 - Frequência de leitura: Poesia/Poema**



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 33 apresenta os resultados sobre a leitura do gênero conto. Observa-se que 2% nunca leram o gênero, mas 25% afirmaram ler no mínimo uma vez por semestre.

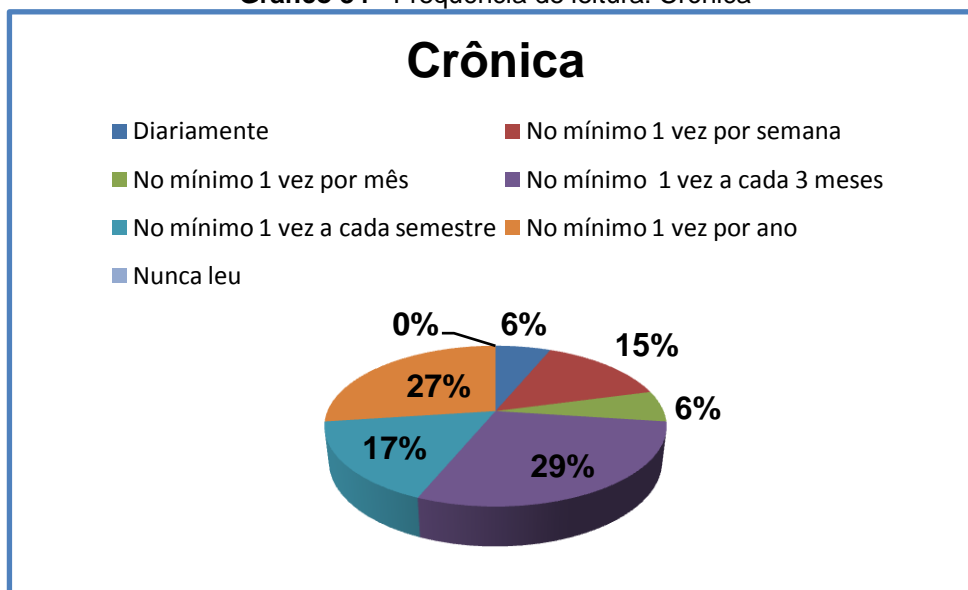
**Gráfico 33 - Frequência de leitura: Conto**



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 34 apresenta os resultados sobre leitura de crônicas. Observa-se que 29% dos respondentes realizam a leitura no mínimo uma vez a cada 3 meses. Por sua vez, 27% declararam ler no mínimo 1 vez por ano.

**Gráfico 34 - Frequência de leitura: Crônica**

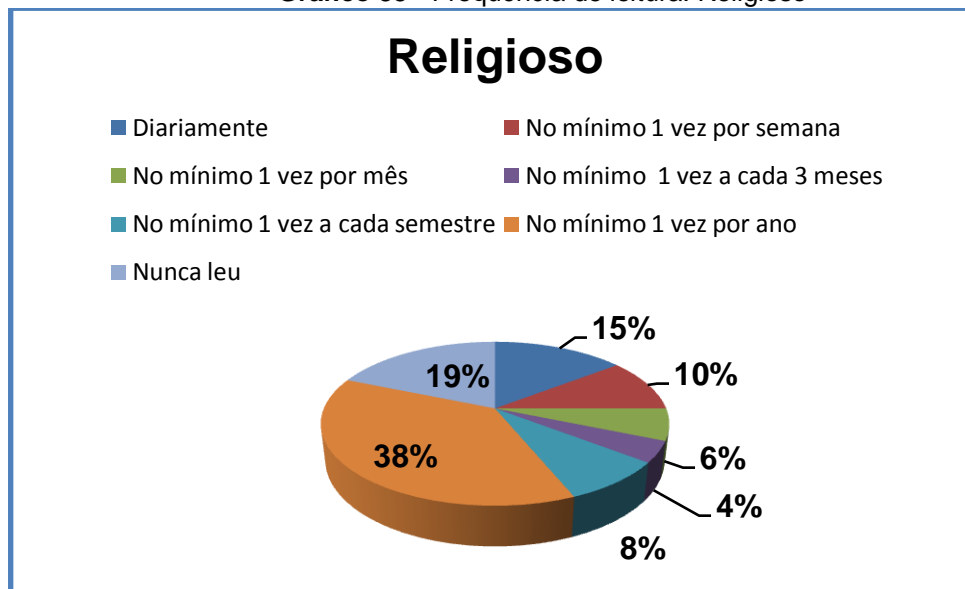


Fonte: Elaboração Própria



Em relação à leitura do gênero religioso, os dados apontam que 38% dos respondentes declararam realizar a leitura do gênero no mínimo 1 vez por ano. Dos respondentes, 19% responderam nunca ler. Os resultados podem ser observados no Gráfico 35.

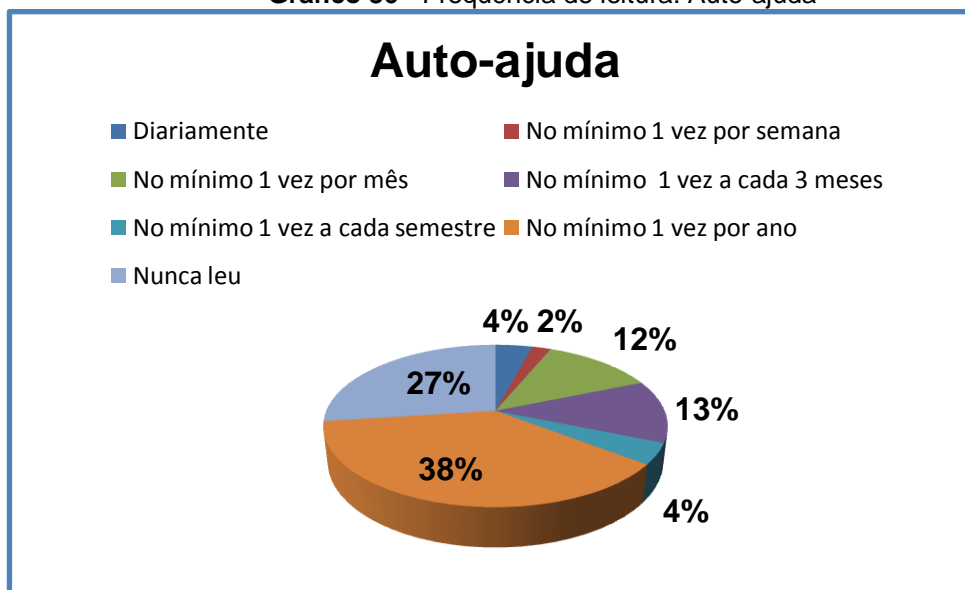
**Gráfico 35 - Frequência de leitura: Religioso**



Fonte: Elaboração Própria

O gênero auto-ajuda é lido com frequência de no mínimo 1 vez por ano por 38% dos respondentes. Apenas 2% responderam ler diariamente. Os dados são apresentados no Gráfico 36.

**Gráfico 36 - Frequência de leitura: Auto-ajuda**



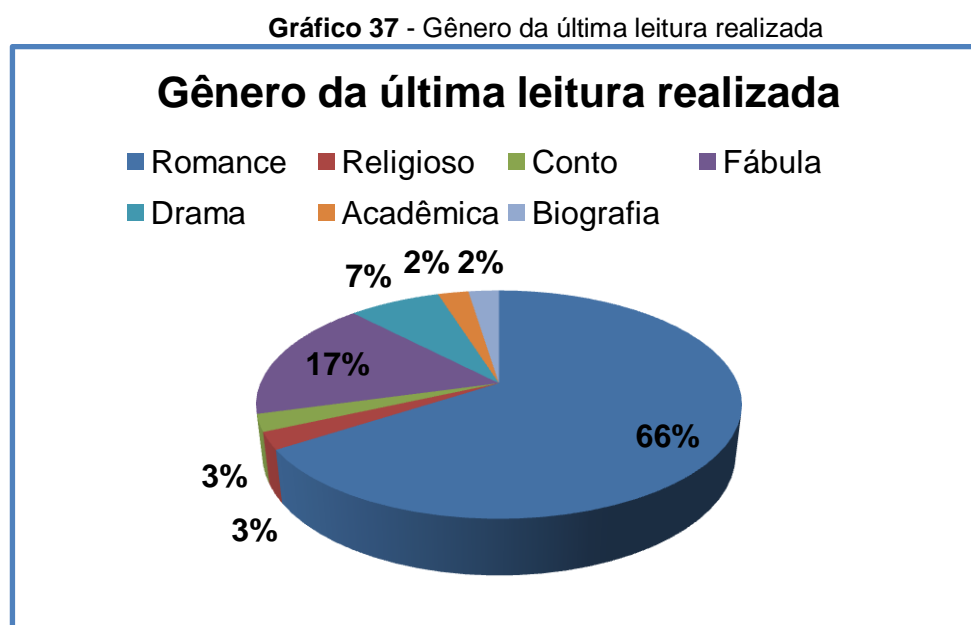
Fonte: Elaboração Própria

Os dados mostram que o gênero lido com mais frequência é o romance, pelo menos uma vez por mês, seguido pela crônica, uma vez a cada 3 meses, e pelo conto, lido semestralmente. Os demais gêneros como a Fábula, cordel, drama, poesia, religioso e auto-ajuda são lidos com menor frequência. De acordo com a pesquisa, *Retratos da Leitura no Brasil 3*, o gênero mais lido no Brasil são os didáticos (66%), seguidos dos religiosos (57%) e os técnicos (56%). O romance ocupa a 15ª posição.

### 6.6.2 Última leitura literária realizada

Nesse tópico, a questão analisou qual e quando foi a última leitura realizada pelos estudantes. Para a análise dos dados, foram identificados os principais gêneros citados, além disso, os dados sobre o tempo da última leitura foram categorizados de acordo com as respostas. Diante disso, obtiveram-se os seguintes resultados:

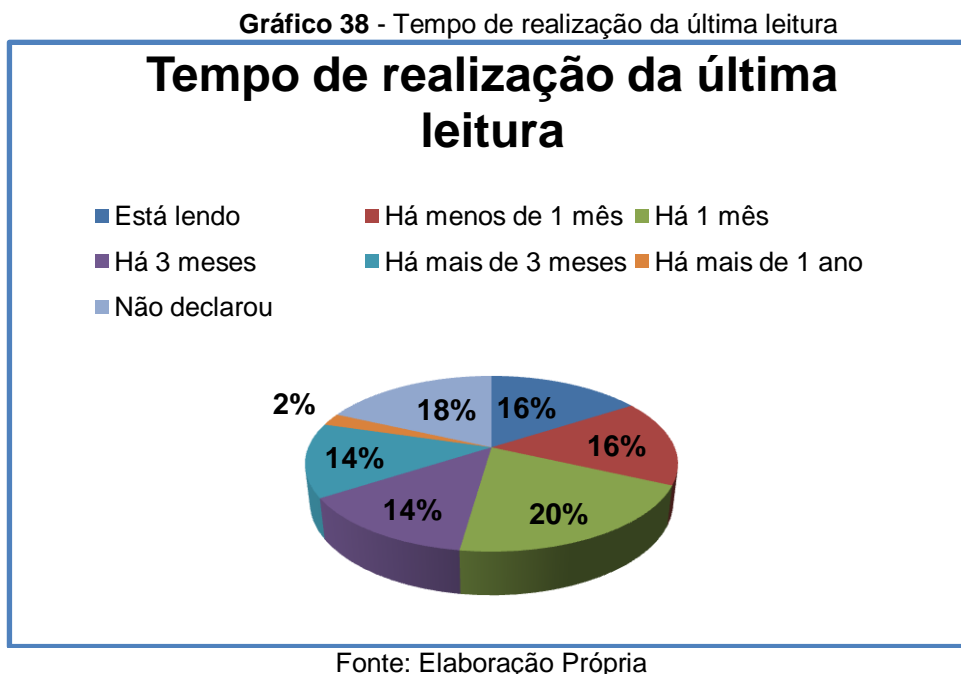
A maioria dos estudantes (66%), como se pode observar no Gráfico 37, leu romance, seguido de 17% que declararam ter lido fábulas.



Fonte: Elaboração Própria

O tempo de realização da última leitura foi verificado na pesquisa. Os resultados mostram que 20% dos estudantes realizaram a última leitura há 1 mês.

Dos estudantes pesquisados, 18% não declararam o referido tempo. Os dados podem ser observados no Gráfico 38.



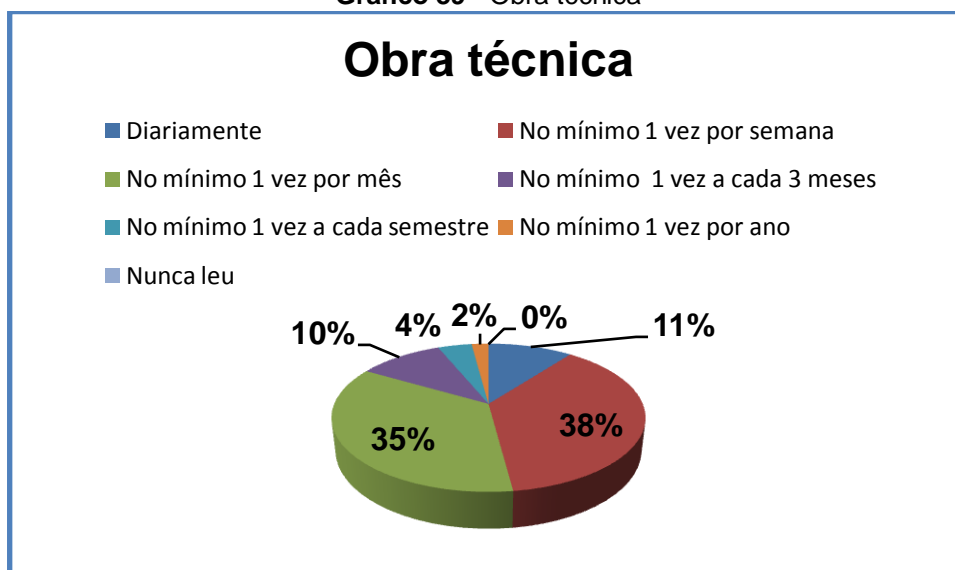
Os dados da questão 6.6.1 mostram que a leitura literária é praticada com frequência de 3 a 4 vezes por semana, que parece estar em consonância com os resultados desse item, em que o tempo da ultima leitura corresponde há 1 mês. Em relação aos gêneros, os mais lidos foram o romance e a fábula, dados que se confirmam no presente tópico.

## 6.7 LEITURA ACADÊMICA: FONTES E FREQUÊNCIA

O presente tópico analisa a leitura acadêmica, abordando as principais fontes usadas e a frequência praticada pelos estudantes de Biblioteconomia da UnB. Assim, têm-se os seguintes resultados:

A primeira questão relaciona-se à frequência de leitura de obras técnicas. Percebe-se que 38% dos estudantes realizam a leitura no mínimo 1 vez por semana e 2 % praticam diariamente. Os resultados são apresentados no Gráfico 39.

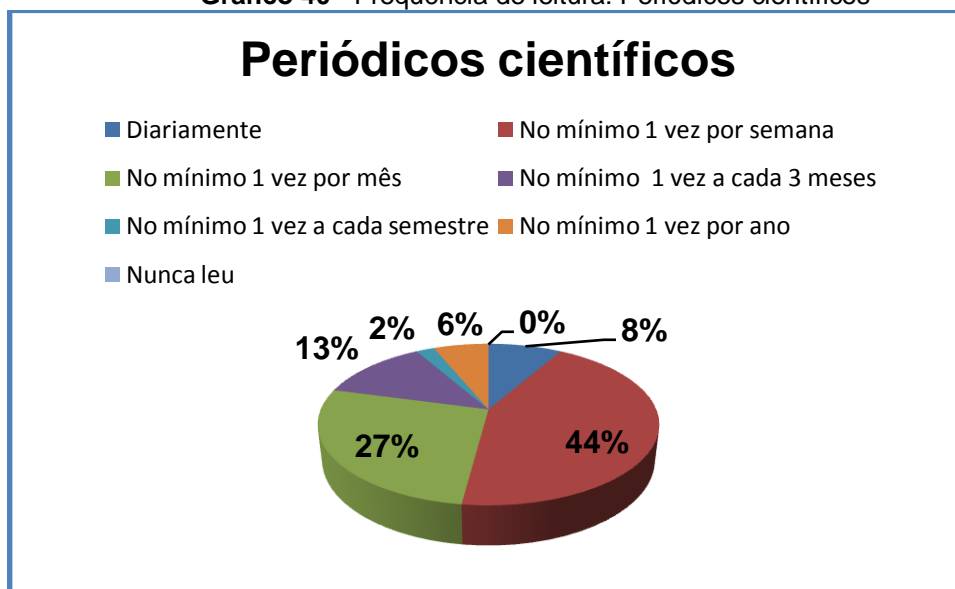
**Gráfico 39 - Obra técnica**



Fonte: Elaboração Própria

Com relação à frequência de leitura dos periódicos científicos, apresentados no Gráfico 40, os dados mostram que 44% dos respondentes leem periódicos no mínimo 1 vez por semana e 8% leem diariamente.

**Gráfico 40 - Frequência de leitura: Periódicos científicos**



Fonte: Elaboração Própria

No item que trata dos blogs e sites especializados, os resultados mostram que 40% dos respondentes apresentam frequência de 1 vez por semana, contudo 29% deles declararam realizar a leitura nas fontes diariamente. O Gráfico 41 apresenta os resultados.

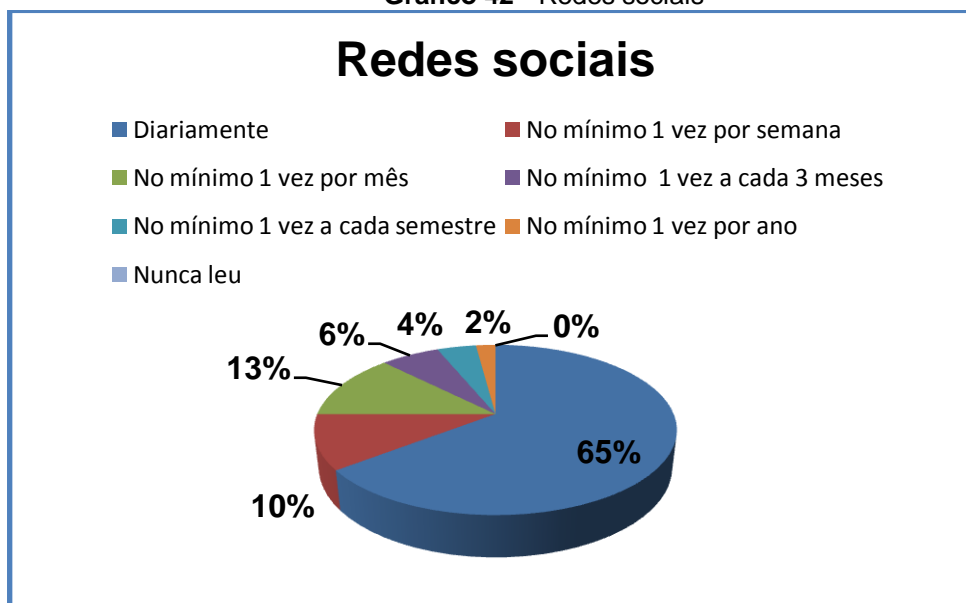
Gráfico 41 - Blogs/Sites especializados



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 42 apresenta os dados sobre a frequência das redes sociais. Os resultados mostram que 65% dos respondentes efetuam a leitura acadêmica diariamente. Outros 2% declararam não utilizar as redes sociais para realizar leituras acadêmicas.

Gráfico 42 - Redes sociais



Fonte: Elaboração Própria

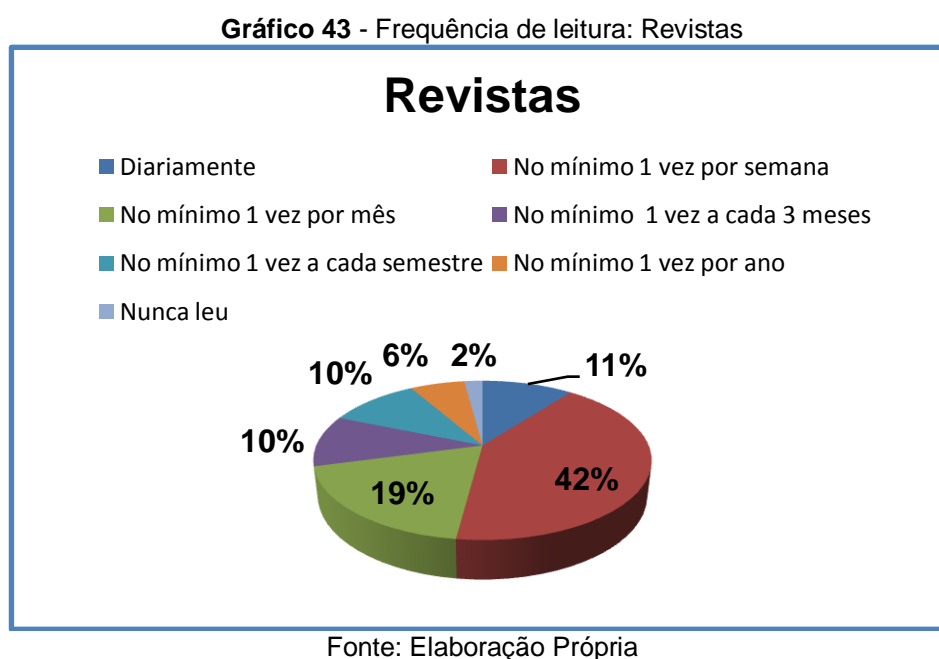
Os dados mostram que as fontes mais utilizadas na leitura acadêmica são as redes sociais. Em segundo lugar, ficam os periódicos científicos, e por fim, os blogs/sites especializados. De acordo com a pesquisa, *Retratos da Leitura no Brasil* 3, apenas 18% da população brasileira com 5 ou mais anos de idade acessam a

Internet todos os dias e 40% desse percentual utilizam a Internet para trabalho escolar, estudo e pesquisa, o que inclui as redes sociais. Um ponto importante que vale investigar diz respeito à confiabilidade dessas fontes.

## 6.8 LEITURA INFORMATIVA: FONTES E FREQUÊNCIA

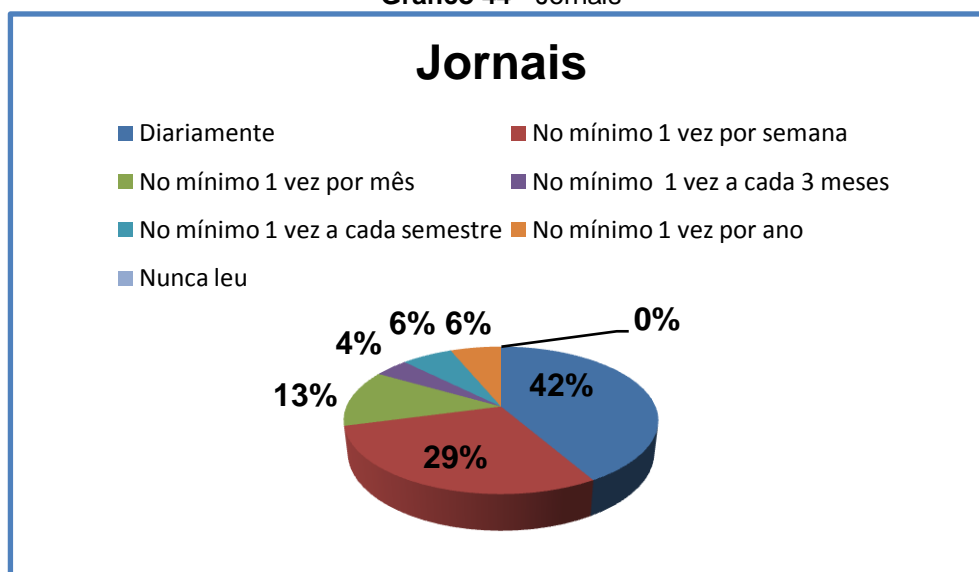
Esta questão analisa a leitura informativa em relação ao uso das fontes e a frequência praticada pelos estudantes de Biblioteconomia da UnB.

De acordo com os resultados relacionados à leitura de revistas, 42% dos estudantes responderam ler revistas no mínimo 1 vez por semana e 19% relataram ler no mínimo 1 vez por mês. O Gráfico 43 apresenta os resultados.



Outra fonte de leitura informativa analisada foram os jornais. De acordo com o Gráfico 44, percebe-se que 42% dos estudantes realizam leitura diariamente e 29% declararam realizá-la no mínimo 1 vez por semana.

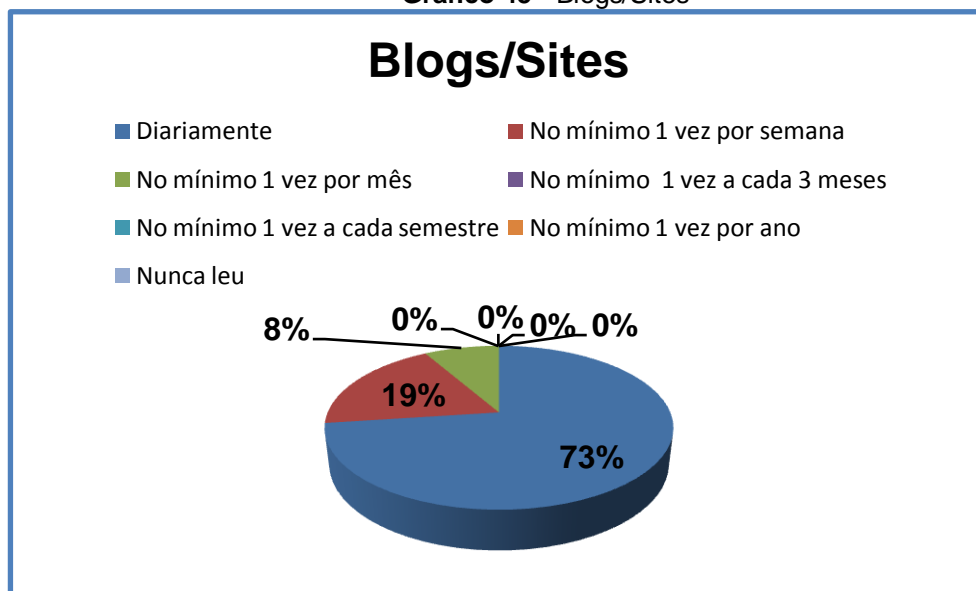
Gráfico 44 - Jornais



Fonte: Elaboração Própria

Os blogs e sites são fontes utilizadas para a realização da leitura informativa. Os resultados, apresentados no Gráfico 45, mostram que 73% dos estudantes realizam a leitura diariamente e 19% declararam ler no mínimo 1 vez por semana.

Gráfico 45 - Blogs/Sites



Fonte: Elaboração Própria

Em relação às redes sociais, observa-se que são utilizadas para a leitura informativa diariamente por 75% estudantes. Outros 15% de estudantes declararam efetuar a leitura no mínimo 1 vez por semana. O Gráfico 46 apresenta os resultados.

**Gráfico 46 - Redes sociais**



Fonte: Elaboração Própria

Os dados mostram que na leitura informativa as fontes mais utilizadas são as redes sociais, seguidas das leituras nos blogs/sites, e em terceiro lugar pelas revistas e jornais. De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3*, as revistas são as fontes mais utilizadas pelos brasileiros (53%), seguido dos jornais (48%) e dos textos na Internet que ocupam o 7º lugar (23%).

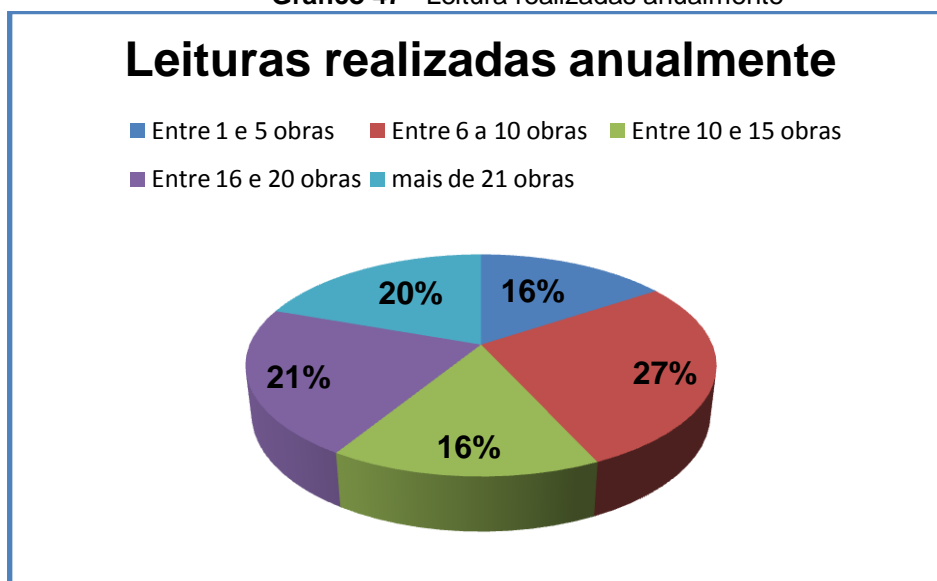
## 6.9 OBRAS LIDAS ANUALMENTE

A questão analisou a quantidade de obras lidas no período de um ano pelos estudantes de Biblioteconomia da UnB, considerando todos os suportes. Desse modo, obtiveram-se os seguintes resultados:

Entre os respondentes, 27% dos estudantes leem entre 6 e 10 obras anualmente. Outros 20% leem entre 1 e 5 obras anualmente. O Gráfico 47 mostra os resultados.



**Gráfico 47** - Leituras realizadas anualmente



Fonte: Elaboração Própria

Ao comparar os resultados obtidos nesse item com os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3*, que indica a média de 4 livros por habitante, pode-se concluir que os estudantes de Biblioteconomia leem acima da média dos brasileiros.

#### 6.10 DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DA BIBLIOTECONOMIA: FORMAÇÃO DE LEITORES

A questão objetivou verificar se os estudantes consideram que as disciplinas obrigatórias do curso de graduação em Biblioteconomia na UnB possibilitam o ensino para a formação do leitor.

Para o tratamento das informações foram identificadas palavras-chave ou conceitos representativos das respostas, e em seguida, foram contabilizados de forma estatística. Posteriormente, os conceitos semelhantes foram novamente categorizados, obtendo-se os seguintes resultados.

De acordo com 85% dos estudantes as disciplinas obrigatórias de Biblioteconomia não capacitam para o ensino da leitura. Apenas 15% afirmaram que Biblioteconomia capacita profissionais para lidar com a leitura. O Gráfico 48 apresenta os resultados.

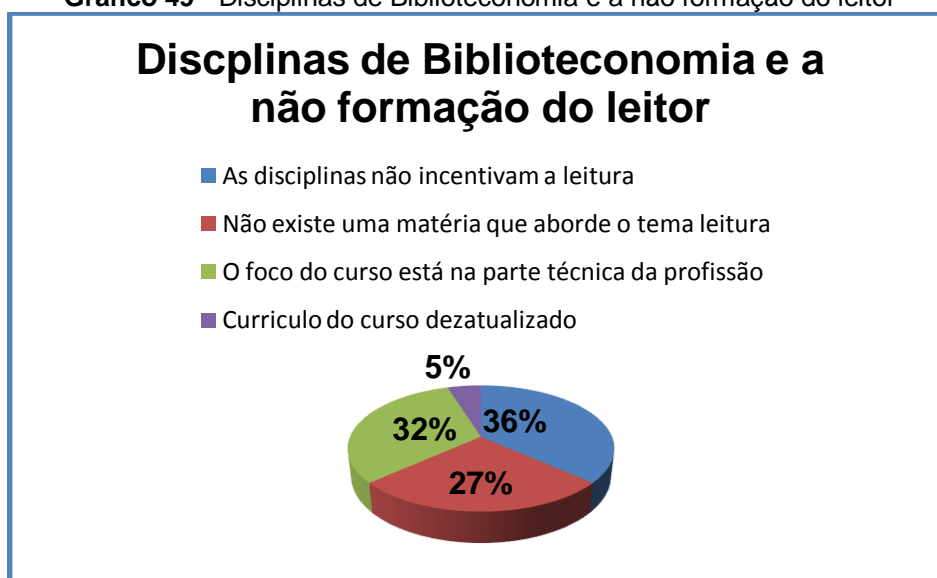
**Gráfico 48** - Disciplina de Biblioteconomia e formação do leitor



Fonte: Elaboração Própria

Entre as justificativas mais citadas, 36% dos respondentes declararam que as disciplinas da Biblioteconomia não incentivam a leitura, seguido de 32% que afirmam que o foco do curso centra-se na parte técnica da profissão. O Gráfico 49 apresenta os resultados.

**Gráfico 49** - Disciplinas de Biblioteconomia e a não formação do leitor

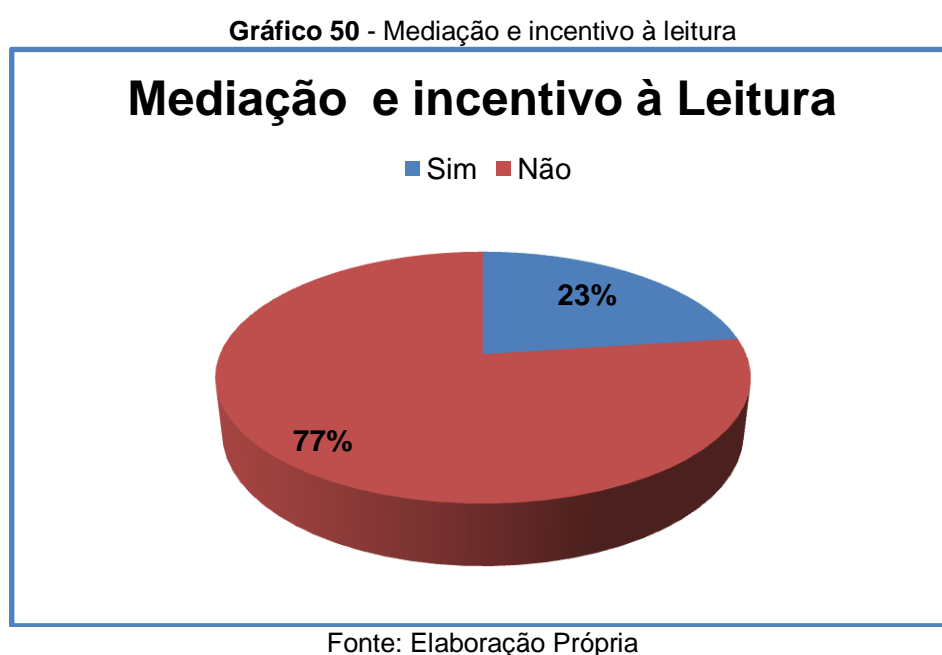


Fonte: Elaboração Própria

## 6.11 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: MEDIAÇÃO E INCENTIVO À LEITURA

A questão analisou a avaliação dos estudantes em relação à atuação como profissional responsável para mediar o incentivo à leitura. Novamente, foram identificadas palavras-chave ou conceitos representativos das respostas, e posteriormente eles foram novamente categorizados.

O Gráfico 50 apresenta os dados. Observa-se que 77% dos estudantes não se sentem preparados para mediar e incentivar a leitura. Apenas 23% dos estudantes declararam estar preparados para realizar tais atividades.

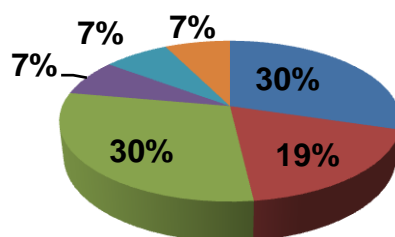


A questão centrou-se na justificativa dos estudantes sobre o conhecimento para mediar o incentivo à leitura. De acordo com os resultados, 30% dos respondentes responderam que a principal causa baseia-se no fato de não possuir conhecimentos necessários para tais atividades. Por outro lado, 30% deles afirmam que o curso não possui matérias voltadas para o ensino-aprendizagem da leitura. Outros 10% dos respondentes declaram que a forma com que o curso aborda o tema leitura não é suficiente.

**Gráfico 51** - Motivos para justificar a não mediação no incentivo à leitura

### **Motivos para justificar a não mediação no incentivo à leitura**

- Não possui conhecimentos necessários
- A forma com que o curso aborda o tema leitura não é suficiente
- O curso não possui matérias voltada às práticas, o ensino e a aprendizagem da leitura
- Por considerar que lê pouco
- Sente-se preparado para mediar, mas não para incentivar
- Sente-se preparado mas, não pelo conhecimento que obteve na graduação



Fonte: Elaboração Própria

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, realizada por meio de análise documental e de aplicação de questionário aos estudantes dos sétimo e oitavo período do curso de graduação em Biblioteconomia da UnB, revela que:

O perfil do estudante é composto em sua maioria pelo gênero feminino, com idade entre 21 e 25 anos. Os estudantes moram no Distrito Federal, havendo poucos que moram no entorno. Com relação à renda familiar do estudante, o maior percentual situa-se na faixa acima de R\$ 3.000,00. No que tange a formação anterior à graduação, a maioria dos estudantes cursaram o ensino fundamental e médio em instituição particular.

Após analisar os conteúdos das disciplinas do curso de graduação em Biblioteconomia, constatou-se que, apesar de todas apresentarem em seus programas metodologia que inclui a leitura em atividades como, discussão e resumos de textos, nenhuma disciplina contém conteúdos de ensino de leitura.

De acordo com a análise dos estudantes sobre as disciplinas que fundamentam o trabalho de incentivo e o desenvolvimento de recursos para o aprendizado da leitura, as mais citadas foram: “História do livro e das bibliotecas”, “Biblioteca escolar” e “Análise da informação”. As principais motivações que levaram os estudantes a identificarem as disciplinas foram, entre outras: incentivo à leitura, possuir grande carga de leitura e abordagem de conteúdos sobre leitura.

A relação da leitura com os estudantes inicia-se com a análise das principais dificuldades de leitura, na qual observou-se que a maioria dos estudantes possui facilidade com relação à concentração, compreensão, conhecimento das estratégias de leitura, interesse pela leitura e vocabulário amplo. As dificuldades relacionam-se ao pouco tempo disponível para leitura, seguido de impaciência para ler.

Com relação às competências para ensinar e estimular leitores, os estudantes declararam possuir pouco conhecimento relacionado às teorias que explicam como ocorre a leitura e os aspectos cognitivos, à didática para o ensino da leitura, às políticas públicas para o livro e para a leitura e à adequação das características de livros às faixas etárias. A maioria declara possuir grande capacidade de formação continuada e habilidades que facilitam o acesso à informação.

Diante das práticas de leitura dos estudantes, a leitura literária é praticada de 3 a 4 vezes por semana, assim como a leitura informativa e a acadêmica. Em se tratando dos gêneros literários, os estudantes apontam os mais lidos, apresentados em ordem decrescente: Romance; Fábula; Crônica; Poesia/Drama; Conto; Cordel; Drama; Religioso; Auto-ajuda.

Diante disso, relacionando a questão em que os estudantes citam suas últimas leituras, os gêneros seguiram a mesma ordem das primeiras colocações da análise anterior, quais sejam: Romance; Fábula; Drama. A maioria realizou a última leitura há 1 mês da aplicação do questionário.

A prática da leitura acadêmica revela que as redes sociais constituem-se na principal fonte utilizada. Com relação à leitura informativa, observou-se que, a grande maioria dos estudantes utilizam predominantemente os Blogs/Sites (73%), seguido das Redes Sociais (75%), ambos acessados diariamente.

Ainda com relação às práticas de leitura, considerando todos os gêneros e suportes disponíveis, os estudantes declararam ler entre 6 e 15 obras anualmente.

Em relação à capacitação para o ensino de leitura, a maioria dos estudantes afirmaram que a Biblioteconomia não capacita profissionais com esse foco. Isso porque o curso enfatiza a parte técnica da profissão, as disciplinas não incentivam a leitura e não existe disciplina específica sobre o ensino de leitura. Por outro lado, a maioria dos estudantes declararam não estar preparados para exercer tais atividades por não possuírem conhecimentos necessários e pela falta de conteúdos sobre o assunto abordados no curso.

Nesse sentido, pensar a leitura na formação do bibliotecário é repensar sobre o papel educacional e social do profissional. Cabe ressaltar que a leitura está presente não apenas no contexto escolar, mas no cotidiano das pessoas, nesse sentido, os bibliotecários podem ajudar muito na formação dos leitores, por meio de um trabalho em parceria com a família, professores e sociedade.

Delegar essa responsabilidade somente aos professores pode ser omissão do profissional. Atualmente, a Biblioteconomia atinge esferas que transcendem as paredes da biblioteca, englobando todo o processo que envolve a informação, a qual se insere no sistema de comunicação humana, que por sua vez, centra-se na leitura como processo crucial.

## REFERÊNCIAS

ABEP. **Critério de Classificação Econômica Brasil - CCEB**. Disponível em: <<http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=835>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J. P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

ARAÚJO, C. S.; SILVA, E. B. F.; SILVA, A. K. A. Práticas de leitura e competências profissionais do bibliotecário: um estudo a partir dos trabalhos de conclusão do curso de Biblioteconomia/UFPB. **Biblionline**, João Pessoa, n. esp., p. 117-125, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/9630/5243>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

BARTHES, Roland; COMPAGNON, Antonie. Leitura. In: **Enciclopédia Einaudi**: oral/escrito, argumentação. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987. v. 11, p. 184-206.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCHE, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-45, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000005180&dd1=5db4b>>. Acesso em: 05 maio 2013.

BORGES, Maria Alice Guimarães; BRITO, Marcílio de (Org.). **Os primeiros anos de biblioteconomia na UnB**. Brasília: UnB/FCI, 2012. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/473907-Os-Primeiros-Anos-da-Faculdade-de-Biblioteconomia-na-UnB/>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

BORTOLIN, S. **Mediação oral literária**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em: <[http://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin\\_s\\_do\\_mar.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_do_mar.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2013.

BRANDALISE, Loreni Teresinha. **Modelos de medição de percepção e comportamento**: uma revisão. 2005. Disponível em: <<http://www.lgti.ufsc.br/brandalise.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES 19, de 13 de março de 2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 de abril de 2002. Seção I, p. 34.

CAMURÇA, Tatiana Apolinaro. Dificuldades de Leitura na Formação Superior uma questão de exclusão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Alagoas. **Anais**

**eletrônicos...** Alagoas, 2011. Disponível em:  
<<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/471/659>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

CANTALICE, L. M. ; OLIVEIRA, K. L. Estratégias de leitura e compreensão textual em universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, p. 227-234, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a04.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013. p. 228.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2005. p. 67.

CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000. p. 64, 73, 86, 198.

CHARTIER, Anne-Marie. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.00, p. 17-52, set./dez. 1995. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n00/n00a03.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Fapesp, 1999. p.19-31. p. 25, 26, 27, 29, 31.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Carreira**. Disponível em: <<http://www.crb6.org.br/carreira.php>>. Acesso em: 20 maio 2013.

CORETH, Emerich. **Questões fundamentais de hermenêutica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 43.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008. p. 222.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura, via de acesso ao conhecimento: algumas reflexões. In: SANTOS, J.P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 65-76.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-livro, 2012.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Curitiba: Aurélio Positivo, 2012.

FGV. **Centro de políticas sociais**. Disponível em: <<http://cps.fgv.br/node/3999>>. Acesso em: 25 jun. 2013.



FISHER, Steven Roger. **Historia da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 8. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=vE\\_TtRotBFsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=vE_TtRotBFsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 16 abr. 2013. p. 8, 11, 14, 15, 25, 34, 40.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2007. p. 1.

FONTANA, N. M. Variação no desempenho de leitura de universitários. In: COLÓQUIO LEITURA E COGNIÇÃO, 2, 2005, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: Unisc, 2005. Disponível em: [http://www.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/coloquios/ii/variacao\\_d\\_ese desempenho\\_leitura\\_universitarios.pdf](http://www.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/coloquios/ii/variacao_d_ese desempenho_leitura_universitarios.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2013.

FRAGOSO, Graça; DUARTE, Rogério. Livro, leitura, biblioteca ... uma história sem fim. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 166-170, 2004. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/383/467>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

FRANCO, Jôsy Roquete. Leitura: habilidade essencial no ensino superior. **Revista científica da faculdade Atenas**, Paracatu, 2010. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/REVISTAS/REVIST2010/14.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação. Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, ago. 2004. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/ago04/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/ago04/Art_01.htm)>. Acesso em: 06 maio 2013. p. 5.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez. 2010. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1819/1381>>. Acesso em: 15 maio 2013. p. 87.

GRASSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2004.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**: educação. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=df&tema=censodemog2010\\_edu](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=df&tema=censodemog2010_edu)>. Acesso em: 26 jun. 2013.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia para pesquisa e desenvolvimento**: aplicada a novas tecnologias, produtos e processos. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2004. p. 158.

KOBASHI, Nair. Y. **A elaboração de informações documentárias**: em busca de uma metodologia. São Paulo: ECA/USP, (Tese), 1994.

KOPKE FILHO, Henrique. Estratégias para desenvolver a metacognição e a compreensão de textos teóricos na Universidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 1, n. 2-3, p. 59-67, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v1n2-3/v1n2-3a07.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Leitura e interpretação em biblioteconomia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. p. 35,39.

MADER, Helena. Ensino no Distrito Federal está cada vez mais privado, diz Censo do IBGE. **Correio Braziliense**, Brasília, 04 dez. 2011. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/12/04/interna\\_cidade\\_sdf,281340/ensino-no-distrito-federal-esta-cada-vez-mais-privado-diz-censo-do-ibge.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/12/04/interna_cidade_sdf,281340/ensino-no-distrito-federal-esta-cada-vez-mais-privado-diz-censo-do-ibge.shtml)>. Acesso em: 26 jun. 2013.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Anhembi, 1957.

MIRANDA, Antonio. **Ciência da Informação**: teoria e metodologia de uma área em expansão. Brasília: Thesaurus, 2003.

NEIS, Ignacio Antonio. A competência de leitura. **Letras de Hoje**, n. 48, junho de 1982, p. 43-57

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. A leitura como prática pedagógica na formação. In: SANTOS, J. P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 17-32. p. 17, 26,

NEVES, Rogério Xavier. A leitura e o estudante de biblioteconomia: um instrumento para sua formação. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 3, n. 6, n. 6, set. 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/30/5032>>. Acesso em: 03 maio 2013.

OHIRA, M. L. B. et al. Alteração curricular do curso de biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. **Transinformação**, Campinas, v.14, n.1, p.71-82, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1509/1483>>. Acesso em: 19 maio 2013. p. 73.

OLIVEIRA, Claudionor dos Santos. **Metodologia científica, planejamento e técnicas de pesquisa**: uma visão holística do conhecimento humano. São Paulo: LTR, 2000.

OLIVEIRA, Marlene de. (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 23.

OLIVEIRA, Mônica Lopes de. Competência leitora e habilidades de leitura: prática reflexiva e participação crítica. **Revista UniABC**, Santo André, v. 2, n. 2, 2011.

Disponível em:

<[http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/09\\_Competencia\\_Leitora\\_e\\_Habilidades\\_de\\_Leitura.pdf](http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/09_Competencia_Leitora_e_Habilidades_de_Leitura.pdf)>. Acesso em: 12 de maio 2013.

PONTES, Rute Batista de; VÁLIO, Else Benetti Marques. Leitura do bibliotecário acadêmico; formação e atuação. **Transinformação**, Campinas, v. 10, n. 3, set./dez. 1998. Disponível em:

<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000162&dd1=74626>>. Acesso em: 01 maio 2013.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 18, n. 36, jan./abr. 2013. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2013v18n36p157/24518>>. Acesso em: 22 maio 2013.

RODRIGUES JUNIOR, José Florêncio. **Avaliação do estudante universitário**. Brasília: SENAC, 2009.

SÁ-SILVA, Jakcson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em:

<[http://www.rbhcs.com/index\\_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf](http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2013.

SANTOMAURO, Beatriz. Leitura de textos informativos: um raio x na notícia. **Nova Escola**, São Paulo, n. 225, 2009. Disponível em:

<<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/raio-x-noticia-497049.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

SANTOS, Jussara Pereira. Reflexões sobre currículo e legislação na área da biblioteconomia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 3, n. 6, n. 6, set. 1998. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/17/62>>. Acesso em: 19 maio 2013.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações.

**Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>. Acesso em: 18 maio 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortêz, 2005. p. 69.

\_\_\_\_\_. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1995. p. 94.

\_\_\_\_\_. Teoria e prática da leitura: eis o que falta ao nosso bibliotecário. In: . **Literatura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2010. p. 89-100. p. 96.

SILVA, M. J. M.; SANTOS, A. A. A. A avaliação da compreensão em leitura e o desempenho acadêmico de universitários. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 3, p. 459-467, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a13.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Modelos teóricos e estratégias de leitura: suas implicações no ensino**. Maceió: EDUFAL, 2005. p. 65.

SISTEMA de avaliação de competências: projeto Sesi por um Brasil alfabetizado. Unesco: Sesi/DN, 2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Editora Atmed, 1998.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UFCS, 1990. p. 86-87.

SOUZA, Leila. **A importância da leitura para a formação de uma sociedade consciente**. [200-] Disponível em: <<http://www.cinform.ufba.br/7cinform/soac/papers/f42e0a81e967e9a4c538a2d0b653.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

SUTTER, Miriam. Pelas veredas da memória: revistando ludicamente velhas palavras. In: YUNES, Eliana. (Org.). **Pensar leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002. p. 69-75.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Biblioteconomia: manual do curso de graduação**. Brasília: UnB, 2005. Disponível em: <<http://www.cid.unb.br/index.php/manuais#>>. Acesso em: 12 maio 2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Projeto de criação da Faculdade de Ciência da Informação**. Brasília: UnB, 2010. Disponível em: <<http://www.cid.unb.br/index.php/documentos#>>. Acesso em: 13 maio 2013.

ZARIFIAN, Philippe. **O modelo da competência: trajetória histórica, desafios atuais e propostas**. São Paulo: SENAC, 2003.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES

### Universidade de Brasília-UnB Faculdade de Ciência da Informação-FCI

Caro estudante,

O presente questionário pretende coletar dados para a pesquisa de conclusão de curso, orientado pela Prof(a). Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque, da Universidade de Brasília-UnB. A pesquisa tem o objetivo de analisar a questão da leitura no âmbito da formação do estudante de Biblioteconomia da UnB, bem como a percepção em relação ao contexto profissional. A aplicação deste tem finalidade exclusivamente acadêmica e os dados serão analisados estatisticamente.

Sua participação é fundamental para realização desta pesquisa.

Desde já, obrigada.

*\*Obrigatório*

**1) Gênero: \***

- ☐ Masculino  
☐ Feminino

**2) Faixa etária: \***

- ☐ Até 20 anos  
☐ Entre 21 e 25 anos  
☐ Entre 26 e 30 anos  
☐ + de 31 anos

**3) Você cursa disciplinas predominante de qual período? \***

- ☐ 7º Semestre  
☐ 8º Semestre  
☐ Outros

**4) Onde mora: \***

- ☐ Brasília  
☐ Cidade-satélite  
☐ Entorno

**5) Qual a sua renda familiar mensal : \***

- ☐ Até R\$ 1.000,00  
☐ De R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00  
☐ De R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00  
☐ Acima de R\$ 3.000,00

**6) Estudou em escola: \***

	Instituição Pública	Instituição Particular
Ensino Fundamental	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ensino Médio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**7) Considerando as dificuldades de leitura relacionadas, quais você possui: \***  
 Enumere de 0 a 5 considerando o número 5 = maior dificuldade

	0	1	2	3	4	5
Dificuldade de concentração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dificuldade de compreensão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pouco tempo disponível para leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de interesse	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de conhecimento de estratégias de leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Impaciência para ler	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vocabulário escasso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Problemas ou limitações físicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**8) Liste as disciplinas cursadas na Universidade (disciplinas ofertadas na FCI ou em outro departamento da UnB) que lhe deram base para trabalhar o incentivo à leitura e o desenvolvimento de recursos para o aprendizado da leitura. Justifique: \***

**9) O bibliotecário é o mediador da informação, tanto para orientar a utilização como para formar leitores. Das competências, habilidades, atitudes e conteúdos necessários para ensinar a prática da leitura, avalie o seu domínio: \***

Enumere de 0 a 5 considerando o 0 = nenhum domínio

	0	1	2	3	4	5
Teorias que explicam como ocorre a leitura e seus aspectos cognitivos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Didática para o ensino da leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planejamento de atividades ligadas ao incentivo à leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimento das políticas públicas para o livro e a leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adequação das características de livros às faixas etárias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Habilidades que facilitam o acesso à informação, em seus diferentes suportes para quem solicitar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Capacidade de formação continuada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**10) Quanto aos tipos de leitura, quais você pratica com mais frequência: \***

	1 vez por semana	De 3 a 4 vezes por semana	No mínimo 1 vez por quinzena	No mínimo 1 vez por mês	No mínimo 1 vez a cada semestre	No mínimo 1 vez por ano
Leitura Literária	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



	1 vez por semana	De 3 a 4 vezes por semana	No mínimo 1 vez por quinzena	No mínimo 1 vez por mês	No mínimo 1 vez a cada semestre	No mínimo 1 vez por ano
Leitura Informativa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura Acadêmica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**11) Em se tratando de leitura literária, quais os gêneros e com que frequência você pratica: \***

	Diariamente	No mínimo 1 vez por semana	No mínimo 1 vez por mês	No mínimo 1 vez a cada 3 meses	No mínimo 1 vez a cada semestre	No mínimo 1 vez por ano	Nunca leu
Romance (texto completo, com tempo, espaço e personagens bem definidos de carácter verossímil)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fábula (texto de carácter fantástico, que não tem nenhuma semelhança com a realidade)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cordel (texto tipicamente brasileiro em que se retrata, com forte apelo linguístico e cultural nordestinos, fatos diversos da sociedade)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\*



	Diariamente	No mínimo 1 vez por semana	No mínimo 1 vez por mês	No mínimo 1 vez a cada 3 meses	No mínimo 1 vez a cada semestre	No mínimo 1 vez por ano	Nunca leu
Drama (textos que foram escritos para serem encenados em forma de peça teatral)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Poesia/Poema (textos que expressam sentimento)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conto (texto narrativo breve, e de ficção, geralmente em prosa, que conta situações rotineiras)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
*							
	Diariamente	No mínimo 1 vez por semana	No mínimo 1 vez por mês	No mínimo 1 vez a cada 3 meses	No mínimo 1 vez a cada semestre	No mínimo 1 vez por ano	Nunca leu
Crônica (narrativa informal, ligada à vida cotidiana, com linguagem coloquial, breve, com um toque de humor e crítica)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Religioso (textos que possuem temática religiosa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Diariamente	No mínimo 1 vez por semana	No mínimo 1 vez por mês	No mínimo 1 vez a cada 3 meses	No mínimo 1 vez a cada semestre	No mínimo 1 vez por ano	Nunca leu
Auto-ajuda (textos que abordam temas de psicologia, ética, moral e estilo de vida)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<b>12) Quando e qual o último livro de literatura você leu? *</b>							
<div></div>							
<b>13) Em se tratando da leitura acadêmica, quais as fontes e com que frequência você pratica: *</b>							
	Diariamente	No mínimo 1 vez por semana	No mínimo 1 vez por mês	No mínimo 1 vez a cada 3 meses	No mínimo 1 vez a cada semestre	No mínimo 1 vez por ano	Nunca leu
Obra técnica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Periódicos científicos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Blogs/Sites especializados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Redes Sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<b>14) Em se tratando da leitura informativa, quais as fontes e com que frequência você pratica: *</b>							
	Diariamente	No mínimo 1 vez por semana	No mínimo 1 vez por mês	No mínimo 1 vez a cada três meses	No mínimo 1 vez a cada semestre	No mínimo 1 vez a cada ano	Nunca leu
Revistas (isto é, carta capital,etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Diariamente	No mínimo 1 vez por semana	No mínimo 1 vez por mês	No mínimo 1 vez a cada três meses	No mínimo 1 vez a cada semestre	No mínimo 1 vez a cada ano	Nunca leu
Blogs/Sites	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Redes Sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15) Considerando todos os tipos de leitura, quantas obras (livros, ebooks) você lê anualmente? \*

☐ Entre 1 e 5

☐ Entre 6 a 10

☐ Entre 10 e 15

☐ Entre 16 e 20

☐ + de 21

16) Na sua opinião, de acordo com as disciplinas obrigatórias, a Biblioteconomia é um curso que capacita profissionais leitores? Por quê? \*

☐ Sim

☐ Não


\*

17) De acordo com as suas perspectivas profissionais, sente-se preparado para mediar e incentivar a leitura? Por quê? \*

☐ Sim

☐ Não

Nunca envie senhas em formulários do Google.

Powered by  


Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.  
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

## ANEXO A - EMENTAS DAS DISCIPLINAS QUE POSSUEM CONTEÚDOS DE LEITURA



UnB  
FCI - Faculdade de Ciência da Informação  
Curso de Biblioteconomia

**Nome da disciplina:** ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO INTELECTUAL

**Código:** 182427

**Vigência:** 2013/1

**Nível:** Graduação

**Professor :** Marcílio de Brito

**E-mail :** mdebrito@unb.br

**Ementa da disciplina:** O problema do conhecimento em geral. Lógica e método da ciência. Racionalidade e objetividade da ciência. O desenvolvimento das ciências no Ocidente. O método de estudo eficiente. O trabalho científico. Recensões e resumos. Relatório de pesquisa. A monografia. Fontes bibliográficas. Crítica bibliográfica. A documentação. Crítica da documentação. Seleção de apuração do material. Redação. A linguagem científica.

### **Objetivos:**

A disciplina pretende que o aluno apreenda conceitos básicos da organização do trabalho intelectual, visando capacitá-lo a:

- a) perceber o papel da literatura científica na ciência
- b) compreender a organização da literatura científica;
- c) compreender a estrutura de textos acadêmicos e científicos;
- d) desenvolver habilidade de leitura de textos científicos;
- e) desenvolver habilidades de análise e síntese para entender, avaliar e integrar fatos e opiniões retiradas da literatura;
- f) realizar levantamentos sobre um tema na literatura;
- g) redigir revisões de literatura sobre um tema de acordo com as normas estabelecidas.

### **Procedimentos de ensino e avaliação:**

Serão utilizadas diversas técnicas de ensino: aulas expositivas, trabalhos seguidos de apresentação pelos alunos, aulas práticas:

Avaliação	
Participação nas atividades em classe da disciplina (inclusive presença)	10%
Testes e exercícios	25%
Trabalho escrito final: 1ª etapa DESENVOLVIMENTO	30%
Trabalho escrito final: 2ª etapa Trabalho completo	30%
Apresentação do trabalho final	5%
TOTAL	100%

NOTA sobre o Trabalho final (individual): os alunos deverão apresentar um texto original que represente uma revisão da literatura: trabalho de análise, síntese e integração de ideias e informações obtidas pela leitura de vários textos sobre um tema de livre escolha, nas áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arquivologia ou

Museologia. O texto deve seguir as normas ABNT vigentes que se apliquem ao artigo científico.

Esse texto será apresentado em duas etapas:

Etapas	
<b>1ª etapa:</b>	Desenvolvimento, que corresponde à parte substancial do trabalho.
<b>Apresentação do conteúdo</b>	<b>14 e 16 de maio</b>
<b>Datas limites para entregar a 1ª etapa:</b>	<b>Terça-feira (21/05) anterior à semana do TRANCAMENTO.</b>
<b>2ª etapa:</b>	Texto completo, contendo Introdução, Desenvolvimento, Conclusão, e os elementos pré- e pós-textuais, obedecendo às normas da ABNT vigentes que se aplicam ao artigo científico.
<b>Data limite para entregar a 2ª etapa:</b>	<b>16 de julho</b>
<b>Apresentação do trabalho final</b>	<b>18 e 23 de julho</b>

#### Conteúdos:

1. Conceitos relacionados à ciência e ao método científico (noções).
2. Tipos e características das publicações científicas acadêmicas
3. Estrutura do texto científico e acadêmico.
4. Técnicas de leitura e de redação a partir de fontes; anotações, citações. ABNT.
5. Redação de um documento sobre uma revisão de literatura, seguindo as normas de um artigo de periódico.

#### Bibliografia básica:

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs.). Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. Florianópolis: Ed. da UFSC, São Paulo: Cortez, 2006.p. 24-44.

ATHAYDE, Públio. **Manual para redação acadêmica**. Belo Horizonte: Editora Keimelion, 2002. Disponível em: <http://d.scribd.com/docs/q5fkf3roezjdihw4g5l.pdf>. Acesso em abril de 2013.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Metodologia científica**. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met01.htm> Acesso em abril de 2013.

Ver capítulo 2: tipos de conhecimento. **CITAÇÃO Bibliográfica padrão ABNT**. Elaborado por Gildenir Carolino Santos e Rosemary Passos. Campinas, Faculdade de Educação Biblioteca Prof. Joel Mendes, 2005. Disponível em: <http://www.bibli.fae.unicamp.br/download/citacao.doc> Acesso: em abril de 2013.

CAMPELLO, B. S., CENDÓN, B. V. e KREMER, J. M. (orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

CASTRO, Claudio de Moura. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976. 70p



Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Ciência da Informação  
Disciplina: Editoração (145084)  
Período: 1/2013  
Professor: José Antonio Machado do Nascimento

#### PLANO DE ENSINO

##### 1. EMENTA

Introdução geral às técnicas de edição de textos e aos processos de produção, distribuição e comercialização de livros e periódicos.

##### 2. OBJETIVOS

Conhecer os aspectos teóricos e práticos da editoração.  
Conhecer os fundamentos e as funções do planejamento editorial.  
Planejar linhas e produtos editoriais.  
Executar processos e atividades relacionadas a editoração.

##### 3. PROGRAMA

###### Módulo 1 – Noções básicas de editoração

Editoração: conceitos e um pouco da história – do tradicional ao eletrônico.  
Leitura e legibilidade: o processo de leitura; breve estudo da legibilidade e estudo dos caracteres.  
Redação do texto.

###### Módulo 2 – Processo gráfico, edição, linhas e produtos editoriais

Planejamento editorial.  
Tipos de publicação: seriada periódica, seriada não periódica e não seriada.  
Editoração científica: artigos e outros comunicados técnicos não científicos.  
Livros: sua criação, tipos, elementos externos, elementos pré-textuais, elementos textuais e elementos pós-textuais.  
Normas técnicas de editoração (ABNT);  
Tipos de papel, ilustração, cores, técnicas de impressão, composição, montagem e acabamento.

###### Módulo 3 – Editoração eletrônica de documentos

Sistemas de editoração eletrônica.  
Técnicas de editoração eletrônica.  
Editoração eletrônica de documentos.

###### Módulo 4 – Projeto em editoração

Design do livro digital.  
Projeto experimental em editoração.

#### 4. METODOLOGIA

- a) aulas expositivas;
- b) exercícios práticos;
- c) leitura e discussão de textos;
- d) palestras com profissionais convidados;
- e) apresentação de projeto experimental em editoração.

#### 5. AVALIAÇÃO

Participação individual: apresentação de exercícios, leitura e discussão de textos – 30%

Prova: questões subjetivas – 30%

Projeto final: elaboração de uma projeto experimental em editoração – livro digital (individual) – 40%

OBS: Não serão aceitos trabalhos fora do prazo estabelecido. A participação individual levará em conta a entrega dos trabalhos e a contribuição do aluno nas discussões do projeto final.

#### 6. BIBLIOGRAFIA

Autor : ARAUJO, Emanuel

Obra : A Construção do Livro: Princípios da Técnica de Editoração

Local : Rio de Janeiro/RJ/Brasil

Editor: Nova Fronteira; Brasília: INL

Ano : 1986

Autor : KNICHALA, Catarina

Obra : Editoração: Técnica da Apresentação do Livro

Local : Rio de Janeiro/RJ/Brasil

Editor: Presença/Brasília: INL

Ano : 1981

Autor : RIBEIRO, Milton

Obra : Planejamento Visual Gráfico

Local : Brasília/DF/Brasil

Editor: Linha

Edição: 3a / 464p.